

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Raphael Bonini Alves

**A NOTÍCIA NA INTERNET: O PROCESSO DE CIRCULARIDADE DO
WEBJORNALISMO PELO OLHAR ECOSISTÊMICO**

MANAUS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Raphael Bonini Alves

**A NOTÍCIA NA INTERNET: O PROCESSO DE CIRCULARIDADE DO
WEBJORNALISMO PELO OLHAR ECOSISTÊMICO**

Orientador: Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas como requisito de obtenção do título de mestre.

MANAUS

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A474n	<p>Alves, Raphael Bonini</p> <p>A notícia na internet : O processo de circularidade do webjornalismo pelo olhar ecossistêmico / Raphael Bonini Alves. 2017</p> <p>149 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. webjornalismo. 2. notícias. 3. Ecossistemas Comunicacionais. 4. jornalismo. I. Monteiro, Prof. Dr. Gilson Vieira II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

“Há a clara necessidade de pensar a Amazônia como totalidade, com partes que se interconectam, mesmo que isso signifique extrapolar as fronteiras tradicionalmente constituídas dos campos do conhecimento. Essa é a condição prévia para dar conta da tarefa que a pesquisa da comunicação impõe”.

Gilson Monteiro e Sandro Colferai.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.

Aos meus pais, Renel e Maria Bernadete, aos meus irmãos, Renel e Ana Clara, e a todos da minha família, pelo apoio incondicional nessa jornada, pelo incentivo ao caminho da pesquisa, da leitura e dos estudos e por participar das minhas conversas sobre comunicação.

Ao meu orientador, Gilson, por todo seu conhecimento e ideias compartilhados desde a graduação e pelos desafios propostos durante o percurso da dissertação, instigando um novo pensamento para a comunicação, o olhar amazônico, que me permite encerrar o ciclo do mestrado como um pesquisador disposto a estudar o campo de forma relevante.

Aos amigos mais próximos e aos que conquistei pelo mestrado pelas conversas, bate-papos e discussões, entre aulas, encontros e reuniões do grupo de pesquisa, que me deram mais energia para produzir e permitiram reflexões sobre o trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM) pelas aulas e debates realizados que ajudaram a ampliar meu conhecimento, em especial à professora Maria Luiza Cardinale que, com todo seu carinho, atenção e inteligência, foi essencial para a conclusão da pesquisa.

E a todos que de alguma forma contribuíram para o resultado dessa pesquisa e para tornar o processo mais agradável.

RESUMO

A emergência da internet desencadeia alterações no jornalismo com o estabelecimento do meio online como participante do processo da notícia. O webjornalismo permite a apreensão do tempo e do espaço, com uma notícia veloz e acessível pela memória. O objetivo deste estudo é cartografar, pela perspectiva ecossistêmica, as trilhas percorridas pela notícia observando o processo de circularidade e a materialização da informação jornalística na internet pela investigação de cobertura do portal UOL. O trabalho é dividido com o desenvolvimento do Ecosistema Comunicacional, discussões teóricas sobre o webjornalismo e a investigação do processo de circularidade da notícia na internet. A base teórica é composta de teorias contemporâneas emergentes da crise da ciência que focam nas relações e na atuação em conjunto, de Edgar Morin, Humberto Maturana, Francisco Varela e Fritjof Capra, de autores que desenvolvem o conceito do Ecosistema Comunicacional na Amazônia, Gilson Monteiro e Sandro Colferai, e da importância e relevância do jornalismo e sua adaptação na internet, com Nelson Traquina, Muniz Sodré, Ciro Marcondes Filho e Dominique Wolton. A pesquisa é qualitativa, embora use dados numéricos como aproximação, do tipo descritivo, com as técnicas de buscas em documentações (diretas e indiretas) e observação e utilizando como matriz de observação as quatro perspectivas da vida social de Fritjof Capra – forma, processo, matéria e significado como permeado em todos os campos. O caso escolhido é a notícia da morte do ministro do STF, Teori Zavascki, no dia 19 de janeiro de 2017. A forma é a estrutura em rede dos elementos, o processo é a circularidade da notícia que acontece por suportes midiáticos, a matéria é como a notícia é materializada e o significado permeia todo o Ecosistema Comunicacional. Percebe-se a notícia na internet como parte de uma rede de elementos técnicos, tecnológicos, políticos, sociais e culturais que se relacionam para recorrência do processo de circularidade que resulta em um produto jornalístico hipertextual, veloz e multimídia, a notícia em rede.

Palavras-chave: webjornalismo; notícias; Ecosistemas Comunicacionais

ABSTRACT

The emergence of the internet triggers changes in journalism with the establishment of online media as a participant in the news process. The webjournalism allows the seizure of time and space, with a News that is fast and accessible by a database. The objective of this study is to map, through the ecosystem perspective, the trails traveled by the news watching the circularity process and the materialization of the journalistic information on the internet through the investigation of news coverage by UOL. This study is divided in the development of Communicational Ecosystem, theoretical discussions about webjournalism and the investigation of the circularity process of news on the internet. The theoretical basis is composed by contemporary theories emerging from the Science crisis that focus on relations e acting together, of Edgar Morin, Humberto Maturana, Francisco Varela and Fritjof Capra, of authors that developed the concept of Communicational Ecosystem in the Amazon, Gilson Monteiro and Sandro Colferai, and the importance and relevance of the journalism and adaptation on the internet, with Nelson Traquina, Muniz Sodré, Ciro Marcondes Filho and Dominique Wolton. The research is qualitative, although uses numerical data as approach, descriptive, with the techniques of documental search (direct and indirect) and observation and using as matrix of observation the four perspectives of social life of Fritjof Capra – form, process, matter and meaning as permeated in all the fields. The choosen case is the News of the death of STF minister, Teori Zavascki, in January, 19 of 2017. The form is the network structure of the elements, the process is the News circularity that happens by media support, the matter is how the news is materialized and the meaning permeates all the Communicational Ecosystem. The understanding is that the online news is part of a network of technical, technological, political, social and cultural elements that relate for the recurrent of circularity process that results in a journalistic product that is hypertextual, fast and multimedia, the network news.

Keywords: webjournalism; News; Communicational ecosystems

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O PENSAMENTO DA AMAZÔNIA	15
1.1. Ciência tradicional em crise	16
1.2. Complexidade, relações, Ecologia Profunda e redes	20
1.3. Ecosistemas Comunicacionais	33
1.4. Emergências, relações e movimentos no Ecosistema Comunicacional	38
2. A NOTÍCIA NA INTERNET – VELOZ, HIPERTEXTUAL E MULTIMIDIA	43
2.1. Relações econômicas e sociais da notícia	43
2.1.1. <i>Notícia, o produto do jornalismo</i>	50
2.2. A emergência do webjornalismo pelas relações na internet	54
2.3. Processo de circularidade da notícia	59
2.4. Conversas sobre os acontecimentos	63
2.5. Credibilidade como fator de diferenciação dos papéis	69
2.6. A notícia na internet é:	75
2.6.1. <i>Veloz</i>	75
2.6.2. <i>Hipertextual</i>	80
2.6.3. <i>Multimídia</i>	82
3. O PROCESSO DE CIRCULARIDADE NO PORTAL UOL	85
3.1. Do objeto emerge a metodologia	85
3.2. Procedimentos metodológicos	90
3.3. Panorama do Ecosistema Comunicacional	98
3.4. Processo de circularidade da notícia	105
3.5. A notícia em rede	117
4. CONSIDERAÇÕES	137
REFERÊNCIAS	143

INTRODUÇÃO

O candidato a presidente do Brasil em 2014, Eduardo Campos, sofre um acidente aéreo e morre em Santos (SP). Acontecimento de grande relevância jornalística. Em até 30 minutos depois da queda do avião, os portais da notícia na internet já destacam o acontecimento na primeira página. Nos jornais impressos, o fato é manchete no dia seguinte. Se a queda ocorre pela manhã, são quase 24 horas entre o acontecimento e a divulgação. As rádios, assim como o portal, também têm uma pequena diferença temporal entre o acontecimento e a notícia, mas quem não estiver ouvindo no horário em que o acontecimento é noticiado, perde a informação. Assim como o portal e o rádio, a televisão também pode noticiar em pouco tempo. Mas também sofre com a disponibilidade, como o rádio. Embora possa “quebrar” a grade de programação para boletins e cobertura em tempo real. Na comparação, a característica singular dos portais na internet é a divulgação do acontecimento rapidamente e disponível a qualquer momento para as pessoas. É a apreensão do tempo (velocidade) e espaço (memória). É preciso levar em consideração que o exemplo - queda do avião e morte de um candidato a presidente do Brasil em período eleitoral – utilizado neste projeto, trata-se de um fato de extrema relevância, um “mega acontecimento”, como chama Nelson Traquina (2013). Em casos de menor repercussão, os boletins e plantões ao vivo, em rádio e televisão, e cadernos especiais, no rádio, não serão utilizados. Na internet, a disponibilidade e velocidade servem para todas as notícias.

Surge a indagação: É possível entregar a informação completa 30 minutos após o fato? Na maioria das vezes, não. Ainda mais em fatos de extrema relevância. Por isso, a primeira notícia publicada na internet após o acontecimento possui apenas informações do tradicional *lead* jornalístico: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? E por quê? E nem sempre respondendo completamente a todas. Isso não significa que o portal na internet transmita informações incompletas. Dados complementares da notícia serão divulgados ao longo do dia. Utilizando novamente o exemplo do acidente aéreo de Eduardo Campos: nas horas seguintes, o portal divulga o nome dos passageiros, o que representa a morte do candidato, as causas, a investigação, outros acidentes parecidos, a resposta da empresa e outras. As mídias tradicionais entregam as informações em uma edição, de maneira linear, enquanto na internet as reportagens e complementos de informações são disponibilizados ao longo do dia, conforme os detalhes do ocorrido forem apurados. O importante é manter o usuário atualizado.

Pelas características singulares de velocidade e disponibilidade, percebe-se que a diferença das redações jornalísticas na internet para as tradicionais é produzir sem *deadline* (horário de fechamento) ou com *deadline* contínuo. Isso altera modo de apuração, produção,

edição e circulação de notícias na comparação meios tradicionais x internet, e permite duas constatações diferentes sobre a temporalidade do processo no meio online. A primeira é sobre a tranquilidade, pois sem o *deadline*, o jornalista pode apurar tudo o que for necessário antes de publicar a notícia, ao contrário de outros meios, onde existe um horário para entregar a notícia. A segunda é sobre a velocidade, pois como existe a possibilidade de publicação de conteúdo a qualquer momento, os meios de comunicação na internet querem ser o primeiro a publicar, tendo o ‘furo’ como condicionante de concorrência, o que gera uma pressa, também vista nos meios tradicionais, embora na internet com *deadline* constante. Uma observação simples na capa do portal UOL permite acompanhar a ampliação da notícia pelo dia.

O objeto de estudo desta pesquisa é a notícia na internet, ou seja, como acontece o produto do jornalismo na internet. O objetivo geral é cartografar, pela perspectiva ecossistêmica, as trilhas percorridas pela notícia observando o processo de circularidade – e não circular, pois é desordenado e caótico – e materialização da informação jornalística na internet pela investigação da cobertura noticiosa de um acontecimento realizada pelo portal UOL. Para isso, começo destacando os pontos teóricos que ajudam a conceituar o Ecosistema Comunicacional e discutindo os aspectos dos processos comunicacionais jornalísticos na internet relacionando-os às noções ecossistêmicas. Depois, faço a associação do Ecosistema Comunicacional com a cobertura jornalística de um acontecimento realizada pelo portal UOL e caracterizo o processo de circularidade da notícia na internet com base no exemplo verificado.

A importância de estudar a internet está principalmente na continuidade de discussões teóricas em um campo recente. A internet faz parte da sociedade há duas décadas. Em 1994, o portal AOL se consolidou nos Estados Unidos. No mesmo ano, o portal UOL se estabelece no Brasil. Nesse período, e com a emergência de novos empreendimentos online, a internet tornou-se um campo de exploração nas áreas de comunicação e jornalismo. Por isso a necessidade de pesquisas científicas. Com os portais de notícia, a internet passou a competir com meios de comunicação de tradicionais (impressa, rádio e televisão) pela atenção das pessoas que buscam informação. São pouco mais de 20 anos desde o primeiro grande empreendimento jornalístico no meio online, tempo praticamente nulo em comparação com outras ciências humanas (abertura do campo da sociologia nos anos 1890) e com outros ramos da comunicação (primeiros estudos sobre o impacto da comunicação de massa no início do século XX). Embora a internet tenha sido campo de atuação de pesquisas científicas desde sua emergência, seja por filósofos analisando a relação com a sociedade, sociólogos buscando entender as ações sociais, ou comunicólogos estudando práticas de conteúdo, tratando-se aqui apenas das ciências

humanas, a sociedade e a internet ainda é um campo em início de formação, em busca de conceitos (não determinações), teorias e estudos científicos. Quando se trata das práticas jornalísticas na internet, a solidificação do campo ainda exige continuidade nas discussões teóricas realizadas em pesquisas devido ao curto espaço de tempo, o que impede fortalecimento de conceitos. E além da compreensão das práticas, objetivos mais tradicionais da pesquisa, é importante observar como as modificações sociais desencadeiam alterações nos modelos da produção e circulação jornalística. Minha pesquisa pretende adentrar nesta lacuna em formação, também pelo meu interesse como pesquisador de estudar um novo campo e fazer parte de um pioneirismo da nascente visão amazônica. A ideia é observar o fazer jornalístico feito de maneira empírica e implementada nos portais de notícia através de análise do mercado, para gerar um conteúdo científico desenvolvido por pesquisa bibliográfica, observação e investigação que possibilite entendimentos de métodos e práticas possíveis no webjornalismo.

O olhar sob a notícia na internet será realizado com uma perspectiva ecossistêmica da comunicação, percebendo as relações, as interações recorrentes, a interdependências dos sujeitos e a importância do ambiente em um contexto próprio. As relações acontecem em processos de cooperação ou competição e resultam na notícia na internet. Como base teórica, utilizo os conceitos da complexidade de Edgar Morin, autopoiese de Humberto Maturana e Francisco Varela, e Ecologia Profunda de Fritjof Capra para chegar aos Ecossistemas Comunicacionais, área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM) que, neste projeto, será estruturado pelos estudos de Gilson Monteiro e Sandro Colferai, desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Interfaces. Na segunda parte, as discussões teóricas abordam o webjornalismo, passando pelo entendimento da sociedade atual permeada pelas novas tecnologias, a importância e atuação do jornalismo, a formação e produção das notícias, a adaptação do campo profissional na internet e as características de circulação, utilizando autores como Manuel Castells, Nelson Traquina, Ciro Marcondes Filho, Muniz Sodré, André Lemos, Marshall McLuhan e João Canavilhas.

Baseado nos entendimentos de uma ciência contemporânea, da qual nascem os Ecossistemas Comunicacionais, a metodologia precisa ser construída de acordo com as incertezas em relação à ciência tradicional. Um dos pontos primordiais é a relativização das teorias científicas – não desconsiderando, mas percebendo suas limitações – que criam metodologias, que podem provocar um efeito limitador nas pesquisas. Utilizar uma única metodologia delimitada para um objeto de estudo significa deixar de lado certas nuances e

especificidades dele e encaixá-lo em uma fôrma. A crítica não significa ignorar o rigor científico. É antes livrar-se de pré-disposições limitadoras ao desconhecido no processo do estudo e estar aberto ao acaso. Significa delimitar procedimentos metodológicos de acordo com as necessidades do objeto e o alcançando pelo referencial teórico, percebendo as relações, a formação de acoplamentos, a multiplicidade dos elementos e a complexidade do processo. Com isso, é possível identificar as partes que compõem o processo de circularidade da notícia na internet e como elas se relacionam. Cada elemento do Ecosistema Comunicacional cumpre um papel nesse processo de produção da notícia na internet de forma interdependente. E, como fenômeno complexo, o entendimento da minha pesquisa não é olhar a notícia na internet como um processo determinístico e técnico do jornalismo como único campo atuante, e sim percebendo as reverberações de todos as partes envolvidas no processo.

De acordo com as necessidades apresentadas pelo objetivo da pesquisa, a decisão foi trabalhar com a pesquisa qualitativa, embora também leve em consideração aspectos quantitativos como camada aproximativa. O entendimento é que para chegar ao objetivo de relacionar Ecosistema Comunicacional com webjornalismo, uma pesquisa quantitativa não é suficiente. É preciso a interpretação do pesquisador. Por ser investigação do processo comunicacional da notícia na internet, verificando a circularidade da mesma, enxergo a necessidade da realização de uma pesquisa descritiva. As técnicas utilizadas são buscas em documentações (diretas e indiretas) e observação. O caso estudado será cobertura jornalística do portal de notícias UOL da morte do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki, em 19 de janeiro de 2017, selecionado por representar um acontecimento de grande relevância, gerador de uma extensa cobertura jornalística, o que Traquina (2013, p. 94) chama de “mega acontecimento”, imbuído de tal dose de noticiabilidade que gera excitação, ‘arrebenta’ nas redações jornalísticas, provoca alteração na rotina e gera uma programação especial. A escolha foi feita por permitir uma observação ampliada das características do webjornalismo.

A matriz de pesquisa é estruturada de acordo com as quatro perspectivas da vida social propostas por Fritjof Capra (2005) – forma, matéria, processo e significado –, com delimitações minhas para a notícia na internet, levando em consideração o *significado* como permeado nas outras três. A *forma* é a rede de sujeitos e instituições sociais envolvidos no processo jornalístico da notícia da morte de Teori Zavascki na internet. A forma será delimitada no Panorama do Ecosistema Comunicacional, onde vou expor as relações entre os diferentes campos que abrangem a notícia na internet. A segunda perspectiva será o *processo*, que pode ser

considerado como as comunicações entre os elementos apontados na forma, mas, para esta pesquisa, delimito como o fluxo de informações sendo transmitidas por meios de comunicação em diversos suportes e dispositivos usados pelas pessoas. Por último, a notícia como *materialização* de um processo que envolve esses elementos e se transforma em um produto fabricado por uma empresa jornalística, no caso do meu estudo, o UOL. A notícia na internet como materialidade do processo jornalístico pode ser enxergada por suas possibilidades. Vou caracterizar o processo de construção da notícia na internet por meio do desenvolvimento dessas perspectivas, utilizando dados quantitativos necessários, mas destacando os aspectos qualitativos de cada um. Apenas com a compreensão de todas é que se tem o entendimento do Ecosistema Comunicacional da notícia na internet. Meus procedimentos metodológicos alcançam também os sujeitos e instituições que consomem as notícias na internet, indo além das técnicas e tecnológicas. Observar a recepção é a proposta do olhar para as relações do Ecosistema Comunicacional, em Sandro Colferai e Gilson Monteiro, além da busca da convivência em Dominique Wolton, coordenação de comportamentos de Muniz Sodré e recebimento do outro de Ciro Marcondes Filho.

No primeiro capítulo, transcorro por teorias que me permitam contextualizar o desenvolvimento da pesquisa oriunda da Amazônia. Primeiro considerando a crise na ciência, alertada por Fritjof Capra e Paul Feyerabend, passando por linhas de pensamento emergentes da crise, contestando as certezas científicas e abrindo espaço para a subjetividade. Algumas delas fundamentam o conceito do Ecosistema Comunicacional, como a ecologia profunda, autopoiese e complexidade. Com essa base teórica, posso desenvolver a abordagem ecossistêmica que me possibilita observar a complexidade da cobertura jornalística do portal UOL sobre um mega acontecimento. Primeiro, vou explanar a proposição do Ecosistema Comunicacional de Gilson Monteiro e Sandro Colferai, como pioneiros do novo campo na pesquisa na Amazônia. Depois, vou comentar o meu entendimento da relação processos comunicacionais e Ecosistemas Comunicacionais, como forma de contribuir para o avanço do assunto usando a minha trajetória como pesquisador.

No segundo capítulo, exponho a importância do jornalismo na sociedade, mas também o equilíbrio com questões técnicas, econômicas e mercadológicas, ressaltando também a passagem dos suportes tradicionais (papel, rádio e televisão) para a internet, e a entrada da internet altera o equilíbrio midiático e transforma o que eu chamo de processo de circularidade da notícia. Depois, discuto a maior participação das pessoas, que antes eram apenas receptores, e hoje têm maior atuação nos meios de comunicação e presença ativa no ambiente jornalístico,

mas considerando a importância da credibilidade dos jornalistas profissionais como separação de papéis. Encerro com o destaque a três características que observo como fundamentais para entender o jornalismo na internet e que emergem das relações no Ecosistema Comunicacional: velocidade (a proeminência do tempo), hipertextualidade (uma narrativa não linear) e multimídia (a capacidade de oferecer todos os formatos).

No terceiro capítulo, estabeleço como é formado o Ecosistema Comunicacional do fluxo noticioso na internet e caracterizo o processo de circularidade da notícia na internet com base na cobertura jornalística do portal UOL da morte do ministro Teori Zavascki, no dia 19 de janeiro de 2017. Descrevendo como se forma o produto notícia na internet. Para isso, com base nas perspectivas científicas discutidas nas seções 1 e 2, meu percurso metodológico foi definido a partir das necessidades estabelecidas pelos objetivos e elaborado e modificado de acordo com o andamento da pesquisa, percebendo como do objeto emerge a metodologia. Na última seção, serão apresentados os resultados pelo panorama do Ecosistema Comunicacional como percepção das relações na rede, o diagrama e especificidades do processo de circularidade da notícia e como é a materialização da notícia na internet, veloz, hipertextual e multimídia.

1. O PENSAMENTO DA AMAZÔNIA

Por muito tempo, a exposição mundial de conhecimento estava concentrada nos principais países da Europa, principalmente Inglaterra, França e Alemanha, embora outras nações, como a Rússia, também estivessem produzindo pesquisas importantes. Desde o início do século XX, a noção da complexidade da realidade permite iniciar a descentralização da difusão dos estudos produzidos em outras partes do mundo, levando em consideração as diferentes realidades de cada país e como as pesquisas, antes eurocêntricas, não se adequavam a outros contextos. De certa forma, é o alerta de Boaventura de Sousa Santos (2006) sobre a ineficiência do paradigma dominante da ciência no hemisfério Norte e a necessidade de uma nova perspectiva, considerando o hemisfério Sul e outras regiões. A Amazônia, com suas particularidades culturais e geográficas, permite o desenvolvimento de sua própria forma de conhecimento. Por isso, aceito o convite do professor, e meu orientador, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Dr. Gilson Vieira Monteiro, e do professor da Universidade Federal do Roraima (UFRR), Dr. Sandro Colferai, também orientado por Monteiro, mas na produção da tese, por uma pesquisa na Amazônia.

Há a clara necessidade de pensar a Amazônia como totalidade, com partes que se intercomunicam, mesmo que isso signifique extrapolar as fronteiras tradicionalmente constituídas dos campos de conhecimento. Essa é uma condição prévia para dar conta da tarefa que a pesquisa em comunicação na Amazônia impõe. (MONTEIRO & COLFERAI, 2011, p. 40).

O caminho trilhado pelos pesquisadores considera os aspectos próprios da região amazônica, a relação dos povos indígenas com a floresta, as interconexões entre os diferentes tipos de vida e a percepção da integração homem e meio, sociedade e natureza. A Amazônia serve de metáfora para o que eles chamam de ‘Ecosistema Comunicacional’, uma teoria em formação que busca entender a comunicação por meio dessa integração homem e natureza com base em práticas culturais antigas. (MONTEIRO, 2015, p. 58). A proposta de Monteiro e Colferai é olhar as inúmeras relações que se estabelecem no mundo natural (2011, p. 40), e que se encontram na Amazônia, para desenvolver uma forma de investigação e pesquisa da comunicação, percebendo que a evolução do ser humano se deu pela capacidade de colaboração e que isso gera o ambiente. “O mundo é [...] resultado das experiências e das interações com o meio” (MONTEIRO, 2015, p. 53). Como pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM), a abordagem ecossistêmica, por meio do Ecosistema Comunicacional, embora ainda um campo em formação, baseia teoricamente meu estudo. Por isso, a primeira parte da minha dissertação aborda a proposição teórica nascida na Amazônia para os problemas da comunicação,

considerando o caráter de incompletude do Ecosistema Comunicacional, o que permite a discussão dos pontos teóricos produzidos até o momento, entre leitura das pesquisas realizadas e encontro com os autores do tema, e a possibilidade de inserir minha visão.

Mas antes de me aprofundar no Ecosistema Comunicacional como base teórica da minha pesquisa, eu preciso transcorrer por tópicos e teorias que me permitam contextualizar o desenvolvimento da pesquisa oriunda da Amazônia. Primeiro considerando a crise na ciência, alertada por pesquisadores como o biólogo Fritjof Capra e o físico Paul Feyerabend, que despertou para a desconstrução da objetividade das teorias impostas e o questionamento dos métodos científicos vigentes. Nesse cenário, desenvolvem-se linhas de pensamento divergentes das tradicionais cartesianas, evitando o determinismo teórico, contestando as certezas científicas e abrindo espaço para a subjetividade. Algumas delas fundamentam as pesquisas realizadas na Amazônia e o Ecosistema Comunicacional e, por isso, preciso ressaltá-las, como a Ecologia Profunda de Fritjof Capra e estudos de Humberto Maturana e Francisco Varela, mas também a complexidade de Edgar Morin e a Teoria dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy.

Com essa base teórica, posso desenvolver a abordagem ecossistêmica da parte científica da minha dissertação e que me possibilita observar a complexidade da cobertura jornalística do Portal UOL sobre um grande acontecimento. Primeiro, vou explicar a proposição do Ecosistema Comunicacional de Gilson Monteiro e Sandro Colferai, como pioneiros do novo campo na pesquisa na Amazônia. Depois, vou comentar o meu entendimento da relação processos comunicacionais e Ecosistemas Comunicacionais, como forma de contribuir para o avanço do assunto usando a minha trajetória como pesquisador. Crise na ciência, base teórica, Ecosistema Comunicacional e a minha visão do novo campo serão as quatro partes desta primeira seção. Decidi não discorrer sobre o processo cronológico e histórico da crise da ciência, dos pensamentos discutidos e do Ecosistema Comunicacional, além do necessário, pois acredito que seria um trabalho à parte dos objetivos desta pesquisa.

1.1. Ciência em crise

René Descartes propôs, no século XVII, um método para produção científica baseado na fragmentação dos problemas em tantas partes quanto possível e necessário para análise e enumeração, na predominância da racionalidade humana e na comparação dos fenômenos do mundo com o funcionamento de uma máquina, em um tratado onde ele busca “somente mostrar de que maneira procurei conduzir minha [razão]”. (DESCARTES, 2011, p. 29). O método

cartesiano segue quatro princípios lógicos: consistia em nunca aceitar, por verdadeira, coisa (sic) nenhuma que não conhecesse como evidente, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas pudessem ser e fossem exigidas para melhor compreendê-las, conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos e fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais, que ficasse certo de nada omitir. (p. 40). A concepção de Descartes considera a racionalidade humana como virtude e o mundo como uma máquina. Ao dizer “penso, logo existo” (p. 50), ele separa os humanos dos outros elementos do mundo, como os animais e as plantas, e apresenta a razão como a forma primordial de enxergar a realidade e o conhecimento como única forma de existência. Para o filósofo francês, a alma (razão) é separada do corpo e do mundo, que possui um funcionamento mecânico. Descartes (2011, p. 67) explica como acontece a circulação de sangue no coração para fazer uma comparação com o funcionamento de uma máquina, levando em consideração que “as regras da Mecânica são as mesmas que as da natureza”, embora fale da natureza como “máquina criada por Deus”. Estes paradigmas nortearam a produção científica.

A objetividade pela crença na certeza do conhecimento científico, o uso da matemática para explicar o mundo, o método analítico, a divisão entre mente e matéria e entender a natureza de acordo com leis mecânicas foram características primordiais do início do pensamento científico. Desde Descartes, o objetivo das pesquisas científicas é buscar verdades absolutas para os mistérios e os problemas no mundo. Mas, a partir das primeiras décadas do século XX, pesquisadores da matemática, física e biologia começam a questionar a objetividade e mecanicismo cartesiano, acreditando ser este reducionista. (CAPRA & LUISI, 2014). A teoria quântica de Niels Bohr encontrou nas partículas subatômicas a percepção de que os fenômenos não podem ser reduzidos a blocos de construção isolados e muda as noções de causalidade; Einstein desenvolve a teoria da relatividade com mudanças radicais nos conceitos tradicionais de tempo e espaço; o princípio da incerteza aponta que as partículas subatômicas podem se comportar como partículas e como ondas, o que significa que nenhum objeto pode ser independente do seu ambiente e questiona a realidade da matéria; teorias sistêmicas para estabelecer princípios de organização das estruturas vivas e não vivas; a teoria da complexidade na matemática encontra a dinâmica não linear nos fenômenos do mundo; a autorreprodução de sistemas vivos em relação de interdependência com outros sistemas vivos; a ecologia percebe as relações das comunidades de organismos vivos em um ecossistema; essas foram algumas

teorias desenvolvidos no século XX e que provocaram questionamentos aos pensamentos do mundo como uma máquina, predominantes em René Descartes e Isaac Newton.

É notável como as indagações às verdades absolutas determinadas por pesquisas científicas foram essenciais para uma mudança de paradigma. A evolução da ciência aconteceu na dúvida, pelos questionamentos propostos a teorias consolidadas, “apenas porque alguns pensadores *decidiram* não se deixar limitar por certas regras metodológicas “óbvias”, ou porque as *violaram inadvertidamente*”. (FEYERABEND, 2011, p. 37) [grifo do autor]. Os exemplos que marcaram a história da ciência em relação à ampliação do conhecimento transcorreram da incerteza sobre teorias correntes, como a teoria quântica sobre a teoria mecânica, na física, e a evolução em Darwin ou Lamarck. “Essa prática liberal [questionamentos], repito, não é apenas um fato da história da ciência. É tanto razoável quanto absolutamente necessária para o desenvolvimento do conhecimento.”. (p. 37). Feyerabend pede que nós relativizemos a objetividade – a tal busca pela verdade absoluta – e que não busquemos respostas em apenas algumas teorias, ou de soluções baseadas nessas poucas teorias. É o princípio do “tudo vale”, onde o campo será permeado por todas as proposições, principalmente as anárquicas, que questionem o panorama do momento, onde novas teorias sejam descobertas também por contraste, desafiando teorias. A ciência deve ser um “oceano de alternativas”:

Concebido dessa maneira, o conhecimento não é uma série de teorias autoconscientes que converge para uma concepção ideal; não é uma aproximação gradual à verdade. É, antes, um sempre crescente oceano de alternativas mutuamente incompatíveis, no qual cada teoria, cada conto de fadas e cada mito que faz parte da coleção força os outros a uma articulação maior, todos contribuindo, mediante esse processo de competição [...] (FEYERABEND, 2011, p. 44).

A proposição do autor não é uma substituição de um pensamento por outro, mas a clareza de que “todas as metodologias, até mesmo as mais óbvias, têm seus limites” (p. 47). Segundo ele, o pesquisador deve buscar uma metodologista pluralista, comparando teorias e ideias e contrapondo pensadores, autores e pesquisas, e não simplesmente usar apenas uma teoria para verificar fatos, números e informações adquiridos na coleta de dados, onde vai se aperfeiçoar até as proposições esgotadas e que pareçam já vencidas. A compreensão de uma nova ciência deve ser descartar a utilização das teorias como fôrma, onde o pesquisador encaixa o material recolhido no conhecimento que já existe, pois isso levaria a resultados similares e dificultaria a evolução da ciência. Até mesmo porque, como diz Feyerabend (2011, p. 78), “as teorias falham em reproduzir de modo adequado certos *resultados quantitativos* e são *qualitativamente inidôneas* em grau surpreendente” [grifo do autor]. Para ele, “não há uma teoria que não se encontre em algum tipo de dificuldade” (p. 80). Seguindo essa afirmação,

devemos basear teoricamente nosso estudo pela apreciação de teorias diferentes, fazendo discussões e comparações entre elas, também considerando a parte metodológica como versátil e maleável. Pois, segundo Morin (2014, p. 335), “uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema”.

Edgar Morin (2011) critica o estado atual do conhecimento científico, que veio da história do pensamento fragmentado, objetivo e mecânico de Descartes e Newton. As pesquisas são concebidas para dissipar a complexidade dos fenômenos para tentar revelar uma ordem simples a que supostamente eles obedecem. A preocupação de Morin é que os modos simplificadores do conhecimento mutilam as realidades, o que, para ele, provoca uma cegueira na inteligência. O problema reside na organização do conhecimento nesse sistema de ideias de teorias e ideologias é incapaz de apreender a complexidade do real pois opera na seleção de dados comandada pelos paradigmas – princípios ocultos que governam as visões – e é feito pela disjunção dos campos físicos, biológicos e humanos. Essa disjunção provocou a redução do complexo ao simples, uma hiperespecialização pela fragmentação das áreas, pois era preciso buscar ordem na aparente desordem da realidade. Ao propor uma resposta a essa crise na ciência, por meio da complexidade, Morin (2011, p. 6) alerta que este não é um pensamento de oposição, ou seja, não visa uma completude no conhecimento e nem eliminar a simplicidade, atuando onde o simples falha e integrando o que põe ordem, clareza e precisão. “Integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras”.

Este é o estado que nos encontramos desde os questionamentos do início do século XX: crise no paradigma. Ainda em momento de transição e de incertezas, principalmente na área das ciências humanas, onde encontramos uma resistência à desfragmentação e abertura entre os diferentes campos. Suporto meu comentário em Thomas Kuhn (1998). Uma crise nas teorias vigentes é perceptível pelo fracasso das regras existentes como prelúdio para busca de novas regras e a proliferação de versões de uma teoria corrente. E mesmo antes de percebermos os questionamentos ao paradigma, uma série de pesquisas contestadoras marca a produção científica no período pré-crise e invadem no momento de instabilidade, representada pelo desenvolvimento de alternativas. “Uma teoria científica, após ter atingido o status de paradigma, somente é considerada inválida quando existe uma alternativa disponível para substituí-la”. (p. 108). Decidir por um novo paradigma, rejeitando o outro, deve acontecer pela comparação entre eles, pois a não substituição significa rejeição a própria ciência. E, na crise,

as alternativas serão abundantes, pois é nessa instabilidade que novas formas de pensamento questionam a teoria vigente e permitem a emergência de um novo paradigma.

Mudar da busca da verdade absoluta para admitir a subjetividade da realidade. Desfragmentar os problemas para encontrar nas relações entre as partes, nas interconexões dos elementos e na inevitável interdependência dos componentes as soluções para problemas da vida. Acolher diferentes formas de pensamento, linhas de pesquisa, campos científicos e áreas para ter uma visão ampla. Esta é a base teórica que nasce da crise de paradigma da forma como é descrita por Fritjof Capra em seus livros. “A nova concepção científica emergente da vida pode ser vista como parte de uma mudança de paradigma mais ampla, que vai de uma visão de mundo mecanicista para uma visão de mundo holística e ecológica”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 26). Essa alteração no paradigma aconteceu com formas e velocidades diferentes em vários campos científicos, e envolveu revoluções científicas, retrocessos e oscilações pendulares. A crise no paradigma nasce da tensão entre o foco nas partes e no todo. “A ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista ou atomística; a ênfase no todo, holística, orgânica ou ecológica”. (p. 26-7).

Capra e Luisi (2014, p. 28) apontam a constatação de que os modelos e teorias científicos são limitados e aproximados como fundamental para compreender a ciência contemporânea. “Nenhuma descrição científica sobre os fenômenos naturais pode ser completamente precisa e exaustiva. Em outras palavras, todas as teorias científicas são reducionistas no sentido de que precisam reduzir os fenômenos descritos a um número de características capazes de ser praticamente manejáveis”. Não é desprezar o conhecimento científico, e sim estabelecer uma nova visão para os problemas passíveis de estudo, é perceber que “a ciência não precisa ser reducionista no sentido cartesiano de reduzir os fenômenos às suas menores partes constituintes”. A dupla concorda com Feyerabend pela necessidade de relativizar a verdade absoluta que buscam os pesquisadores, e perceber como se fechar a teorias e métodos pode ser limitador, e conseqüentemente prejudicial para o conhecimento. Por isso, não vou “escolher” uma teoria para seguir, e sim explorar diversas formas de pensamento.

1.2. Complexidade, relações, Ecologia Profunda e redes

Das linhas de pensamento que olham para as interconexões emergentes da crise na ciência, algumas são essenciais para entender o Ecosistema Comunicacional. A complexidade de Edgar Morin, as relações na natureza em Humberto Maturana e Francisco Varela e a

Ecologia Profunda de Fritjof Capra. São proposições pertinentes por exigirem olhar para as interconexões entre as partes, não como a soma delas, mas como um todo único formado por relações. O pensamento complexo de Morin questiona a ideia simplificadora da fragmentação dos problemas, e sugere um tecido com constituintes heterogêneas e um conjunto de ações, interações e acontecimentos do mundo. Por pensar nas variáveis e na conjunção de diversos elementos, a complexidade liga-se com a concepção de Maturana e Varela para explicar a autoreprodução dos sistemas vivos, que acontece pelas relações recorrentes entre os organismos e com o meio ambiente. Capra considera as interconexões dos sistemas vivos e sociais e exige um profundo olhar nos componentes, estudando os padrões de organização, a matéria, os processos e os significados (nesse caso, apenas para relações humanas). Com as três perspectivas, é possível pensar a comunicação como ‘relações de elementos em um conjunto’.

Começo pela complexidade do pensador francês. Para Edgar Morin (2011), o objetivo da ciência de buscar ordem nas realidades complexas resultou em modos simplificadores que mutilam mais do que exprimem as realidades ou fenômenos. Já o pensamento complexo procura apresentar ao conhecimento científico a multidimensionalidade, sem ser oposição ao simplificador. “O pensamento integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade”. (p. 6). Vivemos sob a ordem da simplificação pela fragmentação, onde o conhecimento opera por seleção de dados significativos, unindo e separando, hierarquizando e centralizando, operando por meio de comando de paradigmas. O ideal desse pensamento era achar ordem na complexidade. Morin alerta para incapacidade de conceber a desordem do real nas micro e macro dimensões e propõe a complexidade como modelo de pensamento integrador necessário.

“A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. [...] Se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...” (MORIN, 2011, p. 13). O autor tenciona a uma visão que evite rechaçar elementos do real em nome da ordenação, precisão, distinção e objetividade. Ele preconiza a substituição de um paradigma de distinção e conjunção por um que permite distinguir sem disjuntar, de associar sem reduzir. A complexidade reconhece o quantitativo pela extrema quantidade de interações e interferências, mas compreende também incertezas, indeterminações e acasos. É uma mistura de ordem e desordem, como a percepção da incerteza em sistemas ricamente organizados. (MORIN, 2011, p. 35). Morin constata que fenômenos desordenados podem ser

necessários, em certos casos e condições, para produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem. Uma organização torna-se complexa com a ampliação da ordem e desordem em conjunto.

Morin (2014, p. 176-7) ressalta que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, e a complexidade tenta articular a diferença entre todos esses aspectos, como os fenômenos sociais, que são ao mesmo tempo econômicos, culturais e psicológicos, etc. “Não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões”. Ele encontra na biologia a relação entre as partes, na qual a parte está no todo, mas também o todo está na parte e percebe o mesmo acontecimento nos seres humanos nos fenômenos sociais. Desde cedo, apreendemos a cultura como funcionamento da sociedade, entre hábitos, conhecimentos e leis, o que, de certo modo, significa o todo da sociedade está presente no indivíduo – que são as partes. (MORIN, 2014, p. 181). Para conhecer o todo, preciso conhecer as partes, e vice-versa, e como elas se relacionam. “Isso significa que abandonamos um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno. (MORIN, 2014, p. 182). Uma sociedade, por exemplo, é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que atua sobre os indivíduos. “Portanto, o processo social é um círculo produtivo ininterrupto no qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquilo que os produz”. (MORIN, 2014, p. 182).

É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional. Finalmente e, sobretudo, é preciso encontrar o caminho de um pensamento lógico. (MORIN, 2014, p. 189).

Entender a complexidade como forma de observar os problemas é desconsiderar o funcionalismo e o determinismo, onde A age sobre B em uma relação de influência direta, como na teoria da “agulha hipodérmica”¹, e compreender como diferentes elementos, inclusive o

¹ “Conhecida também como esquema da bala mágica, a perspectiva em foco parte do suposto de que o processo de interação é determinado pela produção da mensagem e deve ser visto como a transmissão de mensagens de pessoa para pessoa. Nela, os circuitos de interação social são estruturados pela ação do comunicador. O comunicador é um sujeito que pretende provocar reações em outra pessoa ou grupo de pessoas, [...]. A comunicação é dita eficiente quando a reação do receptor corresponde ao objetivo visado pela mensagem; e deficiente, quando não corresponde ao objetivo pretendido pelo comunicador: em qualquer caso, o sucesso na comunicação é atribuído a esse sujeito, às habilidades do comunicador”. (RUDIGER, 2011, P. 59).

ambiente, podem interceder nas realidades. A complexidade exige que nós pensemos em todas as variáveis possíveis para explicar os fenômenos sociais e comunicacionais. Como exemplo, cito os estudos que fazem a associação direta entre redes sociais na internet e o resultado de eleições. Não pretendo julgar os resultados dessas pesquisas, por isso não vou citá-las, mas, para entender o resultado de uma eleição, acredito ser necessário uma verificação de diversos elementos que permeiam essa realidade, como tecnológicos, sociais, comunitário, psicológicos, institucionais. Acho improvável elencar apenas um elemento, como atuação nas redes sociais na internet, que explique por que um ou outro candidato foi eleito. Até uma partida de futebol não pode ser explicada apenas por um elemento, como constata um dos maiores colunistas de esporte do país, Tostão (2017): “No futebol, existe uma grande preocupação em procurar uma única causa para tudo. Tragédias, como o 7 a 1 da Copa de 2014 [...], ocorrem por acertos, erros dos jogadores, das equipes, dos árbitros e também por uma rápida sequência de detalhes inespecíficos, que se somam e se potencializam”. Ele encerra o texto com uma frase que poderia ter sido escrita por um dos outros autores: “A vida é um caos organizado e reprimido”.

Com a noção de complexidade, desenvolve-se a concepção de que o todo não é apenas a soma de partes independentes entre si em um fluxo de influências, e sim elementos com autonomia, mas interdependentes, que funcionam pelas relações. É o que constata Frijof Capra ao conceber o termo Ecologia Profunda. O autor faz um estudo histórico das pesquisas na física, matemática e biologia, iniciadas nos primeiros anos do Século XX, que contestaram os paradigmas da ciência estabelecida desde Descartes e Isaac Newton, com a visão mecanicista do mundo², propondo também o alcance dessas ideias para as ciências humanas, para propor uma visão que conceba o mundo como integrado, buscando o padrão de organização, e não partes separadas. Ele desestimula uma análise minuciosa e meticulosa das partes separadas, para exigir um olhar para os padrões de organização delas. A ascensão do novo pensamento de integração passa pela teoria da relatividade e a maneira de olhar para radiação eletromagnética de Einstein e pela física quântica conseguindo observar a atuação dos átomos e partículas subatômicas, na física, pela teoria complexa da matemática que prevê princípios para uma dinâmica não linear, na matemática, e pelos conceitos da ecologia e da autoreprodução de sistemas vivos, na biologia. Conforme Capra (2014, p. 95), com o conceito de ecologia, os biólogos dos anos 1920 trouxeram uma nova forma de pensamento, que começa a utilizar

² A visão de René Descartes guiou as pesquisas científicas desde então. O francês criou o arcabouço conceitual, mas quem aplicou matematicamente o conceito e formulou leis estadas do movimento de todos os corpos perante a lei da gravidade. “A imagem do mundo como uma máquina perfeita, que fora introduzida por Descartes, era agora um fato comprovado, e Newton tornou-se o seu símbolo”. (ver CAPRA & LUISI, 2014).

termos como conexidade, relações, padrões e contexto. Os conceitos juntam-se à visão sistêmica³, onde “as propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da organização do todo [...]. Não se concentra em blocos de construção básicos, mas, em vez disso, em princípios de organização básicos” (CAPRA & LUISI, 2014, p. 96), para formar sua concepção da Ecologia Profunda.

O termo foi desenvolvido pelo filósofo norueguês Arne Naess nos anos 1970 para explicar a conexão de elementos e acontecimentos, autônomos, mas vinculados, e a participação nos processos da natureza, sem considerar funcionalismo ou mundo maquínico. “A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, como indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados em processos cíclicos da natureza, dos quais, em última análise, dependemos”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 36). O conceito nasce a partir da distinção entre ecologia “rasa”, centralizada nos seres humanos, onde estes constituem a fonte de todos os valores e a natureza é vista como objeto a ser utilizado, e “profunda”, que não separa os elementos do ambiente natural e reconhece o mundo como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. “A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular da teia da vida”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 37).

Como pensamento filosófico, a Ecologia Profunda abarca também um sentido espiritual e metafísico. Pressupõe abandonar velhos conceitos e questionar os paradigmas vigentes, com perguntas profundas sobre os fundamentos da vida, pondo-os na perspectiva ecológica, ou seja, a partir das relações uns com os outros e com gerações futuras. Não é abandonar todos os nossos velhos conceitos, mas estar disposto a questionar tudo. Inclusive os valores, questão importante para a ecologia profunda. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 36-37). No livro ‘A Teia da Vida’, Capra (1996, p. 25) usa a bicicleta para exemplificar a Ecologia Profunda: a bicicleta é um composto de partes que funcionam em conjunto, em uma interdependência. Uma visão ecológica analisa não só o funcionamento da bicicleta, mas todo encaixe social e na natureza da bicicleta. De onde vêm as matérias-primas, como foi a fabricação, como o uso afeta a natureza e a comunidade, e assim por diante. A diferença será assumir a ênfase nas partes, em uma lógica mecanicista, reducionista ou atomística, ou no todo, em uma visão holística, organísmica ou ecológica.

³ Pensar os problemas de maneira sistêmica. Bertalanffy afirma que o conceito de sistema (seus modelos, princípios e leis) pode se aplicar a particularidades de diversas áreas. Por isso, ele propõe uma Teoria Geral dos Sistemas, visando integração das diferentes áreas das ciências físicas, naturais e sociais. (ver BERTALANFFY, 2013).

É uma oposição ao raciocínio cartesiano, caracterizado por ser objetivo, matemático, analítico, racionalista e mecânico. O sentido do pensamento ecossistêmico é enxergar as relações entre as partes, mudando da função para organização, de acordo com as circunstâncias. “Entender as coisas sistematicamente significa, literalmente, coloca-las dentro de um contexto, estabelecer a natureza de suas relações”. (CAPRA, 1996, p. 39). As partes devem ser entendidas a partir da estrutura organizacional do todo (é mais que a soma das partes), considerando os padrões na teia de relações, concentrando nos princípios básicos de organização. As propriedades essenciais dos sistemas vivos e sociais surgem das interações e das relações entre os elementos. É uma mudança do olhar: dos objetos para as ligações. Por isso, Capra (1996, p. 41) faz a distinção entre a análise (como examinar uma parte menor possível de um todo, método cartesiano) e a observação sistêmica. “O pensamento sistêmico é “contextual”, o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa, a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo”. Caso contrário, as características dos elementos por suas interconexões e relações como parte do ecossistema, permitindo observar os padrões de organização, serão perdidas. “As propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados”. (p. 46). É o oposto dos preceitos cartesianos de divisão do assunto em tantas partes possíveis para fazer a síntese das conclusões e a enumeração. A proposta metodológica que emerge do pensamento ecossistêmico é interpretar os resultados a partir das observações das relações no ecossistema.

Em resumo, é pensar a realidade pelas relações entre os elementos, incluindo o meio ambiente, que compõem. Os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela desenvolveram seus estudos com a mesma perspectiva de Capra: olhar as relações. Nós construímos o mundo e somos construídos por ele. Entretanto, os autores têm o foco biológico, pesquisando desde microrganismos vivos até as interconexões na natureza. Com esses pressupostos, os autores deixam claro a rejeição a uma abordagem antropocentrista, onde o ser humano é o centro da natureza e o meio ambiente apenas uma ferramenta para as realizações do homem e um local para retirada de matéria-prima para produção de bens. “Vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; vivemos com os outros seres vivos, e, portanto, compartilhamos com eles o processo vital.”. (MATURANA & VARELA, 2001, p. 9-10). Maturana e Varela desenvolveram a teoria da autopoiese e perceberam a autonomia dos organismos vivos nas transformações nos padrões de organização e estruturas internas, reconhecendo a importância da interdependência com o ambiente e com outros sistemas. Essa é a metáfora para a sociedade: é preciso esquecer a ligação direta de ação de um elemento sobre

o outro como provocador de consequências, e perceber como todas as relações podem permitir – e não causar – alterações. Maturana e Varela pretendem observar todas as relações dentro de um contexto e como elas desencadeiam transformações nas realidades.

Os conceitos de Maturana e Varela, abordados em *Árvore do Conhecimento* (2001), podem dar pistas à abordagem ecossistêmica pretendida neste estudo. Concepção que as relações entre os organismos vão moldar de maneira conjunta o mundo e realidade, ou seja, é uma construção mútua do ambiente onde todos se transformam (p. 10); sistemas autopoieticos: organismos vivos que evoluem em processos ocorridos dentro de barreiras físicas de maneira autônoma, mas interdependente. Uma autorreprodução graças à rede interna com ações químicas constantes (2001); acoplamento estrutural como modo que os sistemas autopoieticos mantém uma relação de interações com outros organismos e com o ambiente de maneira recorrente e em equilíbrio para permitir desencadeamento de mudanças estruturais (p. 87); a noção de que o ambiente e os sistemas em relação com outros podem apenas desencadear (e não provocar, impactar, causar, influenciar) as modificações estruturais do organismo, pois este tem autonomia no processo de reprodução e manutenção das redes internas (p. 114); como os sistemas vivos se adaptam ao ambiente e às interconexões com outras unidades autopoieticas, incluindo pelo acoplamento estrutural; a imprevisibilidade (p. 141) e o caráter recorrente das relações (p. 200); o entendimento de que os ecossistemas são formados de animais que cumprem papéis diferentes e isso permite atividades impossíveis se estes vivessem isolados (p. 210); e a comunicação como a coordenação de comportamentos (p. 214).

Para o meu estudo, vou absorver principalmente a forma como eles tratam as relações – sistemas autopoieticos crescendo por meio acoplamento estrutural, ou seja, necessariamente com trocas com outras unidades – como primordiais para o entendimento da realidade. Em relações sociais, significa o sujeito estar interconectado e se (deixar) transformar pelas interações com outros sujeitos, diferentes elementos e ambiente. “Toda experiência é modificadora, em especial em relação a nós, embora às vezes as mudanças não sejam completamente visíveis”. (MATURANA & VARELA, 2001, p. 189). A existência dos sujeitos é dependente do contexto, ou seja, do que nos envolve, seja a comunicação, as instituições, os valores, os significados, outros sujeitos e o ambiente. “Não somos alheios ao mundo em que existimos e que está disponível em nosso existir cotidiano”. (p. 146). Por isso, entender as relações é tão imprescindível para compreender a realidade. São as interconexões que permitem as transformações, dos sujeitos, elementos e ambiente, que acontecem porque os processos de troca acontecem constantemente, devido ao acoplamento estrutural. Como diz Maturana e

Varela, é o caráter recorrente das interações que permite o acoplamento estrutural em uma relação equilibrada e a manutenção da individualidade, com sujeitos satisfazendo suas ontogenias por meio de uma rede de trocas. “Essa forma peculiar de comportamento na qual distintos animais cumprem papéis diferentes, permite que os membros desses rebanhos se relacionem em atividades que não lhes seriam possíveis como indivíduos isolados”. (p. 210). Como jornalista, eu cumpro meu papel na sociedade como repassador de informações consideradas importantes para manutenção da comunidade, e também dependendo delas cumprindo outros papéis para permitir o equilíbrio social.

É entendendo a importância das relações recorrentes, das trocas constantes, e do acoplamento estrutural para a compreensão da realidade é que posso alcançar a abordagem ecossistêmica. Nesse contexto, não posso considerar elementos provocando ou influenciando uns aos outros, pois estes têm autonomia. O que devo ponderar é como os elementos são transformados pelo contínuo jogo de interações com outros componentes do ecossistema, com desencadeamentos e construção mútua do mundo. O mundo é compartilhado e os processos de trocas são recorrentes, por isso a sociedade é marcada pelo constante movimento, o que exige, com o tempo, modificações de estruturas, paradigmas, valores e significados. “A ontogenia de todo ser vivo consiste em sua contínua transformação estrutural”. (MATURANA & VARELA, 2001, p. 143). As concepções biológicas de Maturana e Varela, como feita exclusivamente para a área deles, servem de metáfora para o meu entendimento da sociedade. A realidade é resultado das relações sociais (no plural, pois nunca será apenas uma ligação direta), entre as pessoas, que incluem vínculos entre família, amigos, colegas, profissionais, cotidianas, das quais surgem, espontaneamente, os princípios, padrões e cultura.

Maturana e Varela pensaram exclusivamente na compreensão biológica em seu pensamento de relações para autorreprodução, estudando os sistemas vivos unicelulares, multicelulares e no ecossistema, inclusive descartando utilizar a concepção da autopoiese para o campo social. Mesmo com restrições, os autores abriram caminho para outros pesquisadores aplicarem os conceitos da biologia para explicar as relações humanas, as redes de comunicação e a sociedade. Como sugerido por Feyerabend, são campos diferentes se encontrando de maneira interdisciplinar. Um desses autores foi o sociólogo alemão Niklas Luhmann, com o conceito de autopoiese social, onde os processos da rede autopoética são comparados aos processos de comunicação. Para o sociólogo alemão, os sistemas sociais usam a comunicação como forma de reprodução autopoética, em um fluxo de rede. “Um sistema familiar, por exemplo, pode ser definido como uma rede de conversas que exibem circularidades inerentes.

Cada conversa cria pensamentos e significados, que dão origem a mais conversas, e, portanto, toda a rede gera a si mesma – ela é autopoietica”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 381). De acordo com Luhmann, esse é o padrão das redes sociais: as comunicações têm ciclos de feedback e, por isso, produzem um sistema compartilhado de valores, que geram a identidade dos elementos da rede (pessoas, comunidades, grupos, instituições) e criam uma fronteira invisível. Maturana e Varela limitaram a autopoiese para sistemas físicos, com barreiras claras onde dentro aconteceria a autoreprodução. A percepção de Luhmann foi como os valores culturais estabelecem uma barreira e como a autorreprodução acontece por meio da comunicação.

Fritjof Capra (2005, p. 95) concorda com a proposição de Luhmann defendendo que os sistemas sociais também podem ser ‘vivos’ em diversos graus e como surgem os valores. “Como as comunicações se dão de modo recorrente em múltiplos anéis de realimentação, produzem um sistema comum de crenças, explicações e valores – um contexto comum de significado – que é continuamente sustentado por novas comunicações”. Dessa forma, as comunicações funcionam para criar as fronteiras. “Através desse contexto comum de significado, cada indivíduo adquire a sua identidade como membro da rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo. Não se trata de um limite físico, mas de um limite feito de pressupostos, de intimidade e de lealdade”. Na biologia de Maturana e Varela, a percepção é da autonomia dos sistemas vivos, mas não independência, integrado ao ambiente e com interações contínuas em acoplamento estrutural. Capra (2005) estabelece o paralelo ao observar que agimos por nossas comunicações (relações) e reagimos ao ambiente, embora nossos comportamentos sejam livres. A estrutura da sociedade é a rede, com nós ligados de maneira não linear e descentralizada, e os fluxos acontecem pela comunicação. “Os sistemas vivos são redes autogeradoras, e isso significa que o seu padrão de organização é um padrão de rede, no qual cada componente contribui para a produção dos outros componentes. Essa ideia é estendida ao domínio social identificando-se as redes vivas importantes como redes de comunicações”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 387). As redes de comunicação formam-se pelo acoplamento estrutural, por isso as interações são recorrentes, o que facilita a determinação dos valores e significados da sociedade, criando barreiras invisíveis.

Inspirado em Maturana e Varela, que apontam as relações como determinantes para os processos de composição da matéria viva na natureza, Capra (2005, p. 97) apresenta como os fenômenos sociais são moldados de maneira semelhante. As interconexões entre as pessoas de maneira descentralizada criam a rede, alimentadas pela comunicação, como em ensinamentos dos pais e familiares, aulas, atitudes em contatos, entre outros. Essas redes geram os fenômenos

sociais pela lógica dual da comunicação humana. “Por um lado, a rede continuamente gera imagens mentais, pensamentos e significados; por outro, coordena continuamente o comportamento dos seus membros. É da dinâmica e da complexa interdependência desses processos que nasce o sistema integrado de valores, crenças e regras de conduta que associamos ao fenômeno da cultura”. Por meio das relações entre os sujeitos, forma-se o complexo sistema de valores, hábitos e normas chamado de cultura, no qual somos livres para agir individualmente, mas nos são impostos limites de autonomia. Não é uma representação física, mas uma barreira mental.

Para Capra, a nova compreensão da vida biológica é uma constituição conceitual da interdependência *organização, estrutura e processo*, diferentes, mas inseparáveis para uma visão do fenômeno da vida. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 374) [grifo do autor]. Para permitir a compreensão do campo social, o autor simplifica⁴ os termos: processo, forma (organização) e matéria (estrutura). Adiciona-se significado, pois encontramos uma diversidade de fenômenos, como regras de comportamento, intenções, estratégias e relações de poder, essenciais para os hábitos humanos, embora irrelevantes para o mundo não humano. A compreensão das relações acontece quando entendemos a integração das perspectivas da forma, matéria, processo e significado, como em exemplo citado por Capra (2005, p. 87). “A cultura é criada e sustentada por uma rede (*forma*) de comunicações (*processo*) na qual se gera *significado*. Entre as corporificações materiais da cultura (*matéria*) incluem-se artefatos e textos escritos, através dos quais os significados são transmitidos de geração em geração” [grifo do autor].

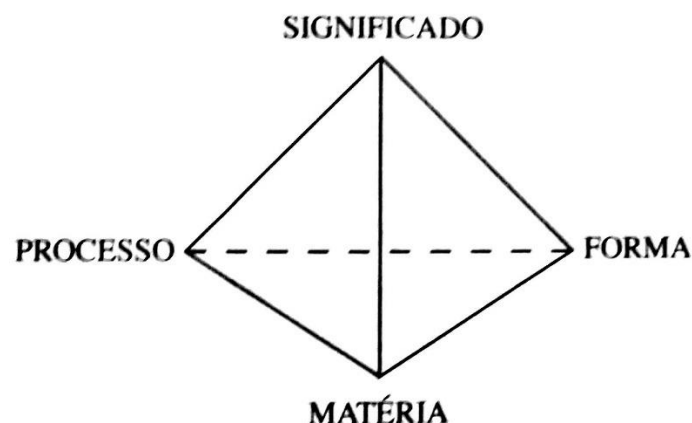


Figura 1. As quatro perspectivas do mundo vivo (CAPRA, 2014, p. 377).

⁴ Como os teóricos sociais usam o termo ‘estrutura’ em um sentido diferente das ciências naturais, sendo ‘estruturais sociais’ uma concepção semelhante aos padrões de organização dos sistêmicos, Capra prefere modificar a terminologia.

Pela compreensão da interdependência dessas quatro perspectivas, Capra propõe uma forma de entender a sociedade por meio das relações, onde o padrão de organização é a rede, entremeada por processos de comunicação. Nessa rede de comunicação, que está em constante movimento, as relações formam significados, que compõem os costumes e normas sociais e criam a fronteira invisível. “Podemos supor que as redes de comunicação tenham um duplo efeito: vão gerar, por um lado, ideias e contextos de significado e, por outro, regras de comportamento”. (p. 95). Dos processos constantes na rede de comunicação, surgem as estruturas sociais, como instituições e formas de governo, e objetos materiais, como prédios, produtos e arquitetura urbana. Com os quatro pontos de vista, conseguimos perceber como o campo social é estabelecido em rede com fluxos de comunicação que geram materiais e significados. Mas para que haja transformações dos elementos, é necessário que os processos aconteçam de maneira contínua e elas dependem das relações entre as partes e o contexto.

Com isso, Capra questiona o determinismo e o princípio da causalidade e o rejeita para entender as estruturas sociais. Segundo o autor, os agrupamentos sociais podem ser perturbados por outros elementos ou pelo ambiente para que haja transformações, que acontecem internamente, mas não determinados por estes. “A rede viva responde às perturbações externas com mudanças estruturais, e é ela que determina quais as perturbações a que prestar atenção e como vai responder a cada uma delas”. (CAPRA, 2005, p. 123). As transformações são desencadeadas por impulsos, e não instruções. Após os estímulos, os processos acontecem e as mudanças vão se manifestar de acordo com uma característica básica da vida: o surgimento espontâneo de uma nova ordem, que acontecem em momentos críticos de instabilidade e são realçados por elos de realimentação. Como exemplo, Capra (2005, p. 128) mostra como seriam mudanças ocorridas em uma organização: a organização sofre uma perturbação e as pessoas se deixam perturbar, a informação circula rapidamente, é amplificada e expandida. A organização chega a um ponto de instabilidade, onde deixa de lado estruturas e comportamentos que leva a um estado de caos, confusão e incertezas. Desse processo, nasce uma nova forma de ordem e um novo significado, espontaneamente e dependente do contexto.

A proposta de Capra é estender, para a realidade social, a compreensão da rede como padrão de organização básico da vida, proeminente da ecologia para células, órgãos, sistema de órgãos e ecossistemas, formando-se em um processo de bilhões de anos. Na biologia, as redes são percebidas em todos os níveis do ecossistema. “Cada nodo representa um organismo, o que significa que cada nodo, quando amplificado, aparece, ele mesmo, como uma rede. Cada nodo da nova rede pode representar um órgão que, por sua vez, aparecerá como uma rede quando

amplificado, e assim por diante. Em outras palavras, a teia da vida consiste em redes dentro de redes”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 99). A característica mais relevante da rede é a não linearidade – se estende em todas as direções. Com isso, uma mensagem pode seguir caminhos cíclicos, para criar um ciclo de *feedback* e, por isso, ter a capacidade de regulação interna. A “teia da vida”, segundo Capra (2006, p. 44), é uma ideia antiga de poetas e filósofos para descrever o sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos. Além da concepção espiritual, o conceito ajuda a entender a realidade do mundo vivo.

No campo social, a rede social, também um padrão não linear de organização, pode explorar os conceitos desenvolvidos pelas teorias sistêmicas e complexas, da biologia e da matemática, como retroalimentação ou emergência, mas com a adição da perspectiva do significado. “Os nodos e as ligações da rede não são meramente bioquímicos. As redes sociais são, antes de tudo, redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder, e assim por diante”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 378). Para compreender os fenômenos biológicos e sociais como rede, alerta o autor, é preciso recorrer a também a ideias da teoria social, filosofia, ciência cognitiva e antropologia, como os múltiplos ciclos de *feedback* para produção do sistema compartilhado de crenças e valores, visto em Luhmann. Por isso, é importante um estudo unindo diversas disciplinas para entender as redes no campo social, como sugerido por Paul Feyerabend.

Capra (2005, p. 93) sugere então ampliar os conhecimentos dos sistemas vivos para a realidade social. “A aplicação da compreensão sistêmica da vida ao domínio social, portanto, identifica-se à aplicação do nosso conhecimento dos padrões e princípios básicos de organização da vida – e, em específico, da nossa compreensão das redes vivas – à realidade social”. A primeira percepção é dos sistemas sociais também como redes autogeradoras, mas permeadas por comunicações. Outra comparação possível é a produção de estruturas e a natureza das relações dela. Nas redes biológicas, são geradas várias estruturas moleculares, sejam partes da membrana, outros componentes, portadores de energia ou catalisadoras de processos metabólicos. As redes sociais também geram estruturas materiais, como prédios, ruas e tecnologias, que se tornam componentes da rede, e bens materiais que podem ser trocados entre os nós da rede. Mas, ao contrário das redes biológicas, as estruturas são criadas com uma intenção. “As estruturas são criadas com um propósito, de acordo com algum planejamento, e incorporam algum significado. Para entender as atividades dos sistemas sociais é, portanto, de importância crucial estudá-las a partir dessa perspectiva”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 382).

Manuel Castells estuda a perspectiva da rede nas estruturas econômicas e sociais, embora não faça a relação biológica com as redes nos sistemas vivos. Para ele, a rede supera um modelo hierarquizado e centralizador de organizar a sociedade. “Uma rede é um conjunto de nós interconectados. Qualquer componente de uma rede é um nó e sua função e significado dependem dos programas da rede e de sua interação com outros nós da rede. [...] Os nós só existem e funcionam como componentes de redes. A rede é a unidade, não o nodo”. (CASTELLS, 2015, p. 66). A rede é formada de acordo com um programa que atribui metas e os regulamentos do desempenho e funciona por meio de fluxos correntes de informação entre nós em estruturas comunicativas. A importância dos nós está em sua capacidade de contribuir para a eficácia da rede e todos eles são importantes para o desempenho do todo. “As redes são estruturas complexas de comunicação construídas em torno de um conjunto de metas que simultaneamente garantem a unidade de propósito e a flexibilidade de execução em virtude de sua adaptabilidade ao ambiente operacional”. (p. 67). Segundo Castells (2016, p. 553), a forma de organização social da rede existiu em outros tempos, mas o novo paradigma das tecnologias de comunicação fornece a base para expansão em toda a estrutura social.

O sociólogo espanhol argumenta que o novo ambiente tecnológico tornou as redes o modelo de organização social mais eficiente pois exacerba três características do formato: flexibilidade, escalabilidade e capacidade de sobrevivência. Flexibilidade é a habilidade de reconfiguração de acordo com mudanças ambientais e manutenção das metas, escalabilidade é a possibilidade de expansão ou encolhimento sem interrupções que paralise o funcionamento e a capacidade de sobrevivência acontece por superar ataques pois não tem um centro e operam em diversas configurações. (CASTELLS, 2015, p. 69). Com esses atributos, a sociedade em rede se estabelece como estrutura de organização social. A sociedade é constituída de redes ativadas por tecnologias de comunicação que se interconectam em relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder, que podem ser globais, pois têm a capacidade de reconfiguração de acordo com as instruções e, por meio digital, conseguem ultrapassar fronteiras territoriais e institucionais. A força da rede atua sobre as relações sociais, e ela pode ser modificada pelos principais nós de acordo com interesses, pois é maleável às forças sociais, à cultura, à política e às estruturas econômicas. (p. 70-2).

Nas redes, a comunicação tem um papel fundamental, pois estas representam as trocas simbólicas e de informação que permitem o seu funcionamento. “O poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder” (CASTELLS, 2016, p. 553). E, embora possuam atores sociais mais fortes do que outros, capazes de programar as metas, as redes têm uma forma

descentralizada de comunicação que possibilitam transmissão de mensagens a todos os nós participantes. “As redes horizontais de comunicação baseadas na internet são ativadas por sujeitos comunicativos que determinam tanto o conteúdo quanto o destino da mensagem e são simultaneamente emissores e receptores dos fluxos multidirecionais de mensagens”. (CASTELLS, 2015, p. 183). O novo sujeito da comunicação, que, além de receber, também podem emitir, emerge da estrutura da internet e é uma figura central na rede. As perspectivas da rede somada à Ecologia Profunda, junta-se aos conceitos de relações e Maturana e Varela e à complexidade de Edgar Morin para basear os Ecosistemas Comunicacionais.

1.3. Ecosistemas Comunicacionais

Da conjectura de crise nas teorias das ciências exatas e biológicas que levaram ao questionamento dos métodos também nas humanas, e o surgimento de novas formas de pensamento em diversas partes do mundo, da Amazônia – que, por suas características geográficas únicas, pode ser considerada uma localidade propícia para emergência de novas concepções científicas –, nasce uma nova forma de olhar para a comunicação, por meio das relações, das interconexões, do contexto, da complexidade, do meio ambiente, da metáfora da floresta, do respeito às tradições dos povos indígenas e das dificuldades de transmissão na região. Com o objetivo de pensar os problemas da comunicação, a pesquisa da Amazônia se abre para outras áreas em busca de uma ciência interdisciplinar, pois nasce da biologia, física e filosofia e vê a sociologia, psicologia, linguística, economia, além de outros campos das ciências humanas, exatas e biológicas, como instrumentos para uma visão ecossistêmica.

Uma visão nova para comunicação oriunda da Amazônia é percebida nas pesquisas realizadas na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PGCCOM/UFAM) da instituição, do qual faço parte, foi criado em 2008 e tem como área de concentração ‘Ecosistemas Comunicacionais’, campo de estudo “no qual os processos comunicativos são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os diferentes sistemas que dão vida às práticas comunicativas. Compreende estudos [...] em ambientes comunicacionais conformados pelas interações entre sistemas sociais, culturais e tecnológicos, considerando a complexidade sistêmica e informacional dos fenômenos comunicativos”. (PGCCOM). As proposições iniciais sobre os Ecosistemas Comunicacionais foram desenvolvidas na universidade amazonense, mas, de acordo com Gilson Monteiro (2017), propositor da área de concentração, a concepção ecossistêmica nasce

com base no conceito da Educomunicação⁵ estudada na Universidade do Estado de São Paulo (USP). Ao chegar à Amazônia, o conceito adquire uma nova compreensão, como afirma Sandro Colferai (2014, p. 19).

Gilson Monteiro e Sandro Colferai (2011, p. 33) olham para as realidades dos povos amazônicos, sejam os urbanos das capitais, os ribeirinhos que vivem de acordo com o movimento dos rios ou os índios em contato direto com a natureza, e chegam à seguinte conclusão: “É preciso pensar a comunicação *para* a Amazônia e *na* Amazônia [grifo do autor]”. Os autores observam como a geografia da Amazônia serve de metáfora para os processos comunicacionais e compreendem as particularidades das interações em pequenas comunidades às margens dos rios, os estranhamentos e rearranjos nas periferias nas grandes cidades e os usos híbridos das tecnologias de comunicação numa região de geografia desafiadora. (MONTEIRO & COLFERAI, 2016, p. 2). O olhar sob sujeitos e geografia da região permite perceber como as relações dos povos amazônidas em meio a um ambiente característico são relevantes para saúde, economia, relações sociais, povoamento e práticas cotidianas. A compreensão é a Amazônia como possibilidade de olhar para estudo dos problemas da comunicação visando entender as realidades amazônicas. Mas aberto também a outros locais, para, dessa forma, não limitar o conceito à região. “A abordagem a partir da Amazônia é antes uma metáfora explicativa do que um fechamento do conceito à região”. (COLFERAI, 2015, p. 2).

O ponto de partida para desenvolver um olhar da Amazônia para os problemas de comunicação são as teorias sistêmicas, ecológicas e da complexidade, baseadas em Humberto Maturana, Francisco Varela, Fritjof Capra, Niklas Luhmann e Edgar Morin. Elas se juntam à percepção das relações estabelecidas no mundo natural e da integração homem (sociedade) e meio (natureza) para estabelecer o objetivo da visão amazônica: entender os problemas da comunicação a partir das interconexões entre elementos e ambiente como um conjunto completo. “Nesse ambiente, relações se formam e desvanecem ininterruptamente, com o todo sempre sendo o ponto de interesse, e não as partes, ou mesmo a soma das partes”. (MONTEIRO

⁵ Educomunicação é um campo de estudos desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares. O conceito é definido como "o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais (tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou “e-learning”, e outros....), assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem"(2000, p. 63). Desses estudos nasce a concepção do Ecossistema Comunicacional, pela utilização do termo ecossistema comunicativo na Educomunicação, definido como "a a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o modus faciendi dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional". (2000, p. 23).

& COLFEIRAI, 2011, p. 43). Por ser necessário enxergar o todo, o meio natural é elemento fundamental para compreender as interações. É a inseparabilidade entre ser humano e ambiente, no qual acontecem os processos comunicacionais. “Trata-se de relações ecossistêmicas, mas também de relações comunicacionais que envolvem, inclusive, a comunicação mediada pelos meios. Estas interações comunicacionais são inapartáveis das interações naturais, o que é amplificado pela tecnologia”. (MONTEIRO & COLFERAI, 2016, p. 2). Os Ecossistemas Comunicacionais devem ser entendidos pelo todo das relações sociais, processos comunicacionais e o ambiente. Como dizem os autores, é a superação do “eu” cartesiano pelos “nós”, tanto como junção do ‘eu’ e do ‘outro’ quanto como pontos de encontro da rede, necessário a uma nova ética das interações.

Monteiro e Colferai (2016) entendem o meio natural como elemento fundamental para compreender as interações e as relações comunicacionais, inclusive as mediadas pelos dispositivos, pois a natureza não é um obstáculo para o homem, e sim um ambiente que permite uma atuação conjunta. “[A natureza] deve ser compreendida para que o então o homem possa nela atuar”. (MONTEIRO & COLFERAI, 2016, p. 5). Como os ribeirinhos da Amazônia, que vivem de acordo com a subida e descida dos rios. Euclides da Cunha diz que as distâncias que separam a região amazônica do resto do mundo contagiaram os povos locais para uma cultura cabloca e isolada. (MONTEIRO & COLFERAI, 2014, p. 3). Não é uma ideia de determinação, mas da importância do ambiente para as práticas sociais. Para completar essa compreensão, Monteiro e Colferai utilizam o conceito ‘Enação’, de Francisco Varela, como forma de entender a atuação do indivíduo cognoscente com o ambiente como oposição ao pensamento de uma realidade exterior dada e interpretada. “É esta concepção que o conceito de enação questiona, pois ao atuar em acoplamento estrutural o ser humano [...] recebe a perturbação e retém aquilo que lhe interessa para manter sua relação com o meio, e com o outro [...]. E isto é diferente de apenas receber a informação”. (MONTEIRO & COLFERAI, 2014, p. 10). A enação não admite a existência de um mundo exterior, onde os conhecimentos já existem, e corrobora a ideia de construção mútua do mundo. Por isso, é preciso entender a importância do ambiente no processo comunicacional, percebendo o homem como apenas um integrante de um contexto que altera as relações sociais e as interconexões.

E, para assimilar o conceito do Ecossistema Comunicacional, esse é ponto mais fundamental, segundo Sandro Colferai (2014, p. 23): a inseparabilidade entre natureza, sociedade e as sensibilidades amplificadas pelos suportes tecnológicos da comunicação e informação. Por isso, a importância do conceito ser estudado na Amazônia. Por ser uma região

“em que a sabedoria das populações milenares aponta para a recursividade entre o humano e a natureza, sem hierarquizações, uma noção de inseparabilidade que somente recentemente o conhecimento científico passou a reconhecer”. (COLFERAI, 2014, p. 21). Assim como os povos milenares da Amazônia convivem com a natureza em um processo de recursividade, também as populações que hoje em sua maioria ocupam as cidades devem pensar na atuação em conjunto com a natureza e com o um ambiente tecnológico. Colferai (2014, p. 39-40) não fala em “presença cada vez maior das tecnologias no cotidiano das pessoas”, e sim do fato da inseparabilidade delas nos modos de vida contemporâneos. “Os nascidos sob esta realidade têm novos modos de viver e circular, e novas percepções de tempo e espaço”. O ambiente é permeado por interações criadoras de novas sociabilidades, com pessoas mais próximas – por morar em cenários urbanos – e se relacionado por meio das tecnologias de comunicação e informação, que permitem distribuição de conteúdo em abundância.

O sujeito, sociedade e natureza convivem e devem ser entendidos pelo todo das relações, e não como a soma das partes. Inclusive Colferai (2014, p. 21) avalia esses elementos, não como partes, mas como multiplicidades que se impõe na leitura do Ecosistema Comunicacional. Colferai (2014, p. 101) enxerga essas multiplicidades como relações dialógicas entre diferentes, permitindo inclusive contradições, que não reduzem, em encontros constantes e diversos, em que relações rizomáticas acontecem e desaparecem. A permanência não é de um ou outro encontro, mas de encontros múltiplos, inesperados e constantes. Descartar os elementos como ‘partes’ para entendê-los como multiplicidades significa perceber as naturezas complexas do sujeito, sociedade e ambiente, eles próprios realidades particulares. O Ecosistema Comunicacional prevê a percepção de todas as multiplicidades implicadas, e até por isso Colferai reconhece que não é possível o apresentar por completo, e sim apresentar visões parciais. Ele faz a diferenciação entre Ecosistema Comunicacional, no singular, e Ecosistemas Comunicacionais, no plural. No singular, o termo considera as multiplicidades sem separação. No plural, atua como recurso explicativo recorrente que facilite a compreensão dos recortes. (COLFERAI, 2014, p. 21). Por isso, considero o Ecosistema Comunicacional como o conceito geral, mas também como apontamento de um recorte específico como o do meu estudo, assim como o plural também pode explicar a concepção, pois fala das delimitações.

Como conceito geral, o Ecosistema Comunicacional envolve os aspectos sociais e biológicos do sujeito, entre individualidades, sociedade e natureza. Esta percepção não exclui o papel das tecnologias nas relações, mas as delimita como materialidades assumidas como parte das pessoas, ou extensões de nós mesmos, de acordo com Marshall McLuhan. “O

Ecossistema Comunicacional busca alcançar uma aproximação efetiva entre o ser humano, em suas instâncias biológica e social, o ambiente, tanto como presença física como por construção narrativa, e as tecnologias da comunicação e informação pela presença material e pelas extensões que proporcionam ao homem”. (COLFERAI, 2015, p. 13). Monteiro e Colferai (2016, p. 11) entendem que as tecnologias potencializam e reconfiguram as interações, além de modificar os tempos e os espaços. Eles defendem a posição das tecnologias como corporalidade estendida que Derrick de Kerckhove ampliou de McLuhan, ao perceber como elas “resultam na proliferação de interfaces sensoriais, prolongamentos de mentes e corpos, dos sentidos, e nos fazem ter um ponto de vista estendido”. As tecnologias de comunicação são ferramentas que alteraram nossas percepções e que usamos nas relações com o mundo. Por isso, apontam Monteiro e Colferai (2016, p. 14), a eficiência das tecnologias está em ser absorvida naturalmente, para não ser mais percebida como instância própria. Com isso, comenta Colferai (2014, p. 39-40), elas são tratadas como inseparáveis dos modos de vida contemporâneos ao criar novos modos de viver e circular e novas percepções de tempo e espaço. “As virtualidades postas em circulação e consumidas através dos suportes tecnológicos ultrapassam as experiências cotidianas [...] e apresentam inumeráveis possibilidades de escolha para o consumo de informações, que passam a compor o repertório cognitivo das sociedades”. (p. 22).

Com essa perspectiva, as tecnologias de informação e comunicação não são consideradas determinantes para a comunicação, pois esta é resultado das relações sociais entre sujeitos em um ambiente, o que desconsidera a visão de um processo maquínico. “O processo de comunicação não pode ser submetido a regras, pois depende principalmente das interações entre os organismos vivos e sociais nele envolvidos”. (MONTEIRO & COLFERAI, 2011, p. 36). Entender a comunicação pelo Ecossistema Comunicacional é perceber que o mundo é formado por relações possibilitadas pelo ambiente, duas questões fundamentais para entender o conceito. “Contexto e relações [são] elementos chave. Ao contrário dos modelos teóricos mais antigos, no qual elementos como emissor, receptor, mensagem e canal eram atomizados, os Ecossistemas Comunicacionais permitem uma análise da atuação em conjunto das diferentes variáveis que fazem parte da comunicação”. (FREITAS, 2013, p. 58). Colferai (2014, p. 84) concorda e percebe que as diferentes variáveis são observadas pelas relações impostas no processo de comunicação. “O objeto do conhecimento não é atomizado, mas posto em contexto de maneira que seja possível ampliar o foco, o que retira a atenção do elemento estudado e a redireciona para as relações, para os processos que envolvem o objeto”.

É preciso entender como os processos comunicacionais, que incluem a internet, não possuem relação de causa e efeito, sendo decorrência de uma convivência comum, como concordam Muniz Sodré (2012) e Dominique Wolton (2002; 2011; 2012) em suas teorias da comunicação. A comunicação é resultado das interconexões existentes e interações realizadas entre os sujeitos e com o ambiente. Quando Maturana e Varela apontam que “a história das interações de cada organismo resulta em um caminho específico de mudanças estruturais” (2001, p. 141), eles falam de sistemas autopoieticos que sofrem alterações estruturais pelas relações com outros sistemas e com o ambiente, como também compreendem Monteiro e Colferai sobre as realidades sociais ao afirmar que “o mundo [é] resultado das experiências e das interações com o meio” (2015, p. 53) e que o compartilhamento de experiências permitem a construção de espaços consensuais (2016, p. 7). Troca-se o entendimento de causa e efeito, proeminente na comunicação nas teorias dos efeitos dominantes no Século XX, para a substituição de termos como impacto e provocação, por desencadeamento. A partir dessas pesquisas, a percepção muda para como as relações pelas comunicações são *desencadeadoras* de modificações estruturais nos elementos e no ambiente.

Como diz Pereira (2011):

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura. (p. 51).

1.4. Emergências, relações e movimentos no Ecossistema Comunicacional

A crise na ciência nas áreas de exatas e biológicas atingiu também a comunicação, com questionamentos às teorias tradicionais. Além do Ecossistema Comunicacional, que nasce das críticas nos campos da física, matemática e biologia, estudiosos da comunicação também produziram novas teorias, por perceberem limites nas concepções vigentes. Para Ciro Marcondes Filho (2008, p. 7), uma nova teoria de comunicação tornou-se urgente, pois a inovação tecnológica avança em alta velocidade e, por isso, as teorias correntes ficaram obsoletas e novos parâmetros teóricos são necessários. Dominique Wolton (2011; 2012) acredita que as teorias atuais confundem a comunicação com a informação ou a técnica. Primeiro, o francês afirma que é falso pensar que comunicar é simplesmente informar, sendo um processo mais complexo, que exige convivência e administração de diferenças. (WOLTON,

2012, p. 12). Outro engano é utilizar a ideologia tecnicista para explicar a comunicação, “confundindo a rapidez e o desempenho das ferramentas com a incerteza e a complexidade da comunicação entre os homens”. (WOLTON, 2012, p. 31). A comunicação não pode nunca ser reduzida a uma problemática de transmissão. (WOLTON, 2011, p. 131). Muniz Sodré (2012c, p. 2) percebe o paradigma dos efeitos, baseado em uma comunicação funcional, como a perspectiva vigente nos estudos e caminho da maioria das pesquisas de comunicação. Entretanto, “esse paradigma tem-se relevando epistemologicamente insuficiente para a fundamentação”, ao se limitar a conhecer o poder discursivo da mídia sobre a sociedade. “A comunicação é aí puramente funcional, isto é, concebida como instrumento (rádio, jornal, revista, televisão, internet e outros) a ser analisado, ou então como mero pretexto para a resolução de um problema da disciplina”. (p. 18). E, segundo Sodré, ainda vivemos em um cenário de crise, pois, apesar de algumas tentativas, o campo permanece ambíguo.

Considero as ponderações de Marcondes Filho, Wolton e Sodré e me utilizo das abordagens dos três em novos conceitos da comunicação. São concepções próprias, mas desenvolvidas no cenário de crise nos modelos teóricos vigentes da comunicação, como está sendo para o Ecosistema Comunicacional. Dominique Wolton (2011) rejeita a lógica tecnicista e empreende uma concepção humanista na qual o desafio é administrar as diferenças em busca de uma comunicação que permita a convivência. O francês aponta cinco etapas que explicam a teoria da comunicação defendida por ele: a comunicação é inerente à condição humana; os seres humanos se comunicam para compartilhar, convencer ou seduzir; a comunicação esbarra na intercomunicação; emissor e receptor passam por fase de negociação; e após a negociação, vêm a convivência. (WOLTON, 2011, p. 19). Pelo mesmo caminho, Ciro Marcondes Filho também segue o preceito da importância do receptor. Para ele, a comunicação é uma relação entre pessoas e devem ser percebidos os fatores extralinguísticos, processos mais sentidos que verbalizados também pela atmosfera presente no momento. O autor diferencia a transmissão do recebimento. “Comunicação é exatamente isso: o fato de eu receber o outro, a fala do outro, a presença do outro, o produto do outro e isso me transforma eternamente”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 8). A perspectiva de Muniz Sodré também questiona o paradigma da informação que foca na lógica do emissor por meio de tecnologias e entende a comunicação como organização das relações sociais codificadas pelo mercado e pela tecnologia. “[A comunicação] não é transmissão de informações nem diálogo verbal, e sim uma forma modeladora (organização de trocas reais) e um processo (ação) de pôr diferenças em comum”. (SODRÉ, 2014, p. 193). Dessa forma, o ato de comunicar é interpretado como ação de instaurar

o comum na vida social. “A comunicação [...] é uma ação, um fazer organizativo. [...] Seja com as obras de sua mão, seja com as palavras de seu discurso, o homem se comunica, não porque transmite um saber, mas porque faz a tradução daquilo que pensa”. (p. 265).

São novas formas de olhar para a comunicação, consolidadas, mas ainda em formação, assim como o Ecosistema Comunicacional. A diferença é o ponto teórico em que se encontram. Nesse sentido, a visão ecossistêmica põe-se como um desafio aos pesquisadores. “Lembra-se aqui mais uma vez que, tal como nas outras ciências, a questão do ponto de vista dos ecossistemas comunicacionais (sic) está em construção. Isso significa que não existe uma bibliografia definitiva para os estudos que parte dessa perspectiva, sendo então um desafio adicional para os pesquisadores na contemporaneidade ajudar a construir esse caminho, o que pode trazer dificuldades nos momentos iniciais de realização do trabalho”. (FREITAS, 2013, p. 58). Colferai (2014, p. 21) concorda ao “indicar que outras leituras explicativas [do Ecosistema Comunicacional] são possíveis”. Até mesmo por isso, o autor, em sua tese, na qual desenvolve o conceito do Ecosistema Comunicacional e dessa forma estabelece parâmetros teóricos do campo, deixa claro que o texto é a leitura dele do Ecosistema Comunicacional.

Como campo em formação, permito-me expor as minhas próprias considerações de forma a contribuir para a construção teórica do Ecosistema Comunicacional. São textos soltos com minha própria visão, sem discussão, incluindo citações de autores, resultados de reflexões, observações, debates teóricos, reuniões no grupo de pesquisa Interfaces, da Ufam, leitura de artigos e ponderações sobre textos diversos. Além disso, como pede Paul Feyerabend (2011), me alio a novas teorias da comunicação descritas acima, também em formação, que se aproximam das incertezas sobre a teoria dos efeitos. No processo de pesquisa, senti a necessidade de expressar meu olhar sobre esta nova concepção, algo percebido e realizado também por colegas do PPGCCOM/UFAM. São resumos que podem virar artigos e escritos mais elaborados quando eu estiver em um estágio mais avançado como pesquisador. Ao invés de manifestar meu entendimento do conceito em trechos na seção anterior, decide dedicar uma parte específica para não haver incertezas entre o conteúdo da base teórica do Ecosistema Comunicacional e as minhas observações próprias.

As estruturas sociais, valores e significados correntes no Ecosistema Comunicacional emergem dos próprios sujeitos de forma desordenada e caótica. O que significa que símbolos institucionalizados, objetivos da sociedade e condições de existência não são criados com metas iniciais, como se fossem planejamentos de poder, mas surgem das demandas sociais e individuais. Mesmo que sejam oriundas de pensamentos de intelectuais, produções culturais ou

projetos com metas, estes precisam da condição de aceitação das partes que compõe um/o Ecossistema Comunicacional. Tenho a compreensão de que as instituições sociais nascem de forma descentralizada, não necessariamente sendo projetos de sujeitos poderosos na rede, o que permite perceber o processo caótico por qual passam os valores para que ocorram mudanças. As técnicas e os conceitos do jornalismo, por exemplo, emergem da prática dos próprios jornalistas e das formas de recepção dos sujeitos no Ecossistema Comunicacional, sendo alterados de acordo com atuações realizadas com objetivos individuais, sociais e econômicos.

Para entender o Ecossistema Comunicacional, é preciso olhar para as relações entre os sujeitos. É preciso observar o todo como mais que a soma das partes. Como uma orquestra, que interpreta a beleza musical como um conjunto de sons de diferentes instrumentos, mesmo que cada um tenha sua particularidade e característica própria. A alta técnica musical só é alcançada nas apresentações em conjunto, onde cada músico consegue sentir o ritmo e sonoridade do outro. Ou em ecossistemas naturais, onde cada ser da fauna e flora cumpre um papel para a plena convivência e continuidade da vida, e só por essas ações há a permanência da vida. É o caráter interdependente dos elementos em relação. Por isso, os elementos do Ecossistema Comunicacional só atuam pelas relações recorrentes com os outros, sendo condição essencial para a vida social. Viver é se relacionar. E para que haja alterações nos significados, valores e objetivos em elementos do Ecossistema Comunicacional, é preciso que exista continuidade nas relações e o contexto que permita as interconexões.

Com as relações recorrentes, são inevitáveis as transformações culturais e sociais constantes no Ecossistema Comunicacional. Pelo caráter instantâneo da sociedade pós-moderna, a compreensão é que as relações são aceleradas, imediatas e flexíveis e, por isso, a sociedade está em permanente movimento em seus valores, objetivos, técnicas, expressões, símbolos, significados, materialidades, objetos.

Uma das particularidades do conceito do Ecossistema Comunicacional é a importância do ambiente como elemento físico, e não apenas como conceitual de contexto, sendo uma das especificidades encontradas em relação a outras teorias que priorizam os sujeitos e suas interligações. Atualmente, as relações do Ecossistema Comunicacional acontecem entre o ambiente natural (meio em que vivemos) e o tecnológico (possibilidades de viver pelos instrumentos de tecnologia). Por questões biológicas, que não vou me aprofundar, é possível observar, por exemplo, como o clima e a temperatura podem afetar as pessoas de certa forma que alterem os hábitos sociais. As distâncias entre capital e interior ou zonas urbana e rural, necessidade de utilizar barcos, como na Amazônia, ou carros para realizar viagens e fenômenos

naturais são algumas das condições ambientais que permeiam as relações no Ecosistema Comunicacional. Olhar para as relações é o objetivo da percepção ecossistêmica, mas, nessas interconexões, é imprescindível a percepção do ambiente.

A mudança é necessária a partir da compreensão de Capra (2005) da manutenção dos padrões de organizações das redes, mesmo essas sofrendo provocações de outros sistemas e do ambiente, como é possível observar no portal de notícias na internet, enquanto meio de comunicação, em relação ao ambiente tecnológico e ciberespaço, os concorrentes, as mídias tradicionais, a sociedade interconectada e veloz, os jornalistas, entre outros. O portal manterá sua capacidade de produção jornalística, mesmo que o fluxo das relações afete seu funcionamento, e o fará através de mudanças internas – no sentido de um sistema autopoietico (MATURANA & VARELA, 2001) –, no seu padrão de organização autogerador, que Capra (2005, p. 84) aponta, em uma nova compreensão da vida, ser composto por forma, matéria, processo e significado. No sentido, para o objeto deste projeto, de forma (elementos que compõe o Ecosistema Comunicacional), processo (comunicação no processo jornalístico), matéria (notícia, memória, arquivos) e significado (valores do jornalista e modos de produção).

2. A NOTÍCIA NA INTERNET – VELOZ, HIPERTEXTUAL E MULTIMÍDIA

A ambiência tecnológica permeia todos os grupos da sociedade e contribui para os movimentos no Ecosistema Comunicacional, incluindo o jornalismo, jornalistas e empresas de comunicação, que fazem parte do objeto investigado neste estudo. Presente na vida social desde o século XVIII, como emergência das pessoas em busca de informações e se consolidando como mediação entre poder político e população, o jornalismo também passa por um processo constante de mutação, de acordo com as mudanças econômicas, políticas e sociais na sociedade. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) desencadeiam alterações no processo comunicacional jornalístico, em aspectos como relação dos jornalistas com as pessoas, exigência do tempo sobre o espaço e novas formas de produção, disponibilização e circulação das notícias. Meu objetivo nesta seção do trabalho é primeiramente expor a importância do jornalismo na sociedade, mas também o equilíbrio necessário entre questões técnicas, econômicas e mercadológicas, ressaltando também a passagem dos suportes tradicionais (papel, rádio e televisão) para a internet, e como formam-se as características do webjornalismo. Depois, discutir a maior participação dos sujeitos receptores, que hoje tem maior atuação nos meios de comunicação e ambiente jornalístico, atuando também como produtores de conteúdo, mas considerando a importância da credibilidade dos jornalistas profissionais. Encerro com o destaque a três características que observo como fundamentais para entender o jornalismo na internet: velocidade (a proeminência do tempo), hipertextualidade (em uma narrativa não linear) e multimídia (a capacidade de oferecer diferentes suportes).

2.1. Relações econômicas e sociais da notícia

O avanço da industrialização e o processo de urbanização das capitais do mundo desencadearam o aumento populacional e da infraestrutura das cidades – também com a migração das pessoas das áreas rurais para as urbanas –, e a necessidade de aproximação em um cenário de extensão das distâncias. Os sujeitos começam a ter a necessidade de se informar sobre lugares mais longínquos, com o objetivo de se manter parte das relações sociais. A instituição dos poderes políticos, como a tríade Executivo, Legislativo e Judiciário, em nações estabelecidas em princípios democráticos aumenta o empenho de estar informado, como forma de fiscalização dos governantes. Com o crescimento do mercado das notícias e expansão das empresas e novos suportes, os meios de comunicação buscam formas de captar a atenção das pessoas e aumentar a audiência, fazendo com que a imprensa cumpra também um papel de entretenimento, uma atividade adjacente ao princípio original do jornalismo. São dois comportamentos que devem atuar em equilíbrio: social e econômico. Realço o jornalismo

emergente dessa necessidade social de informações sobre arredores cada vez mais afastados e fiscalizador do poder, mas sem relevar as forças econômicas no processo.

Existe uma necessidade funcional na relação sociedade e meios de comunicação, na qual o último tem a função de noticiar o desconhecido, fiscalizar para manutenção da democracia e oferecer entretenimento. Mas há, como princípio ontológico do ser humano com a informação, elementos psicológicos e individualizantes envolvidos. “O homem tem medo do desconhecido e luta desesperadamente contra ele”. (PENA, 2008, p. 22). Com essa afirmação, Felipe Pena acentua a obsessão do homem em dominar o caos e desvenda a necessidade básica de informação, em referência a objetivos particulares. Para o autor, a tentativa do homem de controlar a desordem ajuda a explicar a emergência do campo como profissão, com a proposta de transmitir informações. O homem acredita que pode levar uma vida mais estável por meio do conhecimento dos fatos. Cremilda Medina (1988, p. 15) fala em controle do tempo e espaço como fator do surgimento do jornalismo. “Com essas duas variáveis, tempo e espaço, a informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial.”. Em certos aspectos, as reações humanas também são ressaltadas por Ciro Marcondes Filho (2009, p. 79). Para o autor, a informação jornalística atua em um jogo psíquico, desencadeando processos de preocupação, por um lado, e de alívio e descontração em outro. “Trata-se da dialética de atemorização e da tranquilização”. É um jogo de emoções, como ele mesmo diz. Além disso, salienta que as pessoas têm a necessidade de “saber das coisas” para a aparência de estar informado e ter ação no mundo. É uma forma de participar da vida social.

A ontologia da informação jornalística é responder a demandas psicológicas dos seres humanos e, por isso, a princípio, as notícias cumpriam o objetivo de revelar o desconhecido. A instauração dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário na estrutura social, criados em princípios democráticos, aumentou o papel e importância dos meios de comunicação, como mediação e fiscalização. “A relação entre democracia e jornalismo é fundamentalmente uma relação simbiótica em que a liberdade se encontra como estrela brilhante [...] que fornece ao novo jornalismo emergente uma legitimidade” (TRAQUINA, 2012, p. 42). A democracia permite a maior participação política e social das pessoas, que elegem o jornalismo como cumpridor do papel de alimentar os cidadãos de notícias para que eles possam exercer os direitos democráticos. Alsina (2009, p. 126) lembra o desenvolvimento da teoria da responsabilidade social da imprensa em países democráticos liberais definindo ao jornalismo uma obrigação com a sociedade. “Devem intervir por causa do interesse público”. É uma forma das pessoas agirem sobre os poderes. “A mídia não reflete a sociedade, mas a representa”. (p.

65). As relações entre os grupos sociais, sujeitos e sociedade e governantes, poderes políticos e instituições no Ecosistema Comunicacional devem acontecer em equilíbrio de poder para manutenção da ordem em sistemas com predisposição à desordem, como discuti na primeira seção, e o jornalismo emerge para cumprir esses papéis.

O jornalismo é considerado um ‘Quarto Poder’, ou seja, um poder paralelo ao legislativo, executivo e judiciário. Nelson Traquina (2012, p. 46) explica a criação desse termo: no século XIX, o deputado McCauley, do Parlamento da Inglaterra da época, apelidou os jornalistas de ‘O Quarto Poder’ em uma época em que a imprensa funcionava como fiscalizador do clero, nobreza e o povo, e agora aos poderes políticos e jurídicos. A concepção é de que os meios de comunicação, compostos de profissionais do jornalismo, têm a capacidade, e legitimidade, de atuar paralelamente e com liberdade. O sentido de pensar em ‘Quarto Poder’ é constatar a impulsão de movimentos no Ecosistema Comunicacional a partir da publicação de notícias. Por isso, Rizzotto (2012, p. 114) considera a imprensa como articuladora da agenda da sociedade. As derrubadas de governos, mudança na constituição, cobrança por investigações, destaque a causas sociais, incentivo a discussão de assuntos determinados são processos estimulados pelo jornalismo. Marcondes Filho (2009, p. 88) alerta para a importância da imprensa, pelo poder de formar, reforçar e conduzir opiniões na sociedade, e Sodré (2012, p. 38) completa constatando que a midiaticização é responsável pela produção e visibilidade de fatos sociais. A capacidade de geração de realidades é uma forma de poder social.

Pierre Bourdieu (1997) observa o domínio do jornalismo sobre o “espaço público”, como forma de controle prejudicial, do campo sobre o debate público. Os discursos de outras áreas precisam passar pela seleção jornalística, feita com os óculos ideológicos dos profissionais. “Não há discurso, nem ação que, para ter acesso ao debate público, não deva submeter-se a essa prova de seleção jornalística, isto é, essa formidável censura que os jornalistas exercem”. (p. 67). A preocupação é com a influência ideológica nas notícias, que, para Marcondes Filho (2009, p.76), é inevitável. Para ele, atuar no jornalismo é uma opção ideológica, pois os jornalistas definem o que vai sair nas edições, com qual destaque, a angulação, a manchete, a posição, o favorecimento como ato consciente. Isso torna o jornal uma reprodução parcial da realidade. Muniz Sodré (2012b) não descarta as mutações sociais que o jornalismo pode desencadear, mas relativiza o poder de manipulação da mídia, ao alertar para ações obscurecidas pelos meios de comunicação e que podem ter grandes efeitos na sociedade. “Não se trata de manipulações deliberadas, nem de mentiras, mas de interpretações” (SODRÉ,

2012, p. 15). A concepção é compreender que, em sua atuação, os meios de comunicação serão sempre desencadeadores de movimentos ideológicos no Ecosistema Comunicacional.

O estabelecimento do jornalismo é político social, mas sua expansão, para Medina (1988), é de caráter econômico. Urbanização, aumento populacional nas cidades, surgimentos dos meios de comunicação como empresas e utilização de recursos tecnológicos, atraídos pela lógica de competição. Nelson Traquina (2013) concorda ao destacar o processo de industrialização, urbanização, educação em massa e progresso tecnológico como fatores inerentes ao surgimento do jornalismo. A abordagem de Michael Kunczik (2002) vai ao encontro dos dois autores, enfatizando a profissionalização do campo do jornalismo e a transformação em um trabalho de mercado, característica de uma sociedade de troca de valores e fragmentação das atividades. Ser jornalista é o mesmo que ser vendedor, publicitário, administrador, economista, médico, advogado. Nelson Traquina (2013) argumenta sobre a composição da ‘comunidade jornalística’ com a profissionalização dos jornalistas, relatando o aumento de pessoas praticando jornalismo, o desenvolvimento de técnicas específicas e o acompanhamento da profissionalização de outras atividades. Não à toa, Lage (2012, p. 141) diz que a primeira ideologia vista na notícia é a econômica, como forma de lucrar para manter o funcionamento. Do início ideológico democrático, o jornalismo se consolida pela economia.

A ligação jornalismo-sociedade transforma-se em uma vinculação de mercado, onde há venda de notícias, compra de espaços publicitários e concorrências entre meios de comunicação. Mas com um ‘porém’: o jornalismo não perde o aspecto ideológico. Está gerada uma tensão. As relações interdependentes entre sociedade, democracia, poderes políticos, mercado, jornalistas no Ecosistema Comunicacional desencadeia uma queda de braço ‘Economia x Ideologia’ no processo produtivo jornalístico. As necessidades sociais e comunitárias (fiscalizar os poderes políticos para manter o movimento contínuo da sociedade e democracia) e as necessidades pessoais (divertir, entreter e informar) se equilibram nas edições dos jornais. Por isso, é preciso olhar para os aspectos políticos, econômicos, corporativos, ideológicos e individuais envolventes na produção dos meios de comunicação para entender qual é o contexto de relações do qual resultam os produtos do jornalismo. A notícia vive uma dicotomia entre ser um serviço público vital ao cidadão e ao andamento da democracia e ser um produto comercializável em uma economia de mercado.

Os pesquisadores atestam a tensão entre ser um trabalhador de uma empresa em busca de lucro conquistado pelos índices de audiência e um guardião da democracia e do empoderamento do cidadão. Para Marcondes Filho (2009, p. 98), eles se atrapalham, pois o

acontecimento é alterado, dirigido e mutilado quando transformado no produto notícia. Nelson Traquina (2012, p. 27) fala em forças positivas e negativas em conflito. A positiva é a ideológica, com o jornalismo permitindo a participação do cidadão na sociedade e sendo guardião da democracia, e a negativa, com as notícias sendo uma mercadoria que alimenta empresas altamente lucrativa. Elas sempre viverão em tensão. “A tensão entre os dois polos é permanente e insolúvel”. Pena (2015, p. 33) é taxativo sobre a tensão, e acredita que um lado é favorável. “Em seu código genético, não encontramos um serviço público, mas sim um comércio de notícias”. E completa afirmando que a mídia age dessa forma mesmo. “Todos sabemos que a televisão trata os telespectadores como consumidores e não como cidadãos”. (p. 195). E, por fim, Bourdieu (1997, p. 133) mostra a preocupação de temas importantes estarem sendo trocados pela exigência de divertir a qualquer preço.

Mas os jornalistas, que invocam as expectativas do público para justificar essa política da simplificação demagógica, não fazem mais que projetar sobre ele suas próprias inclinações, sua própria visão; especialmente quando o medo de entediar os leva a dar prioridade ao combate sobre o debate, à polêmica sobre a dialética, e a empregar todos os meios para privilegiar o enfrentamento entre as pessoas em detrimento do confronto entre seus argumentos. (BOURDIEU, 1997, p. 134-135).

A dose certa do equilíbrio é baseada no contexto social e nos objetivos dos meios de comunicação. Os aspectos das empresas são sempre resultado das relações entre as partes que compõe o Ecosistema Comunicacional, como sociedade, empresa, profissionais e fontes. O processo produtivo do jornalismo leva em consideração as características da sociedade, que vai receber essas notícias enquanto conjunto de cidadãos, e também como consumidores buscando atender certas expectativas, as necessidades empresarias dos meios de comunicação, cujo funcionamento requer lucro, as atribuições e personalidades dos jornalistas, com características e capacidades próprias e responsáveis finais pelo produto notícia, as fontes dos profissionais da imprensa, que podem buscar interesses próprios, os movimentos sociais, as comunidades, as relações de bairro, as possibilidades tecnológicas, os suportes. A notícia não resulta da relação emissor (jornalista) que manda uma mensagem (informação) a um receptor (público), mas do Ecosistema Comunicacional no qual acontece o processo do jornalismo.

As relações de poder da sociedade têm como um dos ambientes a mídia, como constata Marcondes Filho (2009). A imprensa é uma arena de disputas políticas e confrontos de interpretações. As interconexões dos sujeitos SÃO a imprensa. Para Muniz Sodré (2012, p. 12), dar voz à sociedade é uma das responsabilidades da imprensa. “[O jornalismo deve] assegurar ao cidadão a representatividade de sua palavra, de seus pensamentos particulares, garantindo assim a sua liberdade civil de exprimir-se ou manifestar-se publicamente”. Em Sobre a

Televisão, Pierre Bourdieu (1997) cita em algumas passagens como o jornalismo é resultado das relações sociais. “O mundo dos jornalistas é um mundo dividido em que há conflitos, concorrências e hostilidades”. (p. 30). Como frisa Nelson Traquina (2013, p. 20): O jornalismo faz parte de um contexto que envolve a sociedade urbana, com todas as suas características pós-modernas em um sistema econômico de mercado, oriundo de um processo de industrialização, urbanização, educação em massa, progresso tecnológico e emergência da imprensa com mídia de massa, embora se confunda entre um produto à venda e um elo vital para democracia.

Parte do Ecosistema Comunicacional, o jornalismo absorve as características dos sujeitos. Entre elas, a espetacularização dos acontecimentos. “As notícias são transformadas em shows pela indústria da informação” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 85). Relembrando: o autor fala da dupla via da notícia, de informar, mas também divertir. Esse entretenimento pode permitir a criação de uma atração de celebridade nos jornais ao transformar as ocorrências e movimentos sociais em espetáculos e shows propagandísticos, que são vendidos às pessoas como vida social. (p. 128). A preocupação dele é com atender aos gostos de público sem reflexão. É a mesma inquietação de Felipe Pena (2015, p. 159) quando argumenta que existe um movimento perigoso em que o consumo determina o produto, e a recíproca também, em um ciclo vicioso. A notícia é parte do que Guy Debord (1997, p. 14-5) chama de A Sociedade do Espetáculo. “O espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade [grifo do autor]”. E completa: “A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real”. Debord percebe a sociedade como inerente da espetacularização, que chega às notícias, como visto por Marcondes Filho e Pena. Ou seja, o contexto do Ecosistema Comunicacional resulta em um jornalismo também de espetáculo.

Além das condições originadas pelas relações dos sujeitos, o contexto do Ecosistema Comunicacional também é construído pelos desencadeamentos a partir das interações com o ambiente tecnológico, como o fetiche do jornalismo com o tempo. Em periodicidade, e em velocidade. No *deadline* e na busca pelo furo de reportagem. Essa fixação pelo tempo é adquirida pela sociedade no período da Modernidade, do tempo mais importante que o espaço e organização do mundo por uma forma linear do tempo, como argumenta Sodré (2012). É a forma como a sociedade se organiza por ritmos, marcação do tempo em intervalos regulares, para criar um espaço próprio dentro da temporalidade. Como diz Berman (1998, p. 50), quem pretende realizar grandes empreendimentos precisa se mover com rapidez para todos os lados.

Acompanhar o ritmo serve com o propósito comercial, aponta Ciro Marcondes Filho (2009, p. 92). “O jornalismo trabalha com o direto, o imediato e o rápido”. É uma forma de criar um produto vendável por ser facilmente assimilável.

Imerso em uma sociedade líquida (BAUMAN, 2001), caracterizada pela velocidade nas relações, da predominância do tempo sobre o espaço, onde a instantaneidade é o ideal e o poder é determinado pela capacidade de se mover rapidamente, o processo jornalístico é organizado pelo instantâneo, principalmente sendo “a notícia um artigo deteriorável” (TRAQUINA, 2013, p. 27). A relação do jornalista com o tempo mostra uma obsessão pelas horas, minutos e segundos, aborda Traquina (2013), expondo uma certa irracionalidade dos profissionais em busca da rapidez na transmissão. Essa urgência condiciona a produção de notícias, pelo *deadline* nas mídias tradicionais, e, em época de novas tecnologias, uma busca pela redução entre o momento do acontecimento e a publicação deste como notícia na internet. Para o autor, a diferença de percepção, no campo do jornalismo, entre objetividade e imediatismo ajuda a explicar o quanto os jornalistas vivem pelo tempo. Enquanto o primeiro é questionado, em relação ao conceito de verdade, o segundo é incontestável entre os jornalistas e medida unânime como combate à deterioração da informação.

A relação entre o fator tempo e o jornalista é tão fundamental que constitui um fator central na definição da competência profissional. Ser profissional implica possuir uma capacidade performativa avaliada pela aptidão de dominar o tempo em vez de ser vítima dele. (TRAQUINA, 2013, p. 38).

As mudanças no jornalismo sentidas pelas tensões e relações entre sujeitos e com o ambiente descritas até agora terão seus resultados absorvidos pelas notícias. O jornalismo, composto de relações entre organizações e pessoas, por meio de um canal de difusão de acordo com expectativas (MARQUES DE MELO, 2003), tem interações que, segundo Medina (1988, p.73), resultam em mensagens jornalísticas marcadas pela velocidade e tensão ‘Economia x Ideologia’, tornando-se um produto ambíguo: comercializável, mas também serviço público. Esse produto é, principalmente, a notícia. São registros específicos da realidade baseados no instinto dos jornalistas e nos critérios de noticiabilidade dos meios de comunicação, que buscam uma fuga da normalidade ao mesmo tempo que produzem um recorte da realidade. “As notícias não falam sobre a vida, mas sobre uma subespécie peculiar da vida” (TRAQUINA, 2013, p. 93). A notícia como resultado do processo comunicacional do jornalismo na internet é o objeto do meu estudo, por isso, separo em uma subseção específica.

2.1.1. *Notícia, o produto do jornalismo*

Responsáveis pelo fluxo de informações no ecossistema, os meios de comunicação atuam na distribuição do principal produto jornalístico: a notícia (MEDINA, 1988), que Nilson Lage (2006, p. 73) define como “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante”. Marcondes Filho (2009, p. 78) afirma que a notícia é a informação transformada em mercadoria, mas que também pertence ao jogo do poder político. Novamente, a tensão economia x ideologia permeado no processo. Muniz Sodré (2012, p. 27) destaca que o importante é a notícia ser um relato que obedece às técnicas jornalísticas, como cronologia e veracidade. São objetivos políticos, mercadológicos e profissionais envolvidos. Para não gerar confusão sobre notícia como relatos de informação, dado, fato ou acontecimento, vou utilizar nesse trabalho, a palavra acontecimento, me apoiando em Nelson Traquina, Muniz Sodré e Miquel Alsina. Nelson Traquina (2012) afirma que os jornalistas contam a realidade como uma avalanche de acontecimentos. Sodré (2012) analisa a notícia como um acontecimento referenciado por uma sequência de enunciados cronologicamente ordenados. Esse acontecimento, segundo ele, é a forma de representar o fato socialmente, levando em consideração que fato é algo que pode ser provado. Alsina (2009) considera o acontecimento, um fenômeno social determinado histórica e culturalmente, como matéria-prima que adentra à mídia para ser transformada em notícia.

Embora exponha aqui definições para notícia, é importante levar em consideração que qualquer definição pode ser prejudicial ao conceito, como constatado por Lage (2006), e confirmado por Nelson Traquina (2013, p. 59) ao observar que “a visão que os jornalistas apresentam desta questão – o que é notícia? – é simultaneamente simplista e minimalista”. A crise nas formas tradicionais do jornalismo devido ao crescimento da internet permite questionar inclusive se a definição pode vir do campo profissional (SODRÉ, 2012). A definição é contestada, mas as decorrências do fluxo de notícias podem ser consideradas um ponto pacífico. A notícia não age em um vácuo da sociedade, e podem desencadear modificações na coletividade e ações na vida pessoal. Para Sodré (2012, p. 25), ela pode conceber o real. “[...] a notícia não apenas representa ou “transmite” aspectos da realidade, [...] mas é capaz de constituir uma realidade própria”. Até mesmo pelas características inerentes do processo. “[...] comunicar alguma coisa é sempre excluir uma outra possível”. (p. 93). Seja qual for a definição exata, a notícia é um fator de desencadeamentos de processos sociais no Ecossistema Comunicacional, ao oferecer relatos sobre os poderes políticos ou contar histórias relevantes que sejam identificadas pelas individualidades do sujeito.

A velocidade da modernidade líquida altera o movimento das relações na sociedade, e também atinge as materialidades, como as notícias publicadas nos jornais. A obsessão pelo tempo entropõe-se nas práticas jornalísticas, e para o principal produto não é diferente. Para Muniz Sodré (2012, p. 87), a notícia se insere na estruturação do tempo social trazida pela Modernidade e vincula as experiências sociais com o tempo cronológico, como a periodização. “O ritmo do ciclo de notícias é implacável. [...] O centro gerador do noticiário tem a amnésia institucional do centro de emergência de um hospital: toda noite as manchas de sangue são limpas e a lembrança dos mortos, apagada”. (BOTTON, 2015, p. 221). É a mesma conclusão de Felipe Pena (2015, p. 73): “O tempo é o eixo central do processo. O jornalista está sempre submetido à pressão do *deadline*, do fechamento da matéria. Os fatos podem surgir em qualquer lugar, a qualquer hora. Entretanto, [...] é preciso colocar ordem a imprevisibilidade”.

A ligação com o tempo também é característica da notícia estar inserida no mercado, como um produto. Quem explana essa concepção é Ciro Marcondes Filho (2009, p.93-4), ao observar a notícia como um bem que pode ser comprado, assim como uma fruta na quitanda, e por isso são produzidas com a intenção de ser vendida. A notícia é informação transformada em mercadoria, “com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo”. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 78). Como produto à venda, a notícia também possui um prazo de validade. É perecível. “Toda notícia tem um ciclo, cuja duração varia, na prática, de acordo com o valor jornalisticamente atribuído ao fato”, diz Sodré (2012, p. 94). Marcondes Filho (2009, p. 94) completa ao dizer que “a mercadoria notícia é uma das mais rapidamente perecíveis”.

A notícia é resultado das relações do Ecosistema Comunicacional que envolve sujeitos cumprindo papéis individuais ou em grupos sociais, o ambiente tecnológico, e conceitos ideológicos e mercadológicos. Marcondes Filho (2009, p. 78) confirma o proposto ao argumentar que a notícia pertence ao jogo de forças da sociedade, com três dimensões: inserção da notícia para sobreviver no mercado, veiculador ideológico e estabilizador político. A notícia é disponibilizada pela imprensa, mas é decorrência das interconexões, como frisa Muniz Sodré (2012, p. 39): “[...] a construção do acontecimento não se efetua apenas no campo jornalístico”. É preciso também alcançar o Outro, em um diálogo com os personagens da notícia e com os leitores da narrativa. Uma mediação autoral que orquestra a voz coletiva. (MEDINA, 2014, p. 17). É uma construção em conjunto direcionada a este mesmo conjunto.

Como esclarecem Maturana e Varela (2001, p. 10), nós vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele, compartilhando um processo vital. O mundo nos constrói e nós construímos o mundo. A percepção dos autores pode ser relacionada com do processo de construção da informação jornalística: A notícia é transformada pelo modo que ela é consumida, e a forma de consumo altera a notícia. Nelson Traquina (2012, p. 25) concorda ao relatar as pressões sofridas pelo processo de construção da notícia, como horas de fechamento no jornal, hierarquias superiores da empresa, os donos, imperativos do jornalismo como negócio, competitividade e ação de agentes sociais, além da própria comunidade de jornalistas que atuam em relação de compartilhamento de valores. O enquadramento da informação jornalística resulta de amplo consenso entre os atores sociais. (SODRÉ, 2012).

A notícia como um relato de informação é um produto do jornalismo, mas não o único, em um campo permeado por narrativas extensas, opiniões, informações visuais, entre outros. A notícia é um produto à venda, que, para ser consumida, precisa ser comercializada em diferentes embalagens, mas buscar formatar um conteúdo que adequa a tensão existente entre interesse público e interesse do público. Academicamente, a diferença entre as “embalagens da notícia” é definida como gêneros jornalísticos, cujo estudo de José Marques de Melo é um dos mais conceituados, dividindo em: nota, notícia, reportagem e entrevista, no jornalismo informativo, e editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, no jornalismo opinativo. (PENA, 2008, p. 69). Essas proposições são construções de uma lógica empresarial de entregar produtos aos seus consumidores, como destaca Sodré (1998) ao lembrar que a notícia é “resultado de regras de produção” (p. 136) em lógica de cumprimento de expectativas e de praticidade de consumo. Mas, para esse trabalho, se considera as diferentes formatações de informações jornalística como portadores de base informacional noticiosa o suficiente para se adequarem à análise do processo comunicacional do jornalismo, nesse caso, o produzido para internet, especificamente no portal UOL. Faço isso levando em consideração o proposto por Sodré (2012, p. 15), que diz que o processo comunicacional do jornalismo é mais amplo do que a notícia pura e simples e mobiliza diferentes tipos de discurso.

Para Traquina (2013), a expansão do conceito de notícia, limitador se definido estritamente, pode encontrar um caminho de entendimento pela noticiabilidade, definido como: “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável”. (p. 61). Se a questão ‘O que é notícia?’ é melhor ficar sem ser respondida com definições, os critérios que nascem empiricamente da prática do jornalista no cotidiano

profissional são imprescindíveis para a formulação e concepção do termo. Mauro Wolf (2002) amplia a noção de noticiabilidade ao separar esses critérios de acordo com categorias, o que ele chama de valores/notícia, que funcionam de forma complementar e estão espalhados por todo o processo de produção jornalística. Como componente da noticiabilidade, têm-se os valores/notícias para responder à pergunta feita por Wolf (2002, p. 175): quais acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias? Sendo estes permeados por questões inerentes durante todo o processo.

É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade (*newsworthiness*) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, 2005, p. 96).

Os valores/notícia são emergência do Ecosistema Comunicacional, em um movimento de adaptação aos sujeitos. As relações ajudam a “determinar” os valores/notícia da época, levando em consideração que essa determinação está em constante mudança. As formas de consumo, os objetivos da sociedade, as buscas individuais, as possibilidades dos suportes, por exemplo, podem alterar os valores/notícia. Como na televisão, onde a força das imagens e as possibilidades de causar impacto visual podem significar a transformação do acontecimento em notícia, e até sua hierarquização nas edições da imprensa. Antes do surgimento da televisão, não havia esse valor/notícia. A chegada da internet também alterou (e ainda altera) os valores/notícia no jornal impresso, que agora se torna mais analítico e as informações exclusivas são essenciais para atuar como um jornalismo de referência. A internet também tem valores/notícias mutantes pela característica de velocidade, inovação e constante construção de modelos. Como diz Capra (2005), são as mudanças de valores e significados na sociedade – que é formada como uma rede, ou seja, as alterações não são hierarquizadas e podem vir de todos os nós –, pelas interconexões e pelos fluxos.

Dentro do Ecosistema Comunicacional, como fundamental aos elementos do jornalismo e meios de comunicação, a função dos valores/notícias (WOLF, 2002) é permitir a escolha rápida dos critérios de noticiabilidade de modo que o processo de produção da notícia aconteça sem demasiada reflexão e possa simplificar o raciocínio do jornalista em um curto espaço de tempo, para evitar incertezas. Os valores/notícia atuam de acordo com *Critérios substantivos*: importância e o interesse da notícia, determinado pelas variáveis grau de

importância das pessoas, impacto, quantidade de pessoas e evolução futura. *Relativos ao produto*: refere-se à disponibilidade de materiais e às características do produto informativo (capacidade de ser breve e compreensível, ideologia, a atualidade, qualidade pela ação, ritmo e acesso aos dados). *Relativos ao meio de comunicação*: as características devem se adequar ao meio o qual serão noticiados. *Relativos ao público*: capacidade de possuir interesse do público e do meio de comunicação de transformar em notícia esse acontecimento de acordo com as expectativas de seus leitores. *Relativos à concorrência*: trata da relação do meio de comunicação com outras empresas jornalísticas, entre o noticiar exclusivamente (o ‘furo’) e o acompanhar os outros para não ‘ficar de fora’. (WOLF, 2002, p. 180-195).

Os conceitos primordiais do jornalismo foram constituídos pelo estabelecimento profissional, devido à importância social e à criação do mercado da informação, limitando, pelos custos e legislações, a produção aos meios impresso, rádio e televisão. As características das relações do jornalismo tradicional no Ecosistema Comunicacional, abordadas por Bourdieu, Marques de Melo e Medina, sofre alterações com o aparecimento da internet. Amplia-se as possibilidades de produção e abre-se para todos os sujeitos a capacidade de difusão, com o aparecimento de blogs, redes sociais, podcasts, videologs. São relações entre sujeitos em novos suportes, o que André Lemos (2010, p. 158) chama de mídias pós-massivas, permitindo a produção a qualquer um ao “liberar” o polo de emissão e possibilitar um produto personalizável em um ambiente virtualmente global, sendo um espaço de conversação, interação e comunicação, e Castells (2015, p. 22) de autocomunicação de massa, que amplia a autonomia em relação às corporações de comunicação pela passagem dos usuários de apenas receptores para também emissores. Com as novas mídias surgidas no fim do século XX e fortalecidas no início do Século XXI, que já podem ser consideradas mídias contemporâneas, o jornalismo tem a possibilidade de sair da simples transmissão de informações emissor-receptor para ser uma conversa ecossistêmica sobre os acontecimentos.

2.2. A emergência do webjornalismo pelas relações na internet

A presença e importância das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) no Ecosistema Comunicacional criam um ambiente tecnológico do qual emerge o webjornalismo. “Elas [tecnologias] representam a nova etapa de um processo contínuo de aceleração da modernidade que agora estaria dando um salto qualitativo do qual nenhum país pode estar ausente sob pena de morte econômica e cultural”. (MARTIN-BARBERO, 2015, p. 255). De acordo com Sodré (2012, p. 89), as tecnologias despertam faces no contexto da

sociedade, que ele chama de “efeito SIG” (Simultaneidade, Instantaneidade e Globalidade), o que altera a temporalidade das relações entre os sujeitos. Essa realidade fez com que o jornalismo tradicional se adaptasse a práticas sociais mais velozes e interativas. Ou, como diz Dominique Wolton (2012, p. 83), a práticas de uma sociedade tecnológica de autonomia, domínio e velocidade. O cenário de tecnologias de computação, velocidade nos vínculos, capacidade de interação entre meios de comunicação e usuários, autonomia de todos os sujeitos nos processos comunicacionais e internet em constante relação no campo jornalístico exigem um jornalismo capaz de atuar com essa composição e resultam no webjornalismo.

O motivo para mudança nas relações são as alterações nas individualidades dos sujeitos, que acontecem devido a introdução de novas possibilidades de transmissão de informações. Esse é o entendimento de Marshall McLuhan (2007, p. 21), em relação aos suportes. “As consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos”. É a conhecida afirmação de “O meio é a mensagem”, que ele explica: “Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas”. (p. 22). A questão principal do Ecosistema Comunicacional é a percepção da vida, que incluem os seres humanos. Do jornalismo, é observar como as relações humanas são essenciais para compreender os processos jornalísticos, ou seja, os valores, os significados, as individualidades dos sujeitos como primordiais.

“Todas as grandes mudanças sociais são caracterizadas por uma transformação do tempo e do espaço na experiência humana.”. (CASTELLS, 2016, p. 24). E a internet desencadeou alterações nas experiências dos sujeitos com o jornalismo. Na transmissão da notícia, permite a apreensão do tempo e espaço, acentuando as características da velocidade (atualização contínua e descobrimento instantâneo) e da memória (banco de dados e acesso ilimitado). Na perspectiva do jornalismo como profissão e parte do sistema econômico, a notícia é capaz de informar pela ocupação de um espaço físico em jornais, revistas, panfletos e outros produtos impressos, ou pela velocidade do rádio e da televisão. A internet possibilita ambos. A velocidade com a apreensão do espaço. O que altera as formas de produção de notícias, as relações entre os jornalistas, modelos de redação e modelos de disponibilização e recepção por partes dos leitores. Não exige um produto finalizado. Sem *deadline*, com atualização constante e com características próprias.

É uma nova configuração para as notícias no Ecosistema Comunicacional, pela velocidade e potencialidades da internet. Por velocidade, Castells (2016, p. 541) argumenta existir uma instantaneidade temporal, com informações de todo o globo, e com maior flexibilidade e praticidade ao se comunicar. É a cultura do eterno e efêmero, do alcance das sequências de expressões, mas com risco de perder os contextos. Por possibilidades, é o leitor acompanhar a notícia em um texto não-linear, acessível a qualquer momento, e que pode ter o texto com as informações, um infográfico complementar, um vídeo e galerias de fotos e áudio, para ampliar a informação. “[Os jornalistas devem] procurar palavras para certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos interativos e assim por diante”. (FERRARI, 2004, p. 48). Por isso, “o grande desafio do jornalismo digital é encontrar sua linguagem e democratizar suas interfaces”. (PENA, 2015, p. 183).

O espaço ideal para o diálogo entre as possibilidades tecnológicas e os objetivos dos sujeitos buscando informações é a World Wide Web (WWW). Por isso, João Canavilhas (2001) nomeia o campo de “webjornalismo”. Jornalistas entregam uma notícia em forma de hipertexto, que permite uma leitura não linear e união entre texto, som e imagem em movimento, em uma mistura de outros meios possibilitando uma linguagem própria e uma narrativa específica, para um usuário que agora participa do processo jornalístico, onde acontece “um jornalismo participado por via da interação entre emissor e receptor” (p. 4). Ampliando o espaço de atuação, Felipe Pena (2008, p. 176) chama de jornalismo digital, como “disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo”.

Quem estabelece diferenças entre conceitualizações é Carla Schwingel (2012, p. 33), nomeando de jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo. *Jornalismo digital* compreendem sistemas eletrônicos; *ciberjornalismo* envolve a produção e publicação no ciberespaço; *jornalismo online* abrange o uso da internet nas etapas do processo jornalístico; e *webjornalismo* é a busca e a disponibilização na web. Apesar de indicar categorias para diferentes tipos de jornalismo desenvolvidos pela tecnologia da computação e internet, a autora não consolida o uso das diferenciações como determinação, devido a um caminho comunicacional que pode envolver todos. “Uma delimitação em termos da produção torna-se muito difícil, porque os sistemas de publicação e de composição integram ferramentas e procedimentos que, após as informações estarem digitalizadas, são utilizados e aplicados sem um tratamento que as diferencie” (p. 33).

Para além da determinação de conceitos, conhecer as características do jornalismo produzido no contexto da internet permite uma maior compreensão. Para Schwingel (2012, p. 54-61), elas são multimídia, interatividade, hipertextualidade, customização de conteúdo, memória, atualização contínua, flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção e ferramentas automatizadas no processo de produção. Palácios (2002 apud RODRIGUES, 2009) destaca convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e atualização contínua. Deuze (2001 apud DALMONTE, 2009) fala em multimídia, interatividade, hipertextualidade, personalização, atualização e memória. Seixas (2009 apud PRADO, 2011) salienta em multilinearidade, hipertextualidade, multimídia, interatividade e memória. Leonel Aguiar (2009) fala em hipertextualidade, interatividade, multimídia, customização e instantaneidade. Todas essas características são potencialidades dos suportes tradicionais, tornando as ações já possíveis em televisão, rádio e impresso ainda mais práticas e velozes. A interatividade, customização de conteúdo e atualização contínua, por exemplo, assumem novas viabilidades, tornando-se instantâneas, infinitas e atemporais, respectivamente.

João Canavilhas individualiza as características relativas ao webjornalismo. Não há previsão de cortes de informação, como tradicionalmente. O espaço infinito faz com que exista uma circularidade constante. “No webjornalismo, a notícia deve ser encarada como princípio de algo e não um fim em si própria”. (CANAVILHAS, 2001, p. 2-3). A internet permite também uma flexibilidade de interação, permitindo uma relação imediata em dois níveis: diálogos por comentários e participação nas redes sociais; e na condução própria dentro das páginas. Na relação jornalista e leitor, há um papel duplo no qual ambos podem ser emissores e receptores, seja por informações, opiniões ou outros links (CANAVILHAS, 2002, p. 4). O webjornalismo é produzido pela memória acessível, pela possibilidade de um arquivo imediato e global, reduzindo o espaço e o tempo a um momento, onde passado e presente compartilhem a mesma natureza. “A web comprime o tempo” (CANAVILHAS, 2004, p. 4), com a instantaneidade entre fato, pesquisa e publicação criando um arquivo global, veloz e acessível.

As mudanças técnicas do jornalismo contemporâneo nascem pela emergência das tecnologias da computação e internet, e, por isso, os jornalistas precisam acompanhar alterações na sociedade e nos hábitos cotidianos, como adaptação. E é necessário observar as transformações sociais e culturais (WOLTON, 2011). Novos meios de comunicação representam modificações técnicas e estimulam reconfigurações das relações sociais, culturais e também psicológicas. “Porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das

ações e associações humanas”. (MCLUHAN, 2007, p. 23). Para McLuhan (2007, p. 88), o primeiro passo é o nascimento da demanda por outros suportes, ou seja, o poder da mídia de criar seu próprio mercado. “Ninguém quer um carro até que haja carros, e ninguém está interessado em TV até que existam programas de televisão”. E, mais uma vez, percebe-se a relevância da instantaneidade no fluxo nas interconexões no Ecossistema Comunicacional como preponderantes nas alterações técnicas e humanas. “A alteração dos agrupamentos sociais e a formação de novas comunidades ocorre com a aceleração do movimento da informação”. (MCLUHAN, 2007, p. 109).

As mudanças sociais e culturais do jornalismo na internet abarcam a maior participação de todos os sujeitos no processo e o desenvolvimento de um ambiente de convivência entre os diferentes suportes, onde a internet atua apenas como mais um elemento. A possibilidade de participação ativa dos leitores acontece pela criação de um espaço para uma conversa sobre os acontecimentos. O valor dessa participação divide opiniões. De um lado, Nelson Traquina (2012, p. 147) acredita que o papel do jornalismo profissional na internet será ainda maior. “A chegada do *cibermedia* bem pode reforçar o papel dos jornalistas nas sociedades contemporâneas”. Por outro lado, Castells (2015, p. 29), vê a transição da comunicação de massa para a intercomunicação individual como a transformação mais significativa da internet, embora (2016, p. 421) não descarta que as mídias de massa, levando em consideração o alcance atual da internet em relação a infraestrutura, ainda desempenham um papel fundamental na formação de consciência coletiva.

O problema é que a ampliação tecnológica pela internet tem transformado o Ecossistema Comunicacional em um oceano de informações sem critérios, como pondera Muniz Sodré (2012, p. 126). Para ele, a expansão das novas tecnologias não significa aumento da sua exterioridade social ou da capacidade de circular representações sociais e culturais, não forma uma verdadeira esfera pública. Dessa forma, a notícia vira um “serviço” de ponto de partida para uma busca em maior escala. Com isso, “será necessário levar em consideração uma transformação qualitativa na notícia”. Wolton (2011, p. 41) acredita que os sujeitos se sentem poderosos com a abundância de informação, mas alerta para a “má informação” em circulação na internet. Para ele, é preciso organizar a convivência nessa grande quantidade de informação, para evitar que tudo se misture (p. 82). Até mesmo porque, “não há ligação direta entre abundância tecnológica e progresso”. (WOLTON, 2012, p. 131).

A outra mudança social e cultural é o estabelecimento da internet como plataforma de compartilhamento dos suportes, onde os diferentes meios de comunicação convivem no espaço

público, com diferenças no alcance e nas possibilidades de atuação na relação com a sociedade. São mídias em convivência. A internet aparece como mais uma parte do espaço, pois “o ‘conteúdo’ de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo” (MCLUHAN, 2007, p. 22), sendo primeiramente usado como suporte para disponibilização de conteúdo de meios tradicionais. Como ressalta Marcondes Filho (2009, p. 62), a grande imprensa usa a internet para transmissão direta, instantânea e de acesso público. “Na web está tudo misturado em proporção ao extraordinário volume de informações e de comunicação que ela gera”. (WOLTON, 2012, p. 100). A internet adentra o Ecosistema Comunicacional, altera as relações, mas passa a exigir um processo de adaptação. A pergunta de Ciro Marcondes Filho (2009, p. 62) é se algum dia a web terá a mesma repercussão das mídias tradicionais em outras épocas. “A questão é se ela terá condições ou não de acolher um jornalismo tão forte e poderoso como já o foram a imprensa escrita e televisionada no Ocidente”. E quando acontecer, como serão as relações políticas no Ecosistema Comunicacional. “E se assim for, que formato terá a democracia e o debate público num espaço que opera de forma tão aberta e incontrolável [...]?”.

Para entender as relações no Ecosistema Comunicacional pelas perspectivas tecnológica, social e cultural é necessário observar as interconexões entre as diferentes partes e perceber o todo, destacando a participação dos sujeitos e os elementos midiáticos. É fundamental identificar as relações entre jornalistas na produção das notícias, os usuários mais participativos no processo, a sociedade permeada pelas tecnologias, globalizada e vivendo a pós-modernidade, a atuação das mídias tradicionais (jornal, rádio e TV), as interações constantes nas redes sociais, a tensão do meio de comunicação como empresa no sistema econômico e fiscalizador do sistema político, as capacidades das tecnologias para produção e disponibilização, a infraestrutura tecnológica das instituições públicas e privadas e o ciberespaço como ambiente. Vou observar o Ecosistema Comunicacional da notícia na internet pelo espaço de convivência entre os suportes no qual acontece o processo de fluxo da informação jornalística e pelas possibilidades de participação de todos os sujeitos.

2.3. Processo de circularidade da notícia

Além das relações entre elementos culturais, sociais, políticos e técnicos no Ecosistema Comunicacional, as características do webjornalismo emergem principalmente pelas relações entre a internet em atuação como mídia com outros suportes para meios de comunicação. Alguns autores chamam essas interconexões entre meios de ecossistema

mediático⁶, como Canavilhas (2010). Para o autor, as mídias vivem em um ambiente onde objetivam o equilíbrio, embora atuem em constante estado de desequilíbrio, e que, pelas relações de natureza instável, móvel e global, geram novos fatores (p. 1-2), entre mediáticos (entrada de novas mídias no ecossistema), contextuais (envolvem as questões sociais e individuais) e tecnoambientais (relações de uso das pessoas com as tecnologias). Com o surgimento de uma nova mídia, acontece um processo de adaptação das mídias tradicionais e um de ajustamento do meio recém introduzido pelo contexto do Ecossistema Comunicacional.

A internet é acoplada a um contexto dominado por mídias tradicionais comandadas por megacorporações. Por isso, para Castells (2016, p. 23), as trocas vão além da difusão.

Assim, a crescente interação entre redes verticais e horizontais de comunicação não significa que a mídia tradicional está dominando as formas novas e autônomas de geração e distribuição de conteúdo. Significa que há um processo de convergência que gera uma nova realidade midiática cujos contornos e efeitos serão, em última instância, decididos pelas lutas políticas e comerciais à medida que os donos das redes de telecomunicações se posicionarem para controlar o acesso e o tráfego em favor de seus parceiros de negócios e de seus clientes favoritos.

O autor exemplifica as relações necessárias ao campo midiático e como elas devem se interconectar com outros campos.

As redes de mídia não existem em um vácuo. Seu sucesso depende de sua capacidade de promover conexões vantajosas com outras redes essenciais no mundo das finanças, da tecnologia, das indústrias culturais, das indústrias de publicidade, de fornecedores de conteúdo, de agências regulatórias e dos círculos políticos de um modo geral. (CASTELLS, 2015, p. 146).

Mas em se tratando apenas do aspecto comunicacional, as relações acontecem não apenas por competição, mas como uso recíproco dos meios, explica Castells (2016, p. 23).

Há uma grande interpenetração entre os meios de comunicação de massa tradicionais e as redes de comunicação baseadas na internet. As mídias tradicionais estão usando blogs e redes interativas para distribuir seu conteúdo e interagir com a audiência, misturando modos de comunicação verticais e horizontais. No entanto existem muitos exemplos em que as mídias tradicionais, como a TV a cabo, são alimentadas pela produção autônoma de conteúdo usando a capacidade digital para produzir e distribuir muitas variedades de conteúdo.

As relações entre as mídias no Ecossistema Comunicacional acontecem por suas atuações devido às suas características, em caráter de igualdade. A relação da internet com outros meios é tão estreita que gera um processo de convergência “que torna mais difícil distinguir onde acaba um meio e começa outro”. (CANAVILHAS, 2010, p. 5). As diferenças serão as capacidades de cada suporte de formatar a mensagem de acordo com suas

⁶ A percepção é coerente, mas o termo ‘ecossistema midiático’ é limitador, ao abranger, na compreensão dessas relações, apenas as mídias, deixando de fora as relações sociais entre jornalistas, o progresso tecnológico, a sociedade pós-moderna que, pela velocidade, reduz o espaço-tempo, o poder das instituições, entre outros campos que contextualizam o fenômeno.

características. As mensagens não são independentes dos dispositivos que lhe servem de suporte. (CHARAUDEAU, 2015, p. 104-5). Alsina (2009, p. 53-5) fala da busca de equilíbrio no sistema midiático com a chegada de novos meios, como a internet recentemente, o que mostra a mutabilidade em uma convivência onde cada uma tem sua característica, mas cumprem o mesmo papel. “Deparamo-nos com um sistema heteróclito, pois cada meio de comunicação possui características tecnológicas que condicionam seu modo de produção, de circulação e de consumo. No entanto, é um sistema bastante homogêneo que cumpre as mesmas funções sociais, além do mais, são indiscutíveis as interrelações entre os diferentes meios”.

Mesmo assim, Canavilhas (2002) considere a internet com vantagens de difusão, por disponibilizar uma linguagem verbal e não-verbal, possibilitar interligações e permitir participação do leitor. “Mais do que o conteúdo de um meio anterior, a internet é uma simbiose dos conteúdos de todos os meios anteriores”. (CANAVILHAS, 2010, p. 4). O autor afirma que os meios tradicionais deixam brechas de conteúdo. Ao impresso, faltam o som, a imagem em movimento e a rapidez dos outros meios. Ao rádio, falta imagem, deixando o relato prisioneiro das palavras e dos sons, além de ser etéreo (dificulta a reconstrução da mensagem). A televisão está sujeita a um vasto conjunto de condicionantes, obedece a um complexo processo de construção da realidade e não permite aprofundamento.

Entretanto, outros autores defendem a importância e necessidade das mídias consideradas de massa no cenário da introdução de tecnologias contemporâneas, como a internet e o smartphone. Castells (2015, p. 370) afirma que as mídias de massa desempenham um papel de alcance e simplificação dos assuntos importantes para a sociedade. Wolton (2012) destaca que para melhor funcionamento da democracia é preciso a atuação das mídias generalistas no espaço público. Até mesmo porque, entre comunicação de massa e internet, “não há nenhum “progresso” entre essas duas formas de comunicação, ambas são úteis e, com exceção dos domínios para os quais uma ou outra forma é mais adaptada, logo se perceberá que a escolha entre as duas depende muito da natureza dos serviços” (WOLTON, 2012, p. 81). A internet não veio para dominar as relações de comunicação, pois, como alerta McLuhan (2007, p. 42), “nenhum meio tem sua existência ou significado por si só, estando na dependência constante de interrelação com outros meios”. Não há hierarquia, e, segundo o autor, meios tradicionais e contemporâneos geram o mesmo problema: contradição entre a escala individual e coletiva. Pela possibilidade de aumentar as formatações do jornalismo, a televisão deve “mostrar [ser] capaz de reafirmar a diferença de sua filosofia, revalorizando a problemática do grande público, através da lógica da oferta” (WOLTON, 2012, p. 128).

Nesse espaço de convivência entre os meios, o processo comunicacional do Ecosistema é caracterizado pelas trocas de informação. Os meios tradicionais funcionam quando em maior alcance. Já o meio online é de todos para todos. “Mais complementar que oposta às mídias de massa, a internet serve à expressão individual e de grupo”. (MAIGRET, 2011, p. 433). E essa é a potência da internet, segundo Castells (2015, p. 102), atuar nas três formas de comunicação: interpessoal (duas pessoas conversando), de massa (mensagem com grande alcance) e autocomunicação de massa (mensagem sem objetivo que pode ter grande alcance). “[Na internet], as três formas de comunicação coexistem, interagem e se complementam em vez de se substituírem”. Mas além dos meios de imprensa, a convivência também pressupõe todos os suportes possíveis para comunicação. Umberto Eco e Paolo Fabbri (1978 Apud ALSINA, 2009, p. 66-7) fazem uma lista separando entre comunicação estrondosa e discreta: imprensa nacional, televisão e rádio nacionais, marketing, cinema, teatro, música, objetos e mercadorias, sinalização, comunicação verbal, festa, panfletos, imagens não padrões, mercadorias, artesanato, uso do espaço, festas menores, comportamentos verbais e gestuais, moda e música artesanal.

E como é a participação da notícia resultado do processo jornalístico acontecendo no Ecosistema Comunicacional pela perspectiva dos suportes possíveis? “A notícia torna-se numa espiral, gerando-se a si própria e multiplicando-se num emaranhado de opiniões e links que a tornam num produto sempre inacabado”. (CANAVILHAS, 2002, p. 4). No Ecosistema Comunicacional, o fluxo da notícia acontece em um processo de circularidade – e não de circulação, pois é desordenado, caótico e não tende a voltar ao ponto inicial – que tende ao infinito. A notícia percorre por essas interconexões pelo processo de circularidade, no qual é percebida a capacidade da notícia de se espalhar pelo Ecosistema Comunicacional em uma dinâmica não-linear e desordenada. Essa circularidade envolve uma rede de relações pessoais, em meio a um ambiente tecnológico, que permite a trilha da notícia entre suportes. Dessa forma, o meu objetivo exige olhar o caminho da notícia pelos componentes da rede.

Tendo o portal UOL como ponto de partida, a notícia percorre uma trilha que envolve os meios tradicionais, como jornal impresso (Folha de São Paulo, O Globo), telejornais (Jornal Nacional, Jornal da Band) e programas de rádio (CBN, Jovem Pan), que também são disponibilizadas online, portais concorrentes (R7 e o G1), sites e blogs menores que utilizam as informações do UOL ou dos concorrentes, redes sociais (Facebook, Twitter), além do ‘boca-a-boca’ nas relações presenciais. Também com a participação dos usuários pelas mudanças possíveis durante o percurso da produção jornalística ocasionadas pela ação dos usuários, como

cliques nos links, uso das redes sociais e postagens nas sessões de comentários. Além disso, as possibilidades de acesso prático a um gigante banco de dados. A internet mantém ligação constante com o arquivo, o que permite a recuperação da informação a qualquer momento, fazendo passado e presente compartilharem a mesma natureza. (CANAVILHAS, 2004, p. 3-4). Uma notícia antiga está sempre pronta a ser recuperada e voltar à circularidade, inclusive com caráter de novidade. Para Wolton (2012, p. 84), é o progresso das pessoas pela possibilidade de acesso a um banco de dados, que permite conectar-se a grandes reservas de conhecimento.

Para compreender o processo de circularidade, é imprescindível atentar-se para a participação dos usuários. Antes apenas receptores, eles agora têm atuação ativa. E as redes sociais são suportes integrantes do processo do fluxo jornalístico com espaço de expressão aberto igualmente a todos os elementos da circularidade. Esses sites permitem o fluxo de notícia pelo Ecossistema Comunicacional, por sua capacidade dinâmica de levar informação a nós mais distantes. Para Raquel Recuero (2012, p. 5), as redes sociais online são mídias emergentes, onde cada laço é um canal para trânsito de informação. As redes sociais na internet também fazem parte desse processo da trilha da notícia. Nelas, em relação a acontecimentos que viram notícia, as pessoas postam informações próprias que adquirem de outras fontes, comentam os fatos ao escrever opiniões, compartilham as notícias replicando o boca-a-boca, criando e possibilitando o percurso das informações jornalísticas pela rede.

2.4. Conversas sobre os acontecimentos

Os meios massivos suscitam uma separação entre os produtores de conteúdo e os receptores. Mas a emergência de tecnologias contemporâneas, como a internet, permite um ambiente onde a participação no processo de circularidade da notícia é ativa. Os antigos receptores do modelo de comunicação de Harold Lasswell (VARÃO, 2017) agora se confundem com os emissores. Para Castells (2015, p. 30), os receptores atualmente são sujeitos comunicantes com mais autonomia em relação aos donos da infraestrutura. Muniz Sodré (2012, p. 122) pede um tempo antes de avaliar os benefícios e prejuízos da internet, mas admite que ela permite maior liberdade de expressão ao se mostrar receptiva à diversidade de formas discursivas e à falta de dinheiro dos sujeitos da fala, o que viabiliza redistribuição do poder comunicativo. É um dos desafios que Felipe Pena (2015) enxerga pela introdução da internet: maior participação. Nas pesquisas sobre o campo, é perceber como a participação altera as

relações. “A força e a complexidade extraordinária da comunicação residem na compreensão dessas relações [emissor, mensagem e receptor]”. (WOLTON, 2012, p. 23).

A participação é mais ativa porque acontece pela presença constante, compreendendo como os sujeitos no Ecosistema Comunicacional vivem a internet (CASTELLS, 2015; SODRÉ, 2012). Para Manuel Castells (2016, p. 418), vivemos com e pela mídia. “Vivemos em um ambiente de mídia, e a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação” (p. 420). A mídia transformou-se em um ambiente com o qual interagimos continuamente. E a internet, com o aumento das ferramentas que fazem a participação das pessoas no meio crescer, também vira um espaço de vivências. “Nossas ferramentas de mídia social não são uma alternativa para a vida real, são parte dela”. (SHIRKY, 2011, p. 37). Pela internet, nas redes sociais, por exemplo, acontece as coordenações além do ciberespaço, na vida ‘real’. “As pessoas usam a mídia social para coordenar atividades no mundo real”. (p. 38).

Muniz Sodré (2010) chama esses novos usuários que participam ativamente do processo de homem-mídia⁷, que, através das redes sociais e das facilidades técnicas, podem intervir pessoalmente nos discursos circulantes e influenciar a pauta jornalística, o que muda o tratamento da informação. “Na medida em que as novas tecnologias reconfiguram a escrita no sentido de um papel mais ativo por parte do leitor [...], mudam igualmente os critérios de noticiabilidade, da conceituação e produção de notícias”. (p. 15). Os meios de comunicação e os jornalistas, como integrantes de uma rede de relações habitada pelos homens-mídia, precisam adaptar-se a esta nova forma de convivência com o antigo consumidor, que hoje também é produtor de informação. “O novo *medium* transforma o antigo receptor passivo em usuário ativo, ao pôr à sua disposição uma caixa de “ferramentas” editoriais [...]”. (SODRÉ, 2012, p. 101). O leitor investe na oportunidade de determinar a notícia, por meio da participação nas páginas de jornalismo ou na criação de conteúdo próprio, completa Sodré.

Manuel Castells (2015, p. 102) enxerga a maior produção de conteúdo e participação ativa dos antigos receptores no processo de circularidade, pela internet, como uma nova forma de comunicação, o que ele chama de ‘autocomunicação de massa’. “É comunicação de massa porque tem o potencial de atingir um público global. [...] Ao mesmo tempo, é autocomunicação porque a produção da mensagem é autogerada.”. Para Castells, o cenário das redes horizontais de comunicação permite essa nova relação onde os sujeitos comunicativos determinam conteúdo e destino das mensagens, sendo simultaneamente emissores e receptores dos fluxos

⁷ Este é o termo que vou utilizar para falar dos antigos receptores na Seção 3. Ou seja, quem originalmente cumpria o papel de receber as mensagens jornalísticas, mas agora tem participação ativa no processo.

multidirecionais de mensagens. (p. 183). O cenário da autocomunicação de massa trazida pela internet faz com que os sujeitos desafiem o controle corporativo da comunicação. (p. 476). A autocomunicação de massa é percebida, por exemplo, no YouTube, onde qualquer um pode criar conteúdo e atingir um grande número de pessoas.

“O receptor (que é também internauta, o blogueiro, o ator, ou seja, aquele que interage) é o novo protagonista” (WOLTON, 2011, p. 56). A configuração do processo de circularidade é da participação de todos, com diferentes tipos de objetivos. “O ciberespaço ampliou as noções de espaço e detonou os limites que norteavam a produção de conteúdo”. (FERRARI, 2014, p. 125). Para Wolton (2011, p. 59), essa será a questão comunicacional da época: o reconhecimento do outro, como legitimação dos receptores e também como aceitação de suas mensagens. “Ontem, a comunicação era hierárquica, quase sempre limitada à transmissão, sem possibilidade de discussão de parte do receptor/ator. Hoje, quase todo mundo está em pé de igualdade, negocia e responde”. O Ecosistema Comunicacional exige isso: relações. O processo de comunicação só acontece pela intervenção ativa de atores sociais muito diversos, o qual é preciso identificar. (MATTERLART & MATTERLART, 2004, p. 103). Os sujeitos, que antes eram meros receptores das mensagens, agora estão ativos, como percebe André Lemos (2015, p. 71), e tornam-se atores, exploradores ou navegadores em um passeio por um espaço cibernético sem um percurso determinado, com o hipertexto permitindo a liberdade de navegação e desestabilizando distinções clássicas entre leitor e autor.

O surgimento dos homens-mídia desestabiliza o campo do jornalismo e exige da produção de notícias transformações para adaptar-se ao processo de circularidade no qual a internet permite a presença de todos os sujeitos. “O desafio para os veículos que produzem conteúdo vai além da identificação de seus produtos pelo público, passando pelo desafio de criar experiências de envolvimento, de participação e interação” (FERRARI, 2014b, p. 117). Os antigos receptores transformam-se em mídias individualizadas pois agora produzem conteúdo próprio devido às facilidades técnicas da internet e aos sites, como o YouTube, que permitem divulgação global de informações. “Publicar costumava ser algo que precisávamos pedir permissão para fazer, as pessoas cuja permissão precisávamos pedir eram os editores. Não é mais assim”. (SHIRKY, 2011, p. 45). Além disso, as redes sociais, como o Facebook e o Twitter, criam um espaço de convivência e igualdade entre meios de comunicação, jornalistas e homens-mídia para realização do processo. Conforme comenta Prado (2011, p. 182), é a permissão de um espaço ilimitado para produções que antes não tinham visibilidade. O campo do jornalismo precisa desenvolver conceitos próprios não processo de adaptação.

Para *Ciro Marcondes Filho* (2009, p. 59), a participação das pessoas por meio de conteúdo próprio, como em blogs, sites menores ou redes sociais, promove um jornalismo mais sério e com maior credibilidade. Até mesmo porque, “já há alguns anos, os blogs não se limitam a essa função de diário íntimo, já que, em um período relativamente curto, seu formato flexível e acessível foi sendo aproveitado por outras finalidades”. (*OLIVEIRA*, 2013, p. 157). Dessa forma, diz *Marcondes Filho* (2009), consegue uma conexão maior com as audiências, em contraposição à falência de alcance da imprensa escrita.

Castells (2015, p. 356) discorda das críticas à imprensa, mas também acredita na importância do ambiente jornalístico na internet. Para o autor, as mídias tradicionais convivem com o online, o que permite aos sujeitos a capacidade de expressão e atuação no espaço público. “Ao usar tanto as redes de comunicação horizontais a grande mídia para transmitir suas imagens e mensagens, eles aumentam suas oportunidades quanto de realizar mudança social e política”. Produzir conteúdo pelas facilidades da internet, como em blogs e redes sociais, aumenta a possibilidade de participação, inclusive nas mídias tradicionais, que capturam os conteúdos online e repercutem.

Nesse contexto, “o usuário redefine-se, assim, como mídia individualizada”. (*SODRÉ*, 2012, p. 106). Isso porque a emergência da internet altera o caráter da mídia. Para *Clay Shirky* (2011, p. 50-2), o conceito de mídia deixa de definir algo que consumimos e passa a indicar algo que usamos. “A própria palavra mídia é um pacote que se refere, ao mesmo tempo, a processo, produto e produção”. A mídia será utilizada para estarmos presentes no Ecosistema Comunicacional, promovendo relações sociais, observando, como *Sá Martino* (2007, p. 184), que as relações comunicacionais do “eu” com os outros acontece pela distribuição de mensagens e transmissões de recados, tendo participação ativa nos fluxos de comunicação. “Tudo quanto for inferior ou superior a esse limite de troca de mensagens não existe como elemento social, interessando à Psicologia e à Biologia”.

Embora celebre a presença, *Ciro Marcondes Filho* (2009, p. 60) faz a ressalva: “O jornalismo de blogs aumenta em grande monta a possibilidade de manipulação, já que o receptor nem sempre possui informações anteriores para questionar”. A confiança e credibilidade na imprensa tradicional comprometem o desenvolvimento de um jornalismo mais espontâneo, feito por qualquer um do processo de circularidade. Para *Clay Shirky* (2011, p. 46), realmente existe essa tensão liberdade x qualidade, como objetivos conflitantes. Quanto maior a participação das pessoas, menor a qualidade média. Ele constata, mas não critica. Lembrando que a internet é apenas mais um campo parte da sociedade e suas relações. “[A internet] está

submetida, como tudo em nosso mundo, à pressão incansável de duas fontes fundamentais de dominação que ainda pairam sobre nossa existência: o capital e o Estado”. (CASTELLS, 2015, p. 169). Para adentrar ao ambiente de credibilidade das mídias tradicionais, os blogs agem dentro do Ecosistema Comunicacional na busca de confiança. “Conquista-se legitimidade, o reconhecimento do valor de seus conteúdos e opiniões, com evidências de relevância quantitativa e qualitativa, mostrando que aquele espaço tem muito em comum com veículos de imprensa tradicionais, apesar de todas as diferenças”. (BRAGA, 2009, p. 161).

Mas além da produção própria, a participação dos homens-mídia está mais ativa pelas possibilidades tecnológicas de relação com o jornalismo profissional. Como pelo *gatewatching*, considerado um avanço do *gatekeeper*, e comentado por Canavilhas (2010, p. 7), onde a triagem de informações é realizada por todos os sujeitos do processo, e evitando perdas das qualidades jornalísticas. O *gatewatching* é a seleção de informações efetuada por comunidades virtuais de “amigos” em rede unidos por interesses comuns. Se as pessoas assumem uma função de seleção de notícias com credibilidade, os jornalistas adequam-se à atividade. Com essa quantidade de informações em fluxo na internet, a atuação dos jornalistas utiliza-se da credibilidade conquistada no campo econômico e age pela seleção de acontecimentos filtrados por conceitos técnicos e profissionais. “Nesta época em que deparamos com uma quantidade enorme de informação, precisamos de curadores do conhecimento que nos apontem caminhos seguros; sem dúvida estamos na era da curadoria”. (DIMENSTEIN & CORTELLA, 2015, p. 50).

Mas a ferramenta que possibilita a maior participação são as redes sociais na internet, principalmente Facebook e Twitter, por criar um espaço de convivência igualitária entre meios de comunicação e sujeitos. As redes sociais são um dos suportes que integram o processo de circularidade das notícias, como um ambiente de expressão, além de aumentar as possibilidades de difusão da notícia, como observa Raquel Recuero (2012), ao destacar a capacidade dos sujeitos de elencar e filtrar as informações de acordo com a interação deles em redes sociais. Para a autora, a participação dos usuários é uma forma de produzir, compartilhar e consumir informação. As redes sociais na internet permitem o fluxo de notícia pelo Ecosistema Comunicacional, por sua capacidade dinâmica de levar informação a nós mais distantes. Para Raquel Recuero (2012, p. 5), as redes sociais online são mídias emergentes, onde cada laço é um canal para trânsito de informação. “O coletivo de atores, interconectados, assim, funciona como um meio, por onde a informação transita”. A imagem da rede descentralizada, e repleta de nós interconectados por ligações, ajuda a enxergar os caminhos possíveis da informação pela rede, como uma “teia informativa” (RECUERO, 2011, p. 1). Como diz a autora (2012, p. 5),

elas interferem na circulação da informação, pelo custo menor e por permitirem a permanência das conexões, o que faz com que haja muitos caminhos para circulação da informação. Com isso, qualquer pessoa nesses sites pode causar perturbações na rede.

Com a composição da teia informativa, Recuero (2011) percebe as conexões entre os nós da rede como caminhos para transição da informação, formando a estrutura de canais, onde cada ator é um emissor em potencial, ao construir, modificar e dividir as informações, por diferenças de credibilidade. Prado (2011, p. 198) vê o uso das redes sociais como forma de participação. “O fato é que, ao postar uma notícia no Twitter, mesmo que de forma reduzida, os internautas comentam e ampliam a discussão em torno dela, desdobrando-a, repercutindo-a, e isso faz com que uma nova forma de debater os fatos do cotidiano surja com o formato do microblogging”. A relação meios de comunicação, como integrado de jornalistas e profissionais de conteúdo, e o os consumidores da notícia torna-se mais aproximada, pois agora, como aponta Recuero (2012), os atores das redes sociais são, além de receptores, emissores pela criação e ampliação das informações em circulação, e canais ao replicar e filtrar mensagens constituindo-se como estrutura básica da difusão de informações nesses sites. As antigas atribuições, que limitavam a participação das pessoas nos conteúdos produzidos, são potencializadas pela capacidade de produção e distribuição próprios, mas também pelo alcance das opiniões que provocam alterações nos produtos jornalísticos.

Mas além de atuar como canal de fluxo, a produção de conteúdo “de massa” também é possibilitada pelas redes sociais na internet. Manuel Castells (2015, p. 115) usa o YouTube, uma rede social de vídeos, para exemplificar como esses sites permitem conteúdos como comunicação de massa diferentes, pois qualquer um pode postar. Usando sites como o YouTube, Facebook e o Twitter, os usuários se transformam em homens-mídia que podem ter alcance global. E eles atuam pela vontade de dividir seu conteúdo. “Em nossa sociedade, os protocolos de comunicação não são baseados no compartilhamento de cultura, mas na cultura do compartilhamento”. (CASTELLS, 2015, p. 180). Com o surgimento das redes sociais no Ecossistema Comunicacional, os papéis se confundem. “Emissores e receptores são coletivamente o mesmo sujeito. [...] Considerando o processo de comunicação como uma rede multidirecional compartilhada, todos os emissores são receptores e vice-versa”. (p. 183). Pelas redes sociais na internet, o jornalismo torna-se um campo aberto para produção de notícias e de conteúdos diversos de alcance global por qualquer pessoa.

É uma nova forma de fazer jornalismo, importante para uma sociedade que vive em meio às tecnologias de informação e comunicação, embora não altere o “esquema de produção

[do jornalismo]” que abarca “o planejamento, a pesquisa, a procura das fontes, das personagens, a apuração, checagem, captação, redação, revisão e edição” (PRADO, 2011, p. 48). Exige a união do rigor crítico do jornalismo com as possibilidades técnicas. Para além das adaptações técnicas, os conceitos de jornalismo devem se sobressair. “Achar que o mais importante é oferecer as últimas notícias o mais rápido possível é um grande equívoco do meio. [...] É sempre melhor coloca-la [a notícia] no ar com qualidade, ainda que dez minutos depois dos concorrentes”. (FERRARI, 2004, p. 49). Essa é a maneira de conviver com a relação conflituosa entre conceitos de jornalismo e possibilidades tecnológicas. É preciso manter as características ontológicas do jornalismo para possibilitar a manutenção da credibilidade em um contexto de aumento da participação dos homens-mídia, da busca por uma informação mais veloz, do crescimento de canais de comunicação e do número cada vez maior de sites e blogs pessoais competindo pelo espaço de transmissor de notícias. Os valores do jornalismo (TRAQUINA, 2012) devem permear todo o processo. Não para um domínio contínuo de grandes empresas de comunicação, mas para que a credibilidade, acompanhada da qualidade e aprofundamento (SODRÉ, 2012, p. 58), seja um dos diferenciais de qualquer sujeito no Ecosistema Comunicacional. É o que identificam alguns autores, alertando para as tecnologias como novo suporte e não novo discurso (SCHWINGEL, 2012, p. 31).

2.5. Credibilidade como fator de diferenciação dos papéis

O aumento da participação do antigo público-receptor na produção de conteúdo jornalístico é concordância entre pesquisadores e profissionais. A realidade exposta é exacerbada pela migração do consumo de notícias para as redes sociais. Nesse contexto, qual é o papel do jornalista em uma era em que as pessoas consomem informação pelo Facebook e Twitter? Muniz Sodré (2012, p. 48) fala do conhecimento jornalístico como seguro de uma informação verificada, mesmo que não uma verdade lógica garantida. Essa veracidade ligada aos meios de comunicação é decorrente do nascimento do mercado da informação e da profissionalização dos jornalistas, que gera autonomia dos profissionais e consequente autoridade sob a notícia. (TRAQUINA, 2013, p. 20). A profissionalização nasce do surgimento do paradigma da objetividade no século XVIII e aplicação de valores como procura pela verdade, independência, exatidão e jornalismo como serviço público que começam a permear o trabalho dos jornalistas (p. 32). O jornalista é a opção da sociedade considerada confiável para distribuição de notícias para continuidade da vida social, inclusive nas redes sociais, onde boa parte das postagens compartilhadas com objetivo de repassar informações e acopladas com links de sites de notícias ou comentando notícias vistas em outros meios, como rádio e televisão.

É importante ter a percepção da mudança de hábito dos consumidores de informação jornalística, que utilizam cada vez mais as redes sociais para ler notícias. Como mostra a pesquisa ‘Digital News Report’, da Reuters, que aponta que aproximadamente 72% de brasileiros em área urbana usam o Facebook como fonte de notícias. (REUTERS INSTITUTE DIGITAL NEWS REPORT, 2016, p. 82). O que também provoca um aumento no consumo de notícias em portais, com aumento de 52%. Em outras redes sociais, as fontes de notícias são 39% no WhatsApp, 37% no YouTube, 13% no Twitter e 11% no Instagram. A televisão continua sendo a maior fonte, com cerca de 80%, mas perde na soma de redes sociais e portais na internet. Os dados são de 2015.

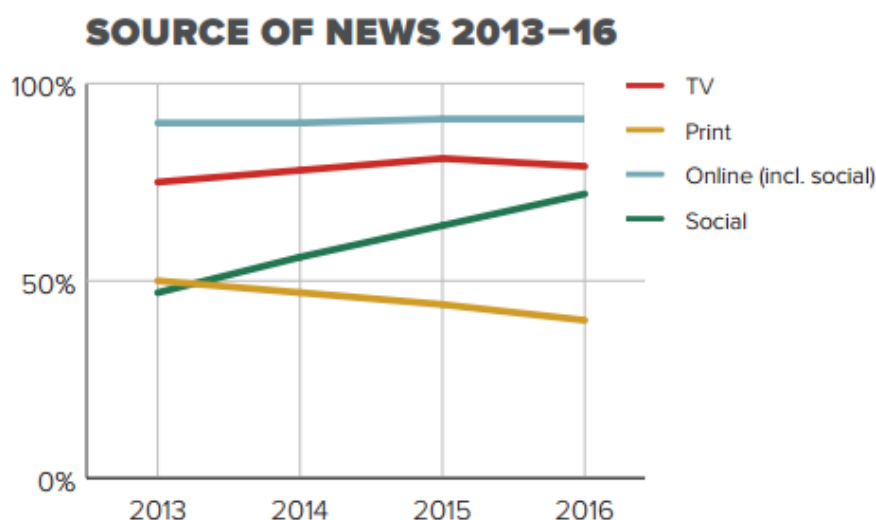


Figura 2. Fonte de notícias dos brasileiros urbanos, entre 2013 e 2016. (FONTE: Reuters Institute Digital News Report)

O problema, para o jornalismo, da migração dos leitores para as redes sociais, principalmente Facebook, é a mistura dentro das postagens entre as notícias apuradas e as informações criadas com o objetivo de manipulação. Não é uma afirmação de qualidade superior das empresas jornalísticas sobre as pessoas, mas a diferença entre produzir conteúdo em busca de informar e criar notícias enganosas com metas escusas. A própria sociedade incumbiu a profissionais a tarefa de distribuir as notícias, como conclui Traquina (2012, p. 130): “Num processo circular entre os membros da “comunidade interpretativa” [jornalistas] e a sociedade democrática, o jornalismo foi definido como o preenchimento de certas funções na sociedade, ou, se preferirem, no cumprimento de papéis bem precisos”.

Em 2016, a eleição presidencial dos Estados Unidos gerou um debate sobre o compartilhamento de notícias criadas para enganar no Facebook, as notícias falsas, fazendo

com que a empresa anunciasse medidas para alterar o funcionamento de compartilhamento de notícias. Um levantamento apontou o crescimento de circulação de postagens de sites criados para espalhar notícias inventadas no Facebook (SÁ, 2016). Segundo Trefis Team (2016), o algoritmo do Facebook privilegia engajamento das pessoas, o que provoca o aumento de circulação de notícias falsas. O problema, segundo ele, é que misturar as empresas de comunicação e notícias falsas pode impactar a credibilidade da rede social. Uma reportagem do The New York Times mostra como é o processo de criação de notícias falsas, e que a motivação, no caso da matéria, era ganhar dinheiro. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

As notícias falsas nas redes sociais mostram-se como um problema para o jornalismo na internet, mas não o único. Em um meio que possibilita a criação de conteúdo pelo antigo público-receptor, o jornalismo precisa mostrar sua importância, principalmente pelo aumento do consumo de informação divulgada por ‘amadores’, como percebido por Andrew Keen (2009). O autor critica a importância estimada em postagens de não profissionais em um fluxo infundável de informações não filtradas e descreve um cenário nebuloso. “Sem editores, verificadores de fatos, administradores ou reguladores para monitorar o que está sendo postado, não temos ninguém para garantir o conteúdo que lemos e vemos”. (p. 64). É importante destacar que apenas metade das pessoas no mundo tem confiança total na mídia. Segundo o Eldeman Trust Barometer de 2016, 49% da população geral tem convicção na imprensa, com esse número subindo para 59% em um público mais informado (ELDEMAN TRUST BAROMETER, 2016). No Brasil, os números sobem um pouco, segundo a Reuters. A confiança é de 54% em jornalistas, 56% nos meios de comunicação e 58% nas notícias em geral (REUTERS INSTITUTE DIGITAL NEWS REPORT, 2016, p. 82).

Mesmo com os problemas inerentes ao processo produtivo nas empresas de comunicação, Keen (2009) acredita no funcionamento profissional pois as leis de calúnia e difamação protegem as pessoas da imprensa, responsabilidade das empresas por conteúdo publicado, padrões éticos buscados pelos jornalistas e publicações sem anonimato. Adiciono a questão da confiança no meio de comunicação como fator de mercado. Credibilidade é um produto e uma característica de marketing. Dominique Wolton (2011) enaltece o papel do jornalista no processo de distribuição das notícias pela internet, destacando não só a produção, como a legitimação. “O limite é a competência” (WOLTON, 2012, p. 85). Inclusive, para o autor, a informação é ameaçada sem os filtros profissionais. “Que o público possa se exprimir, comentar e criticar, é indispensável, mas colocá-lo em pé de igualdade ou na condição de juiz dos jornalistas é outra coisa”. (2011, p. 76). A preocupação dele é com a abundância de

informações na internet. A produção pessoal é essencial, e é clara a redução, quase nula, na distância produtor-receptor, mas é importante manter os papéis exercidos por jornalistas e leitores, ainda mais em um ambiente inundados de dados.

A vitória da informação ao longo de dois séculos teria sido impossível sem os jornalistas. A existência dos jornalistas, em todos os países, é garantia da liberdade de informação. Nada mais ingênuo e perigoso do que pensar que amanhã, graças aos sistemas de informação, cada um tornará seu próprio jornalista, fazendo caducar a existência, os direitos e deveres dessa profissão. Os jornalistas são guardiões e os heróis dessa vitória frágil da liberdade de informação. Quanto mais houver informação acessível, mais ou menos gratuitamente, não importando a origem, e quanto mais cada um puder fazer o que quiser, mais haverá necessidade de jornalistas para selecionar, hierarquizar, verificar, comentar, legitimar, eliminar e criticar. (WOLTON, 2011, p. 71).

Se a inquietação é com a democracia, imaginando a possibilidade de interferência na mensagem, Wolton (2012) respalda a posição do intermediário.

Se, durante dois séculos, o ideal da informação foi de produzir e difundir o mais rápido possível uma informação, diretamente acessível ao público, sem intermediários a realidade de hoje é sistematicamente inversa. A ausência de controle, que foi um objetivo democrático a ser atingido durante séculos, porque se tratava de se desvencilhar das múltiplas censuras, torna-se hoje uma das principais ameaças, porque a lógica dominante se inverteu. Caso se queira salvar a liberdade de informação, é necessário, o mais rápido possível, admitir que ela deve, em um universo saturado de informações, ser protegida, filtrada, por intermediários que garantissem esse ideal. (p. 108).

Para tentar entender qual é o papel do jornalista se qualquer um pode informar na internet, Gustavo Cardoso encontra na credibilidade a resposta para o lugar das empresas jornalísticas no ambiente das novas tecnologias. Para ele, a credibilidade se torna um fator de diferenciação entre o profissional e o usuário, e, quando imposta, o jornalista pode utilizar os princípios do ciberespaço ao seu favor. “Aquilo que os jornais, rádio e televisão oferecem é credibilidade ou, se preferirmos, a verdade. Alguém tem de assegurar e verificar que a informação é correta”. (CARDOSO, 2007, p. 198). Quem recebe informações precisa de alguém que as valide. Em sua perspectiva, o tamanho do fluxo de informações na internet faz com que sejam necessários mediadores, como os jornalistas, para destriçar esse fluxo.

Concordo com Cardoso: A credibilidade é o diferencial do jornalismo na internet. Com o aumento do fluxo de notícias falsas, a possibilidade de compartilhamento das pessoas, o espalhamento de boatos pelas redes sociais e o crescimento de produtores de conteúdo, acredito que sempre será necessário existir um local de verificação da informação, que será atestada pela credibilidade. O tema passível de argumentação é que esses locais crescem e também podem ser pessoalizados. A credibilidade não é mais atestada apenas a empresas de comunicação, mas a blogs pessoais e pequenos sites, que adquirem essa relação de confiança com o tempo. A mudança cultural nas relações de confiança, segundo Muniz Sodré (2012, p. 135), é do espelho

do real do jornalismo tradicional para uma veracidade probabilística no contexto das novas tecnologias, o que não destrói o pacto de credibilidade do sistema informativo.

O contexto das redes sociais não altera a importância dos jornalistas. As interconexões permitidas pelas redes sociais geram maior amplitude das vias de informação, mas que podem provocar um excesso de vozes, como percebe Recuero (2011, p. 7): “Onde todos falam, quem escuta?”. É neste ponto que o jornalismo profissional se sobressai e separa-se dos antigos receptores. Segundo a autora, compartilhar informação dos meios de comunicação nas redes sociais online, citando a fonte, é sinalizar credibilidade, sendo o jornalismo uma forma de legitimação, filtro e hierarquização nesses espaços, além de estarem presentes com perfis nos sites como Facebook e Twitter. A notícia é confirmada quando publicada por um veículo. Além da opinião, os usuários das redes sociais costumam trocar links de portais de notícia, como o UOL, mas também de blogs e sites menores, e mais informações ouvidas ou vistas nos meios tradicionais. É importante perceber a necessidade do jornalismo para o pleno fluxo informativo nas redes sociais online. “Mesmo com uma participação muito mais direta do público, ainda é aos veículos e instituições jornalísticas que os atores nas redes sociais na internet recorrem para legitimar, dar credibilidade, organizar e filtrar informações”. (RECUERO, 2011, p. 15). A credibilidade é o que cria a diferença de papéis no processo de circularidade da notícia na internet, entre sujeitos na imprensa e outros nas redes sociais.

O panorama hoje é de que vários sites adquirem credibilidade, mesmo sem muitos recursos financeiros e técnicos ou a construção da confiança após um longo período. Nelson Traquina (2012, p. 212) atesta essa multiplicação de locais de informação. “As novas capacidades que a internet oferece aos jornalistas e ao público na obtenção de dados e de acesso à informação, a proliferação de canais [são] novas oportunidades de acesso aos jornalistas para as vozes alternativas da sociedade”. Essa perspectiva, segundo ele, transforma o cenário em algo novo. “São fatores que apontam para a debilitação do controle político do jornalismo e para a existência dum campo jornalístico que é cada vez mais uma arena de disputa entre todos os membros da sociedade”.

Os canais de destruição de notícias aumentaram a possibilidade de uma relação de confiança além das empresas de comunicação. Mas como essa credibilidade é adquirida? Para Muniz Sodré (2012), a credibilidade, o “principal capital simbólico do jornalista”, é construído na confiança entre público e jornal e “decorre de um pacto implícito entre o profissional da informação e o leitor” (p. 43) e “do lugar privilegiado que o jornalista ocupa como mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade global: o lugar da testemunha” (p. 48). Começa

com a distinção da objetividade (notícias) e opinião nas páginas dos jornais, e se torna um dos fatores primordiais na competição empresas jornalísticas x homem-mídia, somando com a qualidade da informação, portanto, aprofundamento da forma jornalística.

Sodré respalda a credibilidade como uma relação entre os principais sujeitos nos papéis do jornalismo. Assim como ele, Wolton (2011, p. 74) também destaca a credibilidade com uma construção coletiva, apontando a possibilidade de legitimação do acontecimento como baseado na confiança do público. Essa construção efetua-se em espaços compartilhados para criação de uma consciência comum, os espaços comum, político e político. (WOLTON, 2012, p. 165). São territórios abstratos em que as forças da sociedade se relacionam para buscar o entendimento, e são nesses espaços que o jornalismo mantém as condições de credibilidade.

A meu ver, os autores embasam a compreensão da construção de credibilidade dentro do Ecossistema Comunicacional, ao relacionar a confiança do público como uma composição coletiva entre sociedade e jornalismo. A credibilidade será o resultado das relações entre sujeitos e estará sempre em constante movimento, sem ser algo determinado. Uma empresa de comunicação pode perder a reputação, por exemplo.

É possível fazer uma associação entre a credibilidade e as relações de confiança de Anthony Giddens (1991). O autor aponta a necessidade de confiança no que ele chama de sistemas abstratos como uma das consequências da modernidade. “A natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente em sistemas peritos”. (p. 96). Isso significa, por exemplo, confiar nos engenheiros que construíram os prédios que moramos e visitamos. São pessoas que não conhecemos o rosto, mas acreditamos no trabalho. Claro, sempre avaliando os riscos. “A confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco”. (p. 41). Faço a relação entre o proposto por Giddens e a credibilidade no jornalismo, tendo os jornalistas como peritos e a imprensa como sistema abstrato.

Apesar da relação de credibilidade entre jornalistas profissionais nos meios de comunicação e sociedade, é importante entender que a dominância da informação pode ser prejudicial para a sociedade. Pierre Bourdieu (1997) adverte que o jornalismo é um campo com profissionais com características e opções próprias, como raça, idade e religião, sofrem com a concorrência de outros meios e, por isso, são passíveis de manipulações. É o que ele chama de ‘óculos ideológico’. “Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Elas operam uma seleção e uma

construção do que é selecionado”. (p. 25). O problema é o poder do jornalismo de formar opiniões na sociedade e manipular movimentos no Ecosistema Comunicacional.

Nelson Traquina (2012, p. 25) argumenta que a atividade jornalística é altamente condicionada, por fatores econômicos, sociais, políticos e técnicos. Por ser um campo aberto, está suscetível a manobras. “Pode ser mobilizado por movimentos sociais e contestatórios que sabem criar estratégias de comunicação que seduzem numa luta simbólica jogada nas sociedades democráticas, no tabuleiro do xadrez jornalístico”. (p. 208). Ambos autores demonstram a preocupação com tiranizar a sociedade pela credibilidade em profissionais do jornalismo que são sujeitos abertos à sociedade e, por isso, são vulneráveis a manipulações.

2.6. A notícia na internet é

Os autores que destacam as características do webjornalismo alternam entre definições e nomenclaturas ou quantidade de apontamentos, mas todos integram algumas propriedades primordiais que mostram a unidade de possibilidades da informação jornalística na web. Meu olhar é que as características da web descritas nestes estudos são potencialidades de impresso, televisão e rádio, unindo praticidade e velocidade. Entre diferentes designações, destaco três essenciais para entender o campo. Velocidade, tanto como informação divulgada rapidamente em um mundo instantâneo quanto atualização contínua da notícia. Hipertextualidade como construção de uma narrativa não linear que também consegue unir o arquivo e memória da internet. Multimídia pela possibilidade de publicar todos os formatos e podendo convergir os meios de comunicação tradicional em um único local. São características emergentes das relações no Ecosistema Comunicacional e que permitem compreender como acontece a notícia na internet.

2.6.1. Veloz

O tempo é um dos principais condicionantes da rotina jornalística, seja pela produção de acordo com o *deadline* ou pela busca de ser o primeiro a repassar a informação, como exigência competitiva do mercado. Como eu discori anteriormente, “a notícia [é] um artigo deteriorável” e por isso o processo jornalístico é organizado pelo instantâneo. (TRAQUINA, 2013, p. 27). Traquina inclusive afirma que a relação do jornalista com o tempo mostra uma obsessão na busca pela rapidez no fluxo, e Sodré (2012, p. 87) fala em inserção da notícia no tempo cronológico da periodização. O ambiente tecnológico cria um fetiche com o tempo, em periodicidade e em velocidade, como uma tentativa de impor ordem na aparente instabilidade

dos tempos dos acontecimentos. A organização jornalística requer um ciclo temporal, o ‘ciclo noticioso’. O jornal impresso sai no mesmo horário e os jornais na televisão e rádio estão presos a uma grade de programação. Desta realidade, nasce o horário de fechamento, conhecido como *deadline*, parte da produção nos meios de comunicação tradicionais, que na internet é contínuo.

Como “produto perecível”, a notícia é permeada pela temporalidade, que pode ser relativa de acordo com o assunto, moldando o ‘prazo de validade’ da informação. “Toda notícia tem um ciclo, cuja duração varia, na prática, de acordo com o valor jornalisticamente atribuído ao fato”. (SODRÉ, 2012b, p. 94). Até por isso, “a organização jornalística funciona dentro de um ciclo temporal. O ciclo do ‘dia noticioso’ impõe limites na natureza das notícias”. (TRAQUINA, 2013, p. 37). O tempo condiciona a atuação dos jornalistas. “Controlados pelo relógio, dedicados ao conceito de atualidade, obcecados pela novidade, os jornalistas estão permanentemente envolvidos numa luta (aparentemente perdida) de reagir aos (últimos) acontecimentos”. (p. 113). Mas esse ciclo muda com a emergência da internet, devido à exigência da instantaneidade do meio online. “O webjornal não deverá ter periodicidade. A atualização (sic) é constante e os destaques de primeira página estão em constante mutação. Se os acontecimentos não têm periodicidade, as notícias também não”. (CANAVILHAS, 2001, p. 7). O autor completa identificando a característica de acesso global do mundo inteiro: “Por estar online, o webjornal está acessível à escala global, a utilizadores de diferentes fusos horários e, portanto, não se justifica acorrentar a cadência noticiosa ao ciclo biológico das pessoas que o utilizam”. (CANAVILHAS, 2001, p. 7).

Nesse contexto, a atividade jornalística está ligada ao instantâneo. Por isso, o Ecosistema Comunicacional permeado em um ambiente tecnológico dispõe de propriedades que transformam em imediato o tempo da notícia. Mesmo antes da internet, Marshall McLuhan (2011) percebeu como os circuitos eletrônicos derrubaram o regime de tempo e espaço. Criou-se a instantaneidade, que, para Bauman (2001, p. 137-8), significa tanto realização imediata, quanto exaustão e desaparecimento do interesse. O autor afirma que “a distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo” – apesar de as tecnologias ainda não alcançarem a redução a zero –, e esse é o caminho: irrelevância do espaço e instauração da instantaneidade em cada órgão, tecido e célula do corpo social. É o que Lipovetsky (2016) considera como hipermodernidade, um período marcado pela leveza nas relações, no qual “setores inteiros da vida econômica se veem reestruturados pela lógica frívola da eterna mudança, da inconstância e da sedução”. (p. 21). Paul Virilio (2014) também constata

o contexto do tempo real na vida provocado pelas tecnologias contemporâneas e alerta para sobreposição das formas que organizam o que ele chama de “espaço real” do planeta.

A instantaneidade permeia também as relações, o que significa uma inconstância da sociedade, em constante alterações dos significados, valores, hábitos e cultura. “Na era hipermoderna, a vida dos indivíduos é marcada pela instabilidade, pois está entregue à mudança perpétua, ao efêmero, ao ‘mudancismo’”. (LIPOVETSKY, 2016, p. 22). Do jornalismo, a notícia é atingida pela hipermodernidade, pois os assuntos são considerados efêmeros. “Tratadas com muita rapidez, de maneira descontínua e sem vínculo entre elas, as informações heterogêneas se anulam umas às outras: em poucos segundos passa-se do drama tenebroso à distração”. (p. 43). Castells (2016, p. 546) aborda a temporalidade acelerada do mundo atual como um espaço de fluxo, que dissolve o espaço real e estrutura o tempo em lógicas diferentes. “O espaço de fluxos dissolve o tempo desordenando a sequência dos eventos e tornando-os simultâneos, dessa forma instalando a sociedade na efemeridade eterna”. A velocidade é uma das características marcantes da sociedade contemporânea e a instantaneidade a forma de atuar na temporalidade nessa época.

Na modernidade, o tempo é linear (progresso e história) e o espaço é naturalizado e explorado enquanto lugar de coisas (direção, distância, forma, volume). Na modernidade, o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a encarnação do tempo linear, implica a conquista do espaço físico. Na pós-modernidade, o sentimento é de compreensão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediato) e as redes telemáticas desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço. Esse é o ambiente comunicacional da cibercultura. (LEMOS, 2015, p. 68).

A velocidade do contexto pós-moderno atinge as práticas sociais e transforma as formas como nos relacionamentos e ocupamos os espaços. “A consequência disso é que a única habilidade que eu preciso adquirir e exercer é a flexibilidade – a competência para se livrar depressa das aptidões inúteis, de esquecer logo e se desfazer logo dos recursos do passado, que se transformaram em deficiências, de mudar de conduta e de caminho depressa e sem pesar” (BAUMAN, 2011, p. 133). Segundo Lemos (2015, p. 128), o ciberespaço promove um processo de desmaterialização do espaço e instantaneidade temporal. É a concretização da aldeia global de Marshall McLuhan, que acontece pelo desaparecimento do espaço na conquista temporal da tecnologia. “Nosso tempo é um mundo novo em folha do tudoaoemesmotempoagora (sic). O ‘tempo’ cessou, o ‘espaço’ desapareceu. Vivemos agora em uma aldeia global. Um acontecimento simultâneo”. (MCLUHAN, 2011).

Parte das práticas sociais no Ecosistema Comunicacional, a notícia na internet assume as características do ambiente tecnológico e atua pelos princípios das informações instantâneas.

De acordo com Muniz Sodré (2012, p. 76), as informações eletrônicas são caracterizadas pelo imediatismo, espaço ilimitado e baixo custo da rede cibernética. “Aí se ‘desrealiza’ o tempo, na medida em que a produção ilimitada de acontecimentos dá lugar a um imediatismo que, impossibilitando a consciência de representar os fenômenos dentro de uma duração, abole efetivamente o tempo”. O jornalismo atua com o tempo instantâneo, que, na internet, desconstrói o espaço. “O período de um dia na internet é suficientemente longo para a disseminação de um conteúdo específico pelo mundo inteiro”. (SODRÉ, 2012b, p. 106). Vivemos simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero (CASTELLS, 2015, P. 542), o que faz com que o jornalismo aja em tempo real, mas ciente da velocidade de desgaste da informação jornalística.

Como condicionante da prática jornalística, o tempo instantâneo faz com que os objetivos do jornalismo sejam publicar as informações rapidamente. Com diz Dalmonte (2009, p. 199), “a dimensão temporal é um importante fator na organização do Webjornalismo. A grande promessa gira em torno da possibilidade de oferta de notícias em tempo real”. É a promessa que o webjornalismo faz para divulgar notícias em tempo real e colocar os usuários em contato direto com os acontecimentos. (p. 202-3). Uma promessa única e diversa de outros meios de comunicação, o que aumenta a busca de informações jornalísticas pela internet. As possibilidades permitidas pela internet fazem que o número de usuários do webjornalismo aumente e altere o consumo de notícias nele, que passa a ser individual, móvel, ubíquo e contínuo. (CANAVILHAS, 2010, p. 8).

Agora o jornalismo vive em regime de tempo real, devido às possibilidades garantidas pelo ambiente tecnológico. No ciberespaço, a conexão é em tempo real, imediata, passa de uma referência a outra com velocidade em conexão *live*. (LEMOS, 2015, p. 123). Muniz Sodré (2010, p. 10) concebe o tempo real como abolição dos prazos pelo ambiente tecnológico, o eterno presente. “Modifica-se profundamente a experiência habitual do tempo: virtualmente conectado a todos os outros, cada indivíduo pode ser alcançado sem demora, nem período marcado, por qualquer um”. Segundo Rublescki (2012, p. 21) o jornalismo em tempo real tem a característica de alimentação contínua, e até por isso impede a utilização de técnicas tradicionais, como a pirâmide invertida. Segundo a autora, a estrutura da webnotícia se articula com o acréscimo de novos nós de informação durante a cobertura. É um tempo único. “A informação instantânea em todo o globo, mesclada a reportagens ao vivo de lugares vizinhos, oferece instantaneidade temporal sem precedentes aos acontecimentos sociais e expressões culturais” (CASTELLS, 2015, p. 541).

A realidade de viver no tempo real cria um cenário de constante produção jornalística com necessidade de atualização contínua das informações. A notícia transforma-se em um produto em constante construção. “Não pode haver uma última versão, uma nova ideia, uma nova interpretação. Essa fragilidade de sentido pode ser denominada como a circularidade da compreensão” (BAIRON, 2011, p. 25). Ferrari (2016, p. 14) explica que essa forma de trabalho faz como que cada nova informação se transforme em um título de matéria, e assim por diante, com reportagens produzidas aos pedaços. Inclusive as matérias que são acopladas oriundas de banco de dados, dos arquivos. A temporalidade jornalística se confunde. “Na web, a representação espacial da temporalidade assume contornos diferentes: passado e presente passam a compartilhar a mesma natureza, pois o passado assume também uma das propriedades do presente ao estar disponível na memória da web” (CANAVILHAS, 2004, p. 4). E conclui: “Isto quer dizer que a web, mais do que nenhum outro meio, comprime o tempo”.

Esse ambiente tecnológico produz uma pressão maquínica inconcebível com a realidade humana e com os contextos sociais. “Há uma tal defasagem entre a rapidez dos sistemas de informação e a lentidão da comunicação humana”. (WOLTON, 2012, p. 102). Concorda Sodré (2010, p. 10): “Os acontecimentos estão sempre à frente da possibilidade de que sejam interpretados pelos indivíduos, assim como o derrame social das tecnologias da comunicação está à frente da sua interpretação pelas formas individuais e coletivas de consciência”. A velocidade impede a compreensão das informações nesse constante fluxo. Para Wolton (2012, p. 101), não se pode falar em comunicação sem a vivência do tempo. “Do tempo para se falar, para se compreender, para ler um jornal ou um livro, para ver um filme independente das questões de deslocamento. Sempre há uma *duração* em um ato de comunicação”. Esse cenário, completa o autor, prejudica a vida social, como nas questões políticas, pois este campo exige uma reflexão, e não decisões sob a pressão da instantaneidade.

As relações entre contextos políticos, sociais, culturais e técnicos no Ecosistema Comunicacional, permeado por um ambiente tecnológico, exigem do jornalismo uma produção baseada no imediatismo. A vida social está sendo realizada em tempo real e repleta de efemérides e as notícias precisam acompanhar a realidade das pessoas, em instantaneidade na imediata deterioração dos assuntos. Apesar disso, determinados assuntos pedem atualização contínua das informações, ou seja, novas informações divulgadas o mais rápido possível. Sabem disso os meios de comunicação, com jornalistas condicionados pelo tempo, e as fontes, com instituições e personagens. O ambiente da instantaneidade é possível devido as tecnologias, pela facilidade de produção dos computadores e a presença eterna das pessoas na internet pelos

smartphones. A instantaneidade no jornalismo é percebida pelos elementos e contexto envolvidos nesta prática social.

2.6.2. *Hipertextual*

A internet como meio de comunicação nasce como um complemento das mídias tradicionais. Por isso, de início, a internet replicava as características tradicionais da notícia. Mas a chegada de novos meios desencadeia alteração nas relações estruturais. “A falta de homogeneidade na velocidade do movimento informacional cria diversidades estruturais na organização. Pode-se prever facilmente que qualquer novo meio de informação altera qualquer estrutura. Se o novo meio é acessível a todos os pontos da estrutura ao mesmo tempo, há a possibilidade de ela mudar sem romper-se. Onde há grande discrepância nas velocidades do movimento – como entre as viagens aéreas e terrestres ou entre o telefone e a máquina de escrever – sérios conflitos podem ocorrer na organização”. (MCLUHAN, 2007, p. 110).

Mas é possível observar que a internet, por suas potências, não possui padrões de estilo. Até mesmo porque o prejuízo de manter do jornalismo tradicional “é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação”. (CANAVILHAS, 2006, p. 7). Como alerta Schwingel (2012, p. 93): “A estrutura hipertextual não é explorada em sua potencialidade na estruturação de uma matéria”. Seguir as tradições do jornalismo de impresso, televisão e rádio é limitador.

Duas tradições do jornalismo tradicional são a pirâmide invertida e o lead (PENA, 2008). O lead é o relato sintético dos acontecimentos no início do texto, respondendo ‘o quê’, ‘quem’, ‘como’, ‘onde’, ‘quando’ e ‘por quê’, com objetivo de apontar a singularidade da história, oferecer contexto e provocar no leitor o desejo de ler o restante da história (p. 42-43). Ela se complementa à estrutura da pirâmide invertida, que é um relato que prioriza os fatos mais importantes no início e os hierarquiza durante o texto (p. 48). Essas técnicas foram responsáveis pela transformação do jornalismo. E agora elas podem ser contestadas.

Segundo Muniz Sodré (2012, p. 207-208), a técnica da pirâmide invertida, considerada um pilar do jornalismo tradicional pode ter sua aplicação na internet questionada. Ele deixa claro a diferença entre o estilo jornalístico – fluência, clareza, objetividade, correção gramatical, sem asperezas linguísticas -, imprescindível ao jornalismo, e o formato narrativo, como é a pirâmide invertida. A ideia é levar o estilo jornalístico para a internet, sem precisar acomodar o formato narrativo tradicional. Até mesmo porque, alerta Schwingel (2012, p. 82), as etapas

do processo, que envolve apuração, produção e circulação de informações, são alteradas pelo imediatismo da publicação, atualização constante e facilidade de distribuição.

Seguir padrões é limitar as possibilidades da internet. Determinar textos curtos ou longos, multimídias ou não, massivos ou de nichos, por exemplo, é tentar criar uma técnica única para o meio online, que na verdade pode unir todos os formatos. Entretanto, existe uma possibilidade narrativa única para a internet (e o digital): o hipertexto. Segundo André Lemos (2015, p. 122), os hipertextos, que podem ser online ou offline, podem ter textos, imagens, vídeos e sons organizados para leitura não linear, baseado em associações sob a forma de links, que funcionam como portas virtuais abrindo caminhos para outras informações. O hipertexto é uma obra com várias entradas, onde o sujeito escolhe o percurso.

A forma característica de narrativa encontrada para o meio online é o hipertexto, onde “a webnotícia desenvolve-se numa sucessão arquitetônica de blocos de informação ligados através de links”. (CANAVILHAS, 2008, p. 15). O autor enxerga a redação hipertextual como o enorme potencial do webjornalismo. “O hipertexto assume-se como um complexo de caminhos onde cada um pode seguir o seu caminho, isto é, fazer a sua própria construção da notícia”. (2002, p. 4). É uma forma de navegação intuitiva, simples e fácil de usar, na qual as informações estão separadas em pequenos blocos ligados entre si para permitir ao leitor definir o próprio percurso. Existe a possibilidade de hipertexto em outros meios, mas na internet ela age de maneira única. “A diferença situa-se no fato de que, no ciberespaço, a conexão é em tempo real, imediata, live”. (LEMOS, 2015, p. 123). Enquanto em outros meios a ligação é dispendiosa, no ciberespaço, passamos entre referências ao simples clique no mouse.

Para Carla Schwingel (2012, p. 57), o hipertexto é a natureza do jornalismo praticado na internet. “A hipertextualidade são as conexões, os links, as vinculações entre os conteúdos. É a teia que se constrói, e é percorrida ao descolar-se por informações. Esta característica permite trabalhar conteúdos em termos de contexto e profundidade, ou seja, desdobrando informações em outras estruturas informativas para aprofundar assuntos”. A autora propõe que a elaboração das matérias deve levar em consideração a hipertextualidade desde o início do processo, com informações separadas, construídas em projeto único, mas integradas a um todo.

É o nascimento de uma narrativa, que precisa ser específica para ter sua própria personalidade. Para Sodré (2012, p. 110), trocar o conteúdo informativo de suporte, sem alterar substancialmente a sua natureza, não é o suficiente. “Um livro digitalizado continua a ser “livro”, isto é, a organizar sequencialmente os conteúdos”. E com a internet, vai nascer um paradoxo, aponta Wolton (2011, p. 37). “Por um lado, revaloriza a prática da escrita; por outro

lado, desvaloriza essa prática, pois tudo é escrito e difundido sem seleção nem hierarquia. Funciona, portanto, valorizando e desvalorizando o texto”. Lemos (2015, p. 124) vê o hipertexto, além de um novo suporte técnico para informação, problematizando as formas de conceber a produção e apreensão da informação e do conhecimento e rearranjando o espaço.

Os links são uma forma de organizar a abundância de informação. Com a grande quantidade de informação disponível na internet e a capacidade de criar muitas páginas separadas, o sistema de links vai possibilitar as ligações entre as informações de forma a permitir o desenvolvimento próprio do sentido.

Podemos compreender o princípio da exterioridade das redes digitais e do hipertexto, em que tudo está ao alcance de um clique, é vizinho. A estrutura de um sistema ou de uma plataforma de publicação em que um sítio ou mesmo uma matéria (uma história) pode ser compreendida como um nó, e cada novo ponto que passa a compor, a ser acrescido à rede a altera completamente como um todo, evidencia seu aspecto absoluto, o todo. Ou seja, explícita a multiplicidade das escalas, em que – estruturalmente – informações fazem parte de redes e sub-redes, destacando a estrutura de cada rede (a matéria, a do sítio, a do portal, e assim por diante) e as que são externas a ela. (SCHWINGEL, 2012, p. 159).

Com o hipertexto, o jornalismo começa a fugir da hierarquização da notícia, que tradicionalmente cria uma importância aos fatos relatados, e desenvolve a informação em níveis mais aprofundados e variados sobre o assunto. João Canavilhas (2006) propõe uma inversão na tradicional técnica do jornalismo: da pirâmide invertida, no qual os principais dados são dispostos no início do texto, para a pirâmide deitada. Segundo ele, a notícia deve ser dividida em quatro níveis de informação: a base (lead), explicação, contextualização e exploração. Essa disposição permite ao leitor abandonar a qualquer momento sem perda. A pirâmide deitada significa, para Canavilhas (2006), a materialização das características hipertextuais da internet.

2.6.3. *Multimídia*

Uma das possibilidades mais relevantes da internet é ser um espaço para convivência de todos os formatos de conteúdo, com texto, vídeo, fotos e áudio. “Multimedialidade é uma característica do webjornalismo que significa a convergência dos formatos dos meios de comunicação tradicional – jornal, rádio e televisão – para o relato do fato jornalístico” (AGUIAR, 2009, p. 169). Segundo Aguiar, não é uma união como simples interrelação e interligação entre os formatos, e sim uma produção discursiva disponibilizada de forma integrada e complementar pelo suporte web. “Não se trata mais de forma ou conteúdo, muito menos de uma ilustração do mundo, mas de oferecer um espaço hipermídia para os conceitos se autorrevelarem”. (BAIRON, 2011, p. 47). A internet permite uma construção narrativa da notícia com a utilização de todos os formatos, ampliando o entendimento das pessoas.

Mas surge a dúvida: a internet é uma mídia? Ou um espaço para disponibilização de formatos? O pensador francês Dominique Wolton (2012, p. 98-9) não considera a internet como mídia. Já Éric Maigret (2010, p. 405) discorda do autor. “A internet é, sim, uma mídia no sentido restrito do termo, isto é, um suporte tecnológico para a comunicação”. E completa: “Suas gigantes possibilidades se devem mais ao seu caráter de multimídia que reúne som, imagem e texto: um único computador conectado à rede mundial pode transmitir e receber mensagens escritas, imagem fixa ou animada, música, consultar banco de dados”. A percepção da internet como uma mídia também é defendida por Pierre Lévy (2009, p. 64), pois a mídia é suporte ou veículo das mensagens, embora ele não considere a internet como multimídia, e sim como uma mídia. A ideia é perceber que a internet pode agir como mídia.

Pelas possibilidades, o jornalismo produzido para a internet como mídia une condições de meios tradicionais e oferece um conteúdo multimidiático. Schwingel (2012, p. 54) defende a multimídia na prática da notícia como “utilização de texto, som e imagem na construção da narrativa jornalística”, que também pode ser considerado como convergência. É uma capacidade ainda em adaptação, pois “em sua maior parte, o tecido social do ciberespaço ainda é costurado pelo tênue fio do texto” (JOHNSON, 2001, p. 55). Canavilhas (2001, p. 2) entende que esse processo passa pelas capacidades de produção dos jornalistas, mas também a habituação dos consumidores da informação. “Se, para o jornalista, a introdução de diferentes elementos multimídia (sic) altera todo o processo de produção noticiosa, para o leitor é a forma de ler que muda radicalmente”. Por enquanto, a capacidade multimidiática é a convivência entre suportes tradicionais. O processo emergente da capacidade da internet é a convergência dos meios. Diz Canavilhas (2010, p. 4): “mais do que o conteúdo de um meio anterior, a Internet é uma simbiose dos conteúdos de todos os meios anteriores”.

Além do jornalismo, as capacidades da internet de ter todos os formatos alteram as práticas sociais. Como diz Vizer (2011, p. 259), “esse conjunto de processos tecnológicos e culturais acompanha e potencializa um processo de transformações humanas maior do que qualquer outro que se tenha produzido em qualquer outra instância histórica”.

No processo de circularidade da notícia, a internet torna-se o espaço de convivência dos meios e atuações das pessoas, entre portais, redes sociais e disponibilização de conteúdo dos meios tradicionais. Um dos motivos é a superioridade técnica da internet. Canavilhas (2002, p. 2) faz a comparação de condicionalidades para atestar a multimídia do meio online. Para ele, o jornal impresso é limitado pelo espaço, e por não conseguir ampliar o conteúdo com som e imagens em movimento. No rádio, falta a imagem em um meio já prejudicado por ser

etéreo, assim como a televisão, que obedece a um conjunto de condicionantes, como controle sobre a estrutura do conteúdo e a impossibilidade de aprofundamento. “É neste contexto que surge um novo meio, a Internet, e o jornalismo que lhe está associado, o webjornalismo”, no qual “a notícia consegue satisfazer e/ou ultrapassar as expectativas do receptor por não estar sujeito a nenhum dos condicionalismos antes enunciados”.

3. O PROCESSO DE CIRCULARIDADE NO PORTAL UOL

O objetivo deste estudo é cartografar, pela perspectiva ecossistêmica, as trilhas percorridas pela notícia identificando o processo de circularidade da notícia na internet ao observar a cobertura de um acontecimento realizada pelo portal de notícias ‘UOL’. Comecei pelas discussões dos pontos teóricos da concepção científica do Ecosistema Comunicacional, e dos aspectos dos processos comunicacionais do jornalismo e web. Agora, vou estabelecer como é formado o Ecosistema Comunicacional do fluxo noticioso na internet, caracterizar o processo de circularidade da notícia na internet e identificar sua materialização com base no caso do portal UOL. Para isso, com base nas perspectivas científicas discutidas nas seções 1 e 2, meu percurso metodológico foi definido a partir das necessidades estabelecidas pelos objetivos e elaborado e modificada de acordo com o andamento da pesquisa, pois do objeto emerge a metodologia.

3.1. Do objeto emerge a metodologia

Um dos questionamentos primordiais da perspectiva científica contemporânea é a importância das teorias científicas, propondo a relativização delas. Não como desconsideração das concepções adquiridas, mas da percepção das suas limitações. Como afirma Colferai (2014, p. 90), podemos questionar a necessidade de uma pesquisa que começa com um trajeto definido, geralmente feito baseado em uma teoria. “Há que se perguntar sobre a pertinência de uma investigação que consegue antever todas as etapas antes de percorridas, e apresentar os resultados antes que sejam dados os primeiros passos do processo de pesquisa”. Baptista (2014, p. 344) baseia-se na perspectiva cartográfica para defender a relativização das teorias. “Não existe ‘um’ único caminho, mas o que eu denomino de ‘trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas”. Até mesmo porque os objetos de pesquisa são diferentes, e se basear em apenas uma teoria pode produzir resultados irrealistas. “Alguns pesquisadores aplicam a mesma metodologia a todos os seus objetos. Obviamente que os diferentes objetivos dão as mesmas respostas. O que se descobre? Que a metodologia pode ser um processo de encobrimento”. (SILVA, 2015, p. 25). Por isso, como propõe Paul Feyerabend (2011), uma metodologia eficaz pela perspectiva de uma nova ciência precisa nascer de uma mistura de teorias vigentes, com técnicas que emergem do andamento da pesquisa.

Das teorias são criadas as metodologias, que podem provocar o mesmo efeito limitador nas pesquisas. Utilizar uma única metodologia delimitada para um objeto de estudo significa deixar de lado certas nuances e especificidades dele e encaixá-lo em uma fôrma. “A rigidez

metodológica é característica de um paradigma epistemológico em que a distância intransponível entre sujeito e objeto do conhecimento permitia um processo de costura da hipótese à experiência laboratorial supostamente universal, por meio de um caminho denominado método”. (SODRÉ, 2014, p. 289). A crítica ao paradigma metodológico atual não significa ignorar o rigor científico, necessário para que uma pesquisa tenha relevância. Colferai (2014, p. 95) frisa que não se prender a pressupostos metodológicos não significa se lançar em uma pesquisa sem qualquer estratégia. É antes livrar-se de pré-disposições limitadoras ao desconhecido no processo do estudo e estar aberto ao acaso. Por isso, Silva (2015, p. 24) simplifica a definição da metodologia pela sua função primordial. “O que é uma metodologia? Um meio para atingir um fim. Qual é a essência da metodologia? Uma forma de formatar o que é descoberto. A boa metodologia é só isso. Fazer passar do encoberto ao descoberto”. (p. 29).

Ter rigor científico, mas relativizar a importância das metodologias existentes significa delimitar procedimentos metodológicos próprios para cada estudo, criando-os de acordo com as necessidades do objeto e o alcançando pelo referencial teórico do estudo. Juremir Silva (2015, p. 10) comenta que um erro comum entre pesquisadores é: referencial teórico e metodologia que não se encontram, com base teórica enchendo páginas e metodologia usada como fôrma paradigmática para encaixar o objeto. As partes teórica e metodológica devem ser construídas de forma coerente, com ligações conceituais entre elas. Afinal, elas devem refletir a visão do pesquisador. “Todo trabalho acadêmico em ciências humanas é uma opinião. E o que ela deve ser? Uma opinião argumentada”. (SILVA, 2015, p. 10). Colocando-me dentro da pesquisa, “fazendo aquilo que me agrada” (ECO, 2014, p. 32), eu me permito utilizar mais teorias, fazê-las conversarem, opinar com meus próprios pensamentos, e, com isso, utilizar uma metodologia minha, específica. Basear meu trabalho pelas interpretações críticas à ciência tradicional me possibilita um referencial teórico mais abrangente de diferentes teorias, de áreas diversas, com uma metodologia que emerge do objeto de pesquisa.

Pelas perspectivas paradigmáticas críticas, que eu sustento como base teórica, o método deve investigar a complexidade de fenômenos efêmeros e ser planejado, mas com possibilidades de mudança de acordo com as sensibilidades do processo e com procedimentos criados pelo contexto. Considerar a complexidade do fenômeno é ter uma “abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão de sua trama de relações”. (BAPTISTA, 2014, p. 347). O que isso significa? “Do ponto de vista técnico, evidencia a necessidade de multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos”. (p. 347). Para isso, propõe

Baptista, é preciso um planejamento com rigor científico, mas aberto a alterações e reconsiderações quando elas se fizerem necessárias pelas evidências. O aspecto cartográfico de Rolnik (1989) inclusive pede ao pesquisador que “invente” os procedimentos metodológicos em função daquilo que pede o contexto. Por isso, não deve seguir nenhum protocolo normalizado. Fundamentado por essas concepções, a metodologia da dissertação é própria das minhas visões como pesquisador e foi construída durante o percurso da pesquisa.

Acompanhado pela concepção ecossistêmica, a minha metodologia objetiva a identificação das partes que compõem o processo de circularidade da notícia na internet e como eles se relacionam, percebendo seus acoplamentos estruturais. Instituições públicas e privadas, organizações sociais e as individualidades dos sujeitos estão ligadas e em trocas recorrentes, e, desse conjunto em processo, emerge a notícia como materialidade da produção jornalística. Cada elemento do Ecosistema Comunicacional cumpre um papel nesse processo de produção da notícia na internet de forma interdependente, ou seja, com autonomia, mas com a necessidade de acoplamento para desencadear processos internos. E, como fenômeno complexo, o objetivo da minha pesquisa não é olhar a notícia na internet como um processo determinístico e técnico do jornalismo como único campo atuante, e sim percebendo as reverberações de todas as partes envolvidas no processo.

Pela perspectiva de Fritjof Capra (2005, p. 85-7), a vida social pode ser entendida por quatro perspectivas: forma, matéria, processo e significado. Deriva do arcabouço conceitual da compreensão da vida biológica do autor, adicionando a perspectiva do significado, devido às regras de comportamento, valores, objetivos, planejamentos e intenções que permeiam as relações sociais. As quatro perspectivas apresentam uma interdependência fundamental, sendo diferentes entre si, mas inseparáveis na percepção da vida. “Integrar as quatro perspectivas significa reconhecer que cada uma delas contribui de maneira significativa para a compreensão de um fenômeno social”. (CAPRA & LUISI, 2014, p. 377). Na compreensão de Capra, a forma é o padrão de organização, a matéria é a estrutura material, o processo permite o movimento e o significado caracteriza os aspectos sociais. A estrutura do meu trabalho segue as quatro perspectivas de Capra para entender como acontece o processo de circularidade da notícia na internet. A *forma* é a rede de instituições sociais e sujeitos formadas pelos poderes Executivo, Legislativa e Judiciário, iniciativa privada, meios de comunicação tradicionais, novas mídias, organizações, movimentos sociais, grupos profissionais, empresas de tecnologia, consumidores de notícia, e todos os elementos que compõe a participação democrática do Brasil. A *matéria* é a apresentação da notícia na internet, formada por diversas páginas de informação ligadas

através dos hiperlinks, nas quais os dados são distribuídos entre elas propiciando uma notícia em rede. O *processo* é o fluxo de informações que acontecem pelos meios de comunicação, tanto tradicionais como os novos suportes. Levando em consideração o *significado* como proporcionador dos entendimentos na vida social, e por isso permeia as outras perspectivas, meu trabalho identifica as perspectivas da forma, matéria e processo da circularidade da notícia na internet pela cartografia da cobertura da morte do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki, feita pelo portal UOL. Este acontecimento foi escolhido pela cobertura ampliada dos meios de comunicação, o que permite compreender as interconexões entre diferentes formas de conteúdo.

Além de perceber a formação social da notícia na internet, meus procedimentos metodológicos percebem também os processos de recepção das notícias, ou seja, alcança os sujeitos e instituições que consomem as notícias na internet, tendo uma constatação além das técnicas jornalística e das possibilidades tecnológicas. Descobrir como acontece a participação das pessoas nas mensagens é a proposta do olhar para as relações do Ecosistema Comunicacional, em Sandro Colferai e Gilson Monteiro, da comunicação como administração das diferenças em busca da convivência de Dominique Wolton, da comunicação como organização das relações sociais e coordenação de comportamentos de Muniz Sodré e da comunicação como receptor recebendo a presença, fala e mensagem do outro (emissor) de Ciro Marcondes Filho. Esse é um caminho novo tomado pelos pesquisadores da comunicação, e, por isso, um desafio para a escolha das técnicas de pesquisa. No meu trabalho, a participação será levada em consideração nas observações dos resultados, embora não seja determinante para a matriz de pesquisa e na captação de dados.

A notícia na internet como materialidade do processo jornalístico pode ser enxergada por suas possibilidades. De maneira a caracterizar o produto do jornalismo no meio online, destaco três propriedades que considero essenciais para diferenciação da notícia na internet para os meios tradicionais: hipertextualidade, multimidialidade e velocidade. Como dizem Canavilhas e Schwingel, o hipertexto, que pode ser considerado a natureza do jornalismo na internet, é o enorme potencial do webjornalismo. A hipertextualidade permite uma narrativa não linear, na qual as informações são separadas em blocos e o sujeito pode escolher o próprio caminho. Multimidialidade é a capacidade da internet de suportar diferentes formatos, entre texto, vídeo, foto, galeria de fotos, artes, montagens, infográficos, áudio, desenhos. É uma superação em relação aos meios tradicionais, por isso uma característica primordial para entender a notícia na internet, em um agregado de todos os formatos. Falar da velocidade da

notícia na internet significa perceber duas particularidades: a internet permite uma atualização contínua da informação, ou seja, podem ser adicionados dados a qualquer momento e em qualquer velocidade. E a possibilidade do tempo real, da informação instantânea, mesmo que o jornalismo demande um tempo de produção. Delimito estratégias para verificar como essas três características estão presentes na notícia na internet, percebendo a quantidade de páginas criadas para cobertura da notícia na internet, como a multimídia é utilizada nessas páginas e a velocidade em que a informação é atualizada ou corrigida.

Para aliar a metodologia própria deste estudo, criada com base nas perspectivas de uma ciência contemporânea, com a necessidade de evitar apresentar resultados como se fossem determinações ao objeto, a cartografia como método de pesquisa se apresenta como trajeto possível. “A Cartografia é acompanhamento de processos”. (COLFERAI, 2014, p. 110). Dessa forma, ao contrário de apresentar resultados, destaca-se o percurso construtivo:

A Cartografia como estratégia metodológica insurge justamente da necessidade de métodos que não apresentem somente os resultados finais da pesquisa desconsiderando os processos pelos quais a mesma passou até chegar à sua instância final, mas que acompanhem seu percurso construtivo sempre em movimento e o percebam como algo incompleto, transitório e que multiplica as possibilidades ao invés de restringi-las. A pesquisa, por assim dizer, é sempre um mapa que possibilita múltiplas entradas e onde é possível transitar livremente, agrimensando um terreno em permanente mutação. (OLIVEIRA & MOSSI, 2014, p. 191).

Oliveira e Mossi (2014, p. 193) afirmam que a cartografia, como estratégia metodológica, considera mais o percurso do que o ponto de chegada. A paisagem será diferente para cada um, e poderá ser vista de um jeito apenas momentaneamente. Por isso, dizem os autores, a perspectiva cartográfica não é *um* método [grifo dos autores], mas um conjunto metodológico que vai sendo inventado no caminho. Por isso a importância da minha história como pesquisador e das convicções que adquiro no processo de pesquisa na construção dos procedimentos metodológicos para o meu estudo. “Na pesquisa cartográfica há a implicação do pesquisador em todas as decisões, e não a responsabilidade posta exclusivamente sobre arcabouços teórico-metodológicos que não permitam intervenção”. (COLFERAI, 2014, p. 94). Na perspectiva de Baptista (2014, p. 344), a cartografia é recomendada à pesquisa qualitativa mesmo que também utilize métodos e técnicas quantitativas. A autora faz associação entre a investigação e a metáfora de viagem intelectual para pensar a cartografia como “trama de trilhas”, o que significa não propor um método inequívoco, mas esboçar o “desenho” de uma estratégia metodológica com possíveis “linhas de fuga”. A cartografia me permite desenvolver uma metodologia própria para essa pesquisa, com descrição de procedimentos e técnicas baseados nos meus princípios científicos.

3.2. Procedimentos metodológicos

De acordo com as necessidades apresentadas pelo objetivo da pesquisa, a decisão foi trabalhar com a pesquisa qualitativa, embora também leve em consideração aspectos quantitativos, como camada aproximativa. A pesquisa qualitativa me permite uma reflexão como pesquisador, com uma descrição completa e interpretativa do problema pois “[...] envolve maior a atenção à natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro do contexto político, social e cultural dos pesquisadores”. (CRESWELL, 2014, p. 50). Isso permite que a perspectiva do olhar ecossistêmico, proposto neste estudo, não se retenha na quantidade de dados e números, que, pelo caráter qualitativo, são coletados de maneira manual, sem necessidade de programas específicos, como sugere Recuero (2015, p. 91). “Estudos qualitativos, geralmente, trazem um conjunto pequeno de dados, que podem ser coletados de forma mais simples, até mesmo de forma manual pelo pesquisador”. O entendimento é que para chegar ao objetivo de relacionar Ecossistema Comunicacional com webjornalismo, uma pesquisa quantitativa não é suficiente. É preciso a interpretação do pesquisador. Como diz Minayo (2015, p. 21): “O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos”.

Creswell (2010) destaca as características da pesquisa qualitativa, as quais ajudam a entender como funciona, como usar a coleta de dados no campo ao invés de atuar em laboratório, a utilização de múltiplas técnicas como entrevista, observações e documentos, produzir um raciocínio complexo por meio da lógica indutiva e dedutiva, levar em consideração as opiniões dos participantes, ter um plano aberto a alterações durante o processo de pesquisa e refletir para criar um relatório que envolva os diversos fatores envolvidos. Por ser investigação da notícia na internet, verificando o processo de circularidade da informação jornalística no meio online, enxergo a necessidade da realização de uma pesquisa descritiva, com o objetivo de conhecer e interpretar o fenômeno por meio da “descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais”. (BEST, 1972, p. 12 Apud MARCONI, 2013, p. 6), etapas desse tipo de pesquisa vão permitir a descrição do objeto por meio de dados quantitativos das páginas, registros por meio de quadros e imagens, análise dos dados recolhidos na observação e interpretações dos resultados em busca dos padrões de relação.

As técnicas utilizadas são buscas em documentações (diretas e indiretas) e observação. A documentação indireta acontece no levantamento de dados prévios, com investigação de conteúdo para trazer conhecimento sobre o objeto. “É a fase da pesquisa realizada com intuito

de recolher informações prévias sobre o campo de interesse”. (MARCONI, 2013, p. 48). Envolve, entre outras, a pesquisa bibliográfica, que “é aquela que busca o levantamento de livros e revistas de relevante interesse para a pesquisa que será realizada” e é essencial para início de qualquer pesquisa científica, “uma vez que elimina a possibilidade de se trabalhar em vão, de se despender tempo com o que já foi solucionado”. (MEDEIROS, 2005, p. 51). Mas também pode envolver outros documentos, como cartas, atas, recorte de notícias, estudos formais. A documentação direta constitui-se “no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Esses dados podem ser obtidos de duas maneiras: por meio de pesquisa de campo ou da pesquisa de laboratório”. (MARCONI, 2013, p. 69). Pela característica da internet, a documentação direta será feita pela observação do fenômeno e registro de dados no próprio site. Ao observar a circularidade da notícia na internet, farei registros da data e horário, formato de conteúdo e observações da publicação, que se enquadra no proposto pela documentação direta comentado por Marconi (2013), tratando-se o “próprio local” como o portal UOL e outros meios de comunicação e “fenômeno” como a publicação da notícia em um certo período. A observação direta será realizada entendendo o ciberespaço como “campo”, e o portal de notícias UOL como “campo” específico do projeto.

O caso estudado será cobertura jornalística do portal de notícias UOL da morte do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki, em 19 de janeiro de 2017, selecionado por representar um acontecimento de grande relevância, gerador de uma extensa cobertura jornalística, o que Traquina (2013, p. 94) chama de mega acontecimento, imbuído de tal dose de noticiabilidade que gera excitação, ‘arrebenta’ nas redações jornalísticas, provoca alteração na rotina e gera uma programação especial. A escolha foi feita por permitir uma observação contínua das características do webjornalismo, mesmo levando em consideração que “os acontecimentos de rotina constituem a maior parte dos acontecimentos noticiados” (TRAQUINA, 2013, p. 95), pois, dessa forma, as diferentes nuances do meio são compreendidas, devido à grande quantidade de conteúdos produzidos em uma cobertura. A morte do ministro Teori Zavascki é um mega acontecimento pela relevância do personagem no país e por ter sido em um acidente de avião, o que representa uma tragédia. Além disso, Zavascki era relator, no STF, da Operação Lava-Jato, investigação realizada pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, em Curitiba (PR), que investiga o esquema de corrupção envolvendo empresários de empreiteiras brasileiras, políticos e servidores da Petrobras, conhecida pelos brasileiros por prender personagens importantes e poderosos dos meios políticos e econômicos do país. Como representante do STF no caso, Teori era

considerado rígido com os réus, e, por isso, se tornou relevante para a população. Sua morte ocasionou uma preocupação das pessoas com o andamento da Lava-Jato, com sua substituição, tanto no STF quanto na relatoria da operação, e com as causas do acidente.

O portal UOL⁸ foi lançado na internet às 4h15, horário de Brasília, no dia 25 de abril de 1996, com o nome Universo Online, disponibilizando serviços de bate-papo, classificados, notícias publicadas no jornal Folha de S. Paulo, arquivos do jornal e reportagens dos jornais Folha da Tarde, Notícias Populares, The New York Times e da revista IstoÉ. O portal nasce focado em serviços e conteúdo jornalístico. Em 1996, com menos de um ano, o UOL superou um milhão de visitas às suas páginas. No dia 27 de setembro, o UOL se une com o portal Brasil Online (BOL) e atinge mais de quatro milhões de visitas e passa a ser o site mais procurado em língua não inglesa do mundo. No dia 7 de fevereiro de 1997, o UOL passa a funcionar com notícias em tempo real. Em setembro de 1997, a revista de informática da Exame seleciona a UOL como um dos 260 sites mais úteis do mundo. Em 1998, o UOL fez a cobertura em tempo real da apuração das eleições e bate o recorde de visitas em um dia, para a época. O portal alcança a marca de três em cada quatro internautas brasileiros. Em 2001, alcança o primeiro milhão de assinantes e estreia um novo *layout* para a página inicial. A empresa começa a buscar diversidade, lançando serviços como página específica para homossexuais, placar online de esportes, canal de finanças pessoais e informações do trânsito. No dia 11 de setembro de 2001, dia do atentado terrorista nas torres gêmeas nos Estados Unidos, a página inicial do UOL é vista nove milhões de vezes. A partir de 2004, a internet começa o processo de mudança da chamada web 1.0 (conteúdo) para a denominada web 2.0 (maior participação social). Em 2006, o portal UOL completa 10 anos de história, com lançamento de novos serviços focado na web 2.0.

⁸ Escrevi sobre a cronologia do UOL para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2013. Fiz um resumo com as principais informações retirada deste texto, atualizando com informações dos últimos quatro anos. Todo o conteúdo da história do portal UOL foi encontrado do site <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia.jhtm>.



Figura 3. Primeira página publicada pelo UOL, em 25 de abril de 1996. (Fonte: uol.com.br)

Atualmente, com 21 anos, o UOL possui mais de mil canais específicos entre jornalismo, informação, entretenimento e serviços. Segundo o site de estatísticas da internet Alexa, o portal UOL é o sexto site mais acessado do país, atrás de Google, Youtube, Google EUA, Facebook e Globo. São 3,25 milhões de visitas únicas diariamente no portal. É atualizado com notícias em tempo real, com os seus 200 profissionais de imprensa e uma rede de 400 parceiros, e possui mais de 7,4 bilhões de visualizações nas páginas todos os meses. A capa do portal UOL está dividida em 12 partes: ‘Cabeçalho’, ‘Destaques’, seções de ‘Esporte’, ‘Entretenimento’, ‘Notícias’ e ‘Estilo de Vida’, ‘Mais Lidas’, ‘Você Viu?’, os serviços ‘UOL Música’ e ‘UOL Jogos’, as vendas da ‘UOL Banca Digital’ e ‘Mapa do Site’. Como maior portal de notícias do Brasil, o UOL está constantemente investindo em novas formas de disponibilizar informação, o que permite observar as possibilidades jornalísticas para o meio online. As parcerias fazem com que o UOL seja um dos sites de notícias mais relevantes do país, oferecendo conteúdo de meios de comunicação tradicionais, jornalistas de credibilidade por meio de blogs e sites para diversos públicos específicos.

A matriz de pesquisa é estruturada baseada nas quatro perspectivas da vida social propostas por Fritjof Capra (2005). A *forma* é a rede de sujeitos e instituições sociais envolvidos no processo jornalístico da notícia da morte de Teori Zavascki na internet, que incluem aspectos profissionais do jornalismo, as possibilidades tecnológicas, os valores da sociedade, as atuações dos agrupamentos sociais, os sujeitos e as suas individualidades, o jornalismo como carregador de conceitos próprios, o mercado que envolvem empresas poderosas e meios de comunicação e a política que abrange os três poderes. A forma será delimitada no Panorama do Ecosistema Comunicacional, onde vou expor as relações entre esses diferentes campos que abrangem a notícia na internet. A segunda perspectiva será o *processo*, que pode ser considerado como as comunicações entre os elementos apontados na forma, mas, para esta pesquisa, delimito como

o fluxo de informações sendo transmitidos por meios de comunicação diversos e a participação dos homens-mídia⁹ pelos suportes. Por último, a notícia como *materialização* de um processo que envolve esses elementos e resulta em um produto fabricado por uma empresa jornalística, no caso deste estudo, o UOL. Vou caracterizar o processo comunicacional da notícia na internet por meio do desenvolvimento dessas perspectivas, utilizando dados quantitativos necessários, mas destacando os aspectos qualitativos de cada um.

São três perspectivas interdependentes. Por isso, a leitura não precisa seguir a linearidade disposta nas próximas seções, embora elas sejam complementares. Não há uma ordem correta a ser lida, mas apenas com o olhar dos resultados de todas as perspectivas é que se poderá ter o entendimento do Ecosistema Comunicacional da notícia na internet, pelos dados adquiridos e observações feitas da cobertura da morte do ministro do STF, Teori Zavascki, realizada pelo portal UOL.

a) *FORMA: Panorama do Ecosistema Comunicacional*

Segundo Capra (2005), a forma deve descrever o padrão de organização da vida social. Considero o Ecosistema Comunicacional da notícia na internet organizado na forma de uma rede. Um padrão não linear e descentralizado, mesmo percebendo que alguns nós apresentem mais poder que outros, onde os elementos estão em constantes trocas comunicacionais. O Panorama do Ecosistema Comunicacional permite entender como acontecem as relações das partes que envolvem o processo da notícia na internet. Esses elementos são: profissional (a atuação dos jornalistas na construção das notícias), tecnologia (possibilidades tecnológicas, tanto para vinculação, como para apuração), sociedade (as características da pós-modernidade), grupos sociais (onde posso dividir como políticos, juristas, jornalistas), individualidades (a possibilidade dos sujeitos dentro de sua autonomia), jornalismo (como campo profissional com valores próprios), mercado (empresas de comunicação fazem jornalismo e precisam lucrar) e política (a morte do ministro envolve o sistema jurídico e político do país).

O conceito do Ecosistema Comunicacional exige a percepção do todo como maior que suas partes e, por isso, é preciso a descrição dos elementos com atuantes em um conjunto. Determinar uma pesquisa científica sobre um objeto pela separação das partes pode prejudicar o entendimento ecossistêmico, como visto pelos pesquisadores estudados na minha pesquisa.

⁹ Muniz Sodré (2010) chama os usuários que participam ativamente do processo de homem-mídia, que, através das redes sociais, pode intervir pessoalmente nos discursos circulantes e influenciar a pauta jornalística, o que muda o tratamento da informação. Admito o termo e o utilizo em substituição a 'usuário', para identificar as pessoas que participam do processo, mas não atuam com papéis de jornalismo.

Entretanto, eu percebi a necessidade, como etapa preliminar, de fazer a separação entre os oito elementos descritos no parágrafo anterior para permitir uma coleta de dados mais clara e facilitar a descrição das relações do Ecosistema Comunicacional. Embora as informações sejam coletadas como elementos separados, o objetivo não é utilizar as informações adquiridas de forma fragmentada, nem apresentar o papel de cada elemento separadamente, e sim explorar as interconexões, trocas, acoplamentos estruturais e transformações entre eles.

Por meio de informações adquiridas de relatórios técnicos de instituições, reportagens, documentos e livros, vou estabelecer as relações entre os elementos que compõe o Ecosistema Comunicacional da cobertura jornalística do portal UOL da morte do ministro do STF, Teori Zavascki. São dados que mostram quantas pessoas têm acesso à internet no Brasil, como funciona o sistema político no país e a relação dos três poderes, a importância dos personagens envolvidos como o próprio ministro, o interesse da população na Operação Lava-Jato, as possibilidades tecnológicas, a relevância do UOL e da Folha de São Paulo, entre outros fatores. Com essas informações, posso apontar como acontecem as relações, como, por exemplo a relevância conquistada pelo UOL como portal de notícias no país, assim como maiores investimentos publicitários em sites e portais de notícias. Ou como as possibilidades tecnológicas alteram o processo produtivo do jornalismo na internet.

Para expor o Panorama do Ecosistema Comunicacional, faço um texto descritivo explicando as relações entre os elementos. É uma construção textual baseada em informações ligadas ao caso específico da cobertura jornalística do portal UOL da morte do ministro do STF Teori Zavascki, seguindo a proposta da narrativa descritiva, e não de linguagem científica ou com conjuntas teóricas. Os dados dos elementos que envolvem a notícia na internet serão recolhidos dos livros que mostram os meandros da profissão de jornalismo, como Nelson Traquina, e a velocidade exigida pela sociedade, como Zygmunt Bauman. Também de documentos, relatórios e reportagens que apresentam a infraestrutura técnica das empresas de comunicação, quantidade de usuários na internet, funcionamento dos sistemas de políticos, juristas e pilotos de avião, as formas individuais de consumir informação e utilização da internet, comparação técnica do jornalismo com outros meios, história do UOL, a concorrência com outros sites e com outros meios de comunicação, e sobre a Operação Lava-Jato e a atuação do Teori Zavascki. São apenas exemplos do descrito, pois as informações foram adquiridas de acordo com o andamento do texto, quando do surgimento da necessidade.

b) *PROCESSO: Processo de circularidade da notícia*

A diferença entre os objetos e as estruturas vivas são os processos de autorreprodução que acontecem de maneira recorrente e possibilitam transformações internas nesses últimos. É o que na vida social gera os movimentos que fazem alterações nos valores culturais. Considero o processo do jornalismo como o fluxo de comunicação entre os elementos destacados no Panorama do Ecosistema Comunicacional. Entretanto, devido ao objeto do estudo ser a notícia na internet, vou delimitar o processo como o fluxo informacional dos meios de comunicação e participação dos homens-mídia em diferentes suportes, entre televisão, rádio, impresso e internet. Por quê? A notícia como produto do jornalismo é *resultado* da relação entre todos os elementos do Ecosistema Comunicacional, mas é *produzida* por sujeitos que cumprem o papel de informar: os jornalistas pela credibilidade com a percepção da participação dos homens-mídia. Por isso, farei uma separação de dois mundos que estão acoplados estruturalmente e estão em constante relação. O mundo social e o mundo das notícias, como mostrado na Fig. 4.

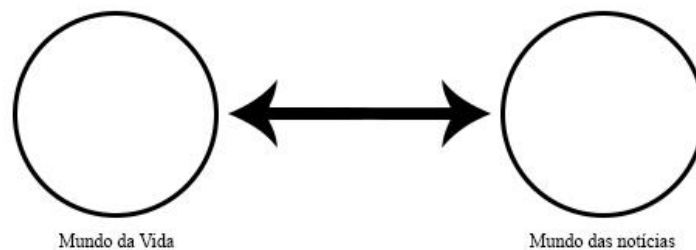


Figura 4. O acoplamento estrutural entre o mundo social e o mundo das notícias.

Vou desenvolver um diagrama para explicar as relações midiáticas no Ecosistema Comunicacional, com setas (para expor as ligações) e legendas (para mostrar a atuação dos meios na realidade) que explicam as interconexões dos meios de comunicação entre diferentes suportes. Serão observados a vinculação da notícia no UOL, Twitter e Facebook do UOL e de homens-mídia, sites concorrentes como o G1 e Folha.com (do mesmo grupo de mídia do UOL), edições do Jornal Nacional e Folha de São Paulo, áudios da CBN, momentos do Globonews, sites de menor repercussão e os sites que repassam conteúdo das mídias tradicionais, blogs com caráter jornalístico, sites de busca (Google), redes sociais menos jornalísticas (Instagram). As ligações entre os meios podem ser estabelecidas diretamente por meio de ‘hiperlinks’ ou da perspectiva ‘econômica’ ao fazerem parte do mesmo grupo empresarial, como a Folha e o UOL e o G1 e o Jornal Nacional. Sobre a atuação dos meios, vou dividir entre a sua disponibilidade

– como a possibilidade de acesso das informações a qualquer momento através de arquivo – e tempo – observando a velocidade de publicação da notícia no meio.

Também vou separar registros específicos dos meios de comunicação expostos no diagrama da morte do ministro do STF, Teori Zavascki, de modo a mostrar a atuação de cada um na circularidade da notícia na internet. São observados a notícia em rede do portal UOL (mas que está destacada em outra seção); as publicações do UOL no Twitter e Facebook, as postagens de homens-mídia no Twitter e Facebook; notícias publicadas no portal G1, para avaliar a concorrência direta; as edições impressas do jornal impresso Folha de São Paulo e reportagens do Jornal Nacional, da Globo para comparar com as mídias tradicionais; imagens de momentos de transmissão da Globonews, por ser um canal de televisão com 24h de notícias; e sites menores que utilizam o conteúdo do UOL e blogs com caráter jornalístico, para perceber essa características de concorrência na internet com sites com menos recursos.

c) *MATÉRIA: A notícia em rede*

Considero a notícia na internet como materialização dos processos jornalísticos ocorridos no Ecosistema Comunicacional. Na internet, a notícia está em constante construção, como é característica dos produtos online. Por isso, é uma materialização que preciso mostrar nas etapas de sua construção, separada por horários. É uma formação de várias páginas ligadas por meio de hiperlinks, mas que são conectadas pela base informacional: a morte do ministro do STF Teori Zavascki. Como recorte de pesquisa, registro as páginas divulgadas na parte principal da capa do UOL mostrada na Figura 5 capturadas nos horários de 8h, 14h, 18h e 22h, entre os dias 19 de janeiro e 24 de janeiro de 2017. Precisei fazer restrições do espaço de identificação das páginas para não se transformar em um mar de informações que são extras.



Figura 5. Parte principal onde estão as notícias que serão observadas e registradas. (Fonte: uol.com.br)

Com esses registros das páginas, serão mostrados dados quantitativos e especificidades da notícia na internet baseada em três características: hipertextualidade, multimídia e velocidade. No quantitativo, a hipertextualidade será registrada por tabelas que mostrem o número de páginas na capa somadas ao total em cada período, o número de páginas disponíveis na capa em cada período com gráfico para mostrar o ciclo de vida da notícia e o número de páginas de acordo com os links disponíveis. A multimídia será registrada pelo número de formatos (texto, foto, galeria de fotos, vídeo, áudio, infográfico e artes) nas páginas na capa do portal UOL. A velocidade será registrada pelo número de páginas que registraram atualizações e o número de páginas criadas no período. Nas especificidades, vou mostrar de que maneira são feitas as ligações entre as páginas e como funciona a utilização de sites parceiros para mostrar a hipertextualidade. Também vou mostrar como os formatos de conteúdo são usados nas páginas, a utilização de conteúdo feito por outras pessoas e o que cada formato permite, para multimídia, e como a informação é completada ou corrigida, diferenças entre o tempo do acontecimento e da primeira publicação.

3.3. Panorama do Ecosistema Comunicacional

A notícia na internet é resultado das relações que acontecem em recorrência em um Ecosistema Comunicacional, e neste caso é essa a compreensão. Diversos elementos interconectados e interdependentes envolvidos em acoplamentos estruturais fazem parte da cobertura jornalística da morte do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki, realizada pelo portal de notícias UOL. Abrange as perspectivas dos profissionais do jornalismo e as técnicas e conceitos utilizados por eles na atuação; as tecnologias e suportes disponíveis para realização das atividades de circularidade da notícia na internet; o jornalismo enquanto campo constituído que exige regras e técnicas próprias em diferentes suportes; a sociedade pós-moderna, com suas constituições políticas, sociais e culturais; os objetivos dos grupos sociais, como políticos, juristas, pilotos e investigadores, que são destacados após a morte do ministro; as individualidades das pessoas em suas formas de consumir informação e utilizar a internet; as exigências do mercado, entre relações de concorrências, relevância do UOL e dos grandes meios de comunicação e competição com homens-mídia; as características do ambiente político no país, como crise econômica e política, cultura do ódio, liberdade nas redes sociais, investigações da Operação Lava-Jato, entre outros fatores. O Ecosistema Comunicacional é permeado por relações de todos esses campos compostos por sujeitos em atuação, que estão

conectados por acoplamentos estruturais em relações contínuas que resultam na notícia na internet, em diferentes níveis.

As relações entre esses elementos acontecem em um ambiente urbano marcado pela presença das tecnologias e uso constante dos dispositivos de comunicação. Como diz Muniz Sodré, as pessoas vivem pelas mídias, como um *ethos* midiaticado. André Lemos fala inclusive da cibercultura como a cultura principal da vida urbana, destacando que a presença das tecnologias é imprescindível para as relações humanas. Se utilizarmos a concepção de Marshall McLuhan dos dispositivos tecnológicos como extensões dos homens, podemos concluir que usar tecnologia para se comunicar está na natureza das pessoas. Faz parte da corporalidade das relações. Em um contexto onde estão presentes smartphones permitindo conexão o tempo inteiro, internet e suas possibilidades tecnológicas, computadores de última geração, notebooks, tablets, relógios inteligentes e internet das coisas, *o ambiente é tecnológico* pois faz parte da natureza onde os elementos estão interconectados e acontecem as relações. O Ecosistema Comunicacional exige que olhemos para o ambiente como contexto e elemento físico. O da notícia na internet é, além da natureza, marcado pelos usos dos dispositivos. O UOL consegue transmitir notícias instantâneas, também pelas exigências da sociedade e do mercado, assim como o ambiente político, que precisa estar atento à velocidade pós-moderna.

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki, morreu no dia 19 de janeiro de 2017 em um acidente de avião em Paraty, litoral do Rio de Janeiro, aos 68 anos de idade. Zavascki, ministro do Supremo desde 2012, era o relator da Operação Lava-Jato no STF, responsável pelos investigados com foro privilegiado envolvidos nos julgamentos. A aeronave transportava cinco pessoas: Carlos Alberto Fernandes Filgueiras, 69, dono do avião e do hotel Emiliano, do piloto Osmar Rodrigues, 53, a professora Maria Hilda Panas Helatzuk, 55, e sua filha, estudante de fisioterapia, Maíra Panas, 23. Segundo a Força Aérea Brasileira, o avião saiu do Campo de Marte, em São Paulo, às 13h (horário de Brasília), e caiu no mar por volta das 13h30, momento em que chovia forte na região. A investigação preliminar da Aeronáutica aponta que o mau tempo provocou a queda. Após a morte, os meios de comunicação começaram a cobertura jornalística e o ambiente político iniciou um processo de substituição de Teori Zavascki no STF e da escolha de um novo relator para o julgamento da Operação Lava-Jato. As informações foram recolhidas da cobertura do portal UOL.

Teori Zavascki se transformou em um personagem relevante na sociedade brasileira principalmente pelo papel de relator na Operação Lava-Jato. A função de relator é importante para continuidade do caso, pois, segundo o glossário do STF, “[O voto e relatório] serão

utilizados para orientar os demais magistrados do tribunal no julgamento da controvérsia em exame”. Ou seja, seu voto no julgamento poderia indicar o caminho de condenação ou absolvição dos réus. A importância de Teori também foi ressaltada por outros personagens da comunidade jurídica do país. Sérgio Moro, juiz de 1ª instância da Operação Lava-Jato, disse em pronunciamento na internet, no dia 19 de janeiro, data da morte do ministro, que “sem ele, não teria havido a Operação Lava-Jato”. Moro considerava Teori como um grande magistrado e herói brasileiro pela serenidade, seriedade e firmeza na aplicação da lei, independente dos interesses. Rodrigo Janot, procurador-geral da República, também publicou nota de pesar e disse: “É inegável e inquestionável a grande contribuição que o ministro Teori Zavascki deu ao Estado Democrático de Direito Brasileiro a partir de sua atuação como magistrado”. Os jornalistas viram na relevância do personagem um valor/notícia – somado ao fator de ser uma tragédia e à repercussão das pessoas nas redes sociais –, suficiente para uma ampla cobertura jornalística que envolvesse a criação de vários conteúdos pela capacidade de mercado.

A substituição de Teori Zavascki no STF também se mostrou um desafio, e por isso a contribuição social do jornalismo no portal UOL no destaque ao tema. Segundo o Art. 101 da Constituição Federal, “os Ministros do Supremo Tribunal Federal serão nomeados pelo Presidente da República, depois de aprovada a escolha pela maioria absoluta do Senado Federal”. Ou seja, um dos investigados pela Operação Lava-Jato escolhe, no caso do presidente Michel Temer, ou ajudam a escolher, no caso dos senadores, um dos juízes que futuramente podem os julgar. Fernanda Valente, na Carta Capital, explica que esse modelo é criticado justamente pela necessária proximidade com presidentes. “O atual método é criticado por deixar suscetível que um ministro com boa articulação política no governo assuma o cargo, em detrimento de outro candidato mais apto, ou com maiores conhecimentos jurídicos”. O risco maior era a possibilidade de um recém-empossado ministro do STF, escolhido por Michel Temer, assumir a relatoria da Operação Lava-Jato, pois, segundo o regimento interno do STF, no Art. 38, em caso de aposentadoria, renúncia ou morte do relator, a vaga será preenchida pelo ministro nomeado para a vaga aberta. Rapidamente, o UOL participou da cobertura jornalística que fez esse alerta e aumentou a pressão da sociedade. Por isso, o presidente, dois dias depois, disse que a escolha do sucessor de Teori Zavascki no STF seria feita depois da escolha da relatoria da Operação Lava-Jato pelos membros do Supremo.

Como disse, o julgamento do qual Teori Zavascki era relator é de extrema relevância no país. A Operação Lava-Jato, realizada por Ministério Público Federal do Paraná (MPF/PR), Polícia Federal, grupo de trabalho da Procuradoria-Geral da República, e força-tarefa no

Superior Tribunal de Justiça, ficou conhecida pelos brasileiros pela investigação de políticos e prisão de empresários de grandes empreiteiras brasileiras. Segundo o site do MPF, “A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve”, pela quantidade de recursos desviados da Petrobras. O órgão explica o que a operação investiga: “Nesse esquema, que dura pelo menos dez anos, grandes empreiteiras organizadas em cartel pagavam propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos. O valor da propina variava de 1% a 5% do montante total de contratos bilionários superfaturados. Esse suborno era distribuído por meio de operadores financeiros do esquema, incluindo doleiros investigados na primeira etapa”. São investigados empreiteiras, funcionários da Petrobrás, operadores financeiros e agentes políticos. As pessoas querem se informar pela preocupação que têm com a continuidade da investigação. A relevância da Operação Lava-Jato é pelo combate ao maior esquema de corrupção de um país em 79º no ranking do Índice de Percepção da Corrupção da Transparência Internacional e 4º no ranking de países corruptos do Fórum Econômico Mundial, o que faz da corrupção um dos problemas que mais chamam a atenção da população. Esses números mostram como a corrupção é um problema endêmico no país e como a população percebe e considera o roubo dos cofres públicos um dos mais graves crimes.

Pela relevância do personagem envolvido e importância da Operação Lava-Jato, os meios de comunicação fizeram uma cobertura extensa da morte de Teori Zavascki, entre horas de transmissão e espaço utilizado. Discorro como foi a cobertura jornalística dos meios de comunicação na subseção 3.4 deste capítulo, ao expor o processo de circularidade da notícia na internet. No recorte de seis dias, entre 19 e 24 de janeiro de 2017, o jornalismo teve como foco a morte do ministro. O portal UOL publicou quase 100 páginas de notícias sobre o assunto nos seis dias. A Globo News, emissora de 24 horas de notícias, fez uma ampla cobertura durante os dias, com informações e análises, mesmo que em alguns momentos variasse para outras informações. Na Globo, além do Plantão da Globo que interrompe a programação, o Jornal Nacional veiculou 38 reportagens sobre o acidente. A Folha de São Paulo publicou um caderno especial sobre a morte do ministro no dia seguinte, e continuou com a publicação de 23 notícias nos quatro dias depois do dia 20. Portais concorrentes do UOL, participação no Twitter e no Facebook, distribuição de links em redes sociais como o Instagram e sites de buscas como o Google, conversas no Whatsapp, sites de menor estrutura, blogs e os sites das instituições também participam do fluxo de notícias da morte do ministro. O Ecossistema Comunicacional é formado por uma diversidade de suportes para distribuição de notícias que atuam para realizar o movimento das informações jornalísticas pelo ambiente. Em relação ao UOL, mesmo que

fora da internet, todos esses elementos são concorrentes do portal no mercado, o que exige uma cobertura ampla, informativa e interessante de acordo com a demanda dos sujeitos.

Informações sobre a morte do ministro Teori Zavaski e a repercussão social e política podem estar em diversos suportes com conteúdo de vários meios de comunicação, que atuam interligados, entre ligações de mercado – como a presença da Globo em todos os dispositivos e o comando do Grupo Folha na Folha de São Paulo e no UOL – e no ecossistema midiático brasileiro. Canavilhas (2010) diz que as mídias convivem em um ambiente onde objetivam o equilíbrio, embora atuem em constante estado de desequilíbrio. Dominique Wolton também destaca esse ambiente midiático como uma distribuição de papéis entre diferentes suportes, inclusive relevando a “revolução” da internet, como se fosse uma melhoria nas transmissões de informações. Pelo pensamento dele, o UOL não significa uma cobertura melhor, mas um jeito próprio de noticiar. Na subseção 3.4, falo do processo de circularidade da notícia na internet como a convivência entre os diferentes suportes capazes de participar do fluxo de informações sobre a morte do ministro Teori Zavascki. Aqui, um resumo desses elementos: portal UOL, portais de notícias concorrentes, Facebook, Twitter, outras redes sociais, site do STF, blogs, whatsapp, painéis físicos, sites com menor estrutura, televisão, televisão à cabo, rádio, jornal impressos e sites de mídias tradicionais. Cada elemento do processo de circularidade atua de acordo com suas características técnicas, tecnológicas, econômicas e sociais. Do portal UOL, exige-se uma notícia com as características do webjornalismo, utilizando as possibilidades de disponibilização prática que a internet permite, podendo veicular rapidamente a notícia e com baixo custo que é próprio de produtos online e sabendo como será a reação das pessoas em relação à leitura hipertextual e velocidade para buscar informações.

De todos esses elementos, as informações são determinadas pelas características políticas das normas da nação e pelos interesses da população brasileira. E a morte de Teori Zavascki envolveu também temas que se sobrepõem à tragédia aérea que vitimou um personagem importante nas instituições. Para explicar os assuntos noticiados dentro da ampla notícia da morte de Teori Zavascki, separei em nove categorias-chave, que, especificamente para o portal UOL, serão retomadas na subseção 3.5 desse capítulo. As classificações são: confirmação da morte do ministro Teori Zavascki; detalhes sobre o acidente e buscas; as investigações sobre a causa do acidente e porque envolve um juiz importante; as vítimas além do ministro, ou seja, detalhes das pessoas que estavam com ele; a causa da morte do ministro; as buscas pela gravação que ajuda na investigação da queda; sucessão da vaga de Teori Zavascki no Supremo Tribunal Federal; sucessão como relator do julgamento da Operação Lava-Jato;

delação de executivos da Odebrecht que precisam ser homologadas pelo relator da Operação Lava-Jato. São nove categorias que envolvem as demandas por informações dos homens-mídia e os valores/notícia para distribuição da informação e é o que faz com que as notícias alcancem quase 100 páginas destacadas na parte principal da capa do portal UOL, como visto na subseção 3.5. Os temas são formados de acordo com os elementos do Ecosistema Comunicacional.

Dentro do processo de circularidade, o UOL compete com outros portais de notícias (sites jornalísticos com maior estrutura econômica). O mercado desses sites no Brasil, em relação ao número de acessos apontados pelo site de estatísticas Alexa, tem a forte presença de sites comandados por grupos de jornalismo fortes economicamente e relevantes no Ecosistema Comunicacional, como o UOL (Folha de São Paulo), o G1 (Globo) e R7 (Record), além dos próprios sites, como Estadão, Globo e Folha e portais comandados por empresas de comunicação, como Terra (Telefônica), IG (Brasil Telecom), MSN (Microsoft) e Yahoo. As forças sociais, políticas e econômicas desses grupos permitem investimentos maiores no meio online, entre maior número de jornalismo e inovação de ferramentas. Desconsiderando a capacidade jornalística (profissional) de sites como o Google, Facebook e Twitter. A presença cada vez maior dos brasileiros na internet e uso de smartphones (conexão móvel) aumenta a demanda por notícias na internet e ajuda a emergência e estabilidade de portais na internet, assim como os custos menores para manutenção e o maior investimento publicitário em sites, embora também permita condições melhores aos homens-mídia.

Entre essas permissões a maiores participações, estão Facebook e Twitter, destacados aqui principalmente pelas capacidades jornalísticas e número de usuários. As redes sociais são um espaço para convivência entre todos os elementos do Ecosistema Comunicacional de maneira igualitária, pois não são necessários muitos recursos para ter uma presença ativa. E a percepção desses sites na notícia na internet é muito importante no Brasil. Dados da agência eMarketer apontam que o Brasil tem 93,2 milhões de usuários ativos nas redes sociais, o que significa acessar alguma rede social pelo menos uma vez por mês. Essa presença altera as formas de consumo do jornalismo. Segundo estudo português da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), que analisou 11 países, incluindo o Brasil, 56% das pessoas utilizam as redes sociais para se informar. Essa realidade prejudica o UOL, como alerta Vitor Hugo dos Santos Anastácio, do Observatório da Imprensa. “A noção de ‘portal’ tem perdido cada vez mais a sua principal funcionalidade na Web 2.0.”. Nas redes sociais, os homens-mídia podem produzir informações próprias e participar do fluxo de notícias. Além de contribuir no

compartilhamento, compondo uma teia informativa, como afirma Raquel Recuero, ao dizer que, nas redes sociais, cada nó serve como canal para trânsito das informações.

Mas, além da estrutura econômica e tecnológica dos portais, a formação como grandes empresas e relevância dos portais de notícias no Brasil colocaram o jornalismo em destaque. E, pelo pioneirismo e importância do grupo empresarial, o UOL se consolidou como um dos portais de notícias mais relevantes do Brasil. Segundo o site próprio com a história do portal, o UOL foi lançado em abril de 1996, dois anos depois do AOL, nos Estados Unidos. O que representa um lançamento como um dos primeiros empreendimentos da internet no mundo. Uma das ‘22 Consagradas Leis do Marketing’, do livro de Al Ries e Jack Trout, é chegar primeiro no mercado. “Sempre é melhor ser o primeiro no mercado do que esperar para fazer o lançamento de um produto melhor”. Durante os mais de 20 anos de existência, o UOL foi pioneiro em serviços jornalísticos na internet, como cobertura em tempo real de eventos, maior espaço para participação das pessoas e estabelecimento de parcerias jornalísticas com outros sites. Pela ligação econômica com a Folha de São Paulo, para a cobertura da morte de Teori Zavascki, o portal utiliza informações do terceiro maior jornal do país (pela circulação) e um dos mais importantes, que investe em jornalismo de relevância, com profissionais respeitados pelos personagens influentes no Brasil. Com as notícias da Folha de São Paulo, o UOL absorve uma percepção de jornalismo sério e confiável.

O portal UOL está inserido em um contexto midiático no qual a informação jornalística é transmitida praticamente em tempo real. Essa é a realidade da sociedade pós-moderna, onde a internet adquire um papel central no Ecosistema Comunicacional e a instantaneidade é a característica das relações. Destaco três pensadores: Zygmunt Bauman chama essa época de modernidade líquida, pelas possibilidades de instantâneas mudanças e flexibilidade dos valores. Gilles Lipovetsky caracteriza a leveza das relações na sociedade e considera a pós-modernidade como hipermodernidade, de inconstâncias nas constituições da sociedade e de significados culturais, sociais e políticos efêmeros. Paul Virilio fala da pressa nas construções e nas destruições da sociedade e desenvolve o termo dromologia, como estudo dos efeitos da velocidade na sociedade. É um período do imediatismo, que atinge o jornalismo. Nelson Traquina diz que o jornalista condiciona seu trabalho pelo tempo, entre velocidade e periodicidade. A notícia é um produto perecível. A organização jornalística requer um ciclo temporal. Para Muniz Sodré, a notícia tem um ciclo de duração de acordo com o valor do acontecimento. A internet obriga o UOL a produzir notícias pela instantaneidade. Com diz Edson Dalmonete, a dimensão temporal do jornalismo na internet é a promessa de oferta de

notícias em tempo real. Além do instantâneo, Anelise Rublescki destaca que o tempo do jornalismo agora é pela atualização contínua das informações com adição de páginas.

O Brasil é um dos países caracterizados pela instantaneidade devido ao ambiente tecnológico do Ecosistema Comunicacional. Vivemos em uma sociedade cada vez mais presente na internet, pelo computador ou pelos smartphones. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 54% dos brasileiros usam a internet, o que representa 95,4 milhões de pessoas. Pela primeira vez, mais da metade da população. E a maioria das pessoas no país acessa a internet pelo celular: 92,1% dos domicílios brasileiros acessaram a internet pelo telefone, contra 70,1% das casas que usam computador ou notebook. É internet com mobilidade, dando acesso em tempo real à internet. Com o crescimento do público potencial, aumenta o alcance do portal UOL. Entretanto, a competição ainda é favorável às redes televisivas. A televisão ainda é o meio de comunicação de maior alcance no Brasil. O IBGE aponta que mais de 97% dos domicílios brasileiros possui pelo menos um televisor, com registros de crescimento nos últimos anos. A entidade ERC aponta que, entre 11 países – incluindo o Brasil –, 93% usam a televisão para se informar. O hábito do brasileiro ainda é se informar pela televisão, embora esteja cada vez mais presente na internet.

3.4. Processo de circularidade da notícia

Uma diversidade de meios de comunicação atua para o fluxo da informação jornalística, o que mantém os movimentos no Ecosistema Comunicacional da notícia na internet. São empresas jornalísticas que cobrem a morte do ministro Teori Zavascki e permite a notícia presente em todos os suportes, e permeados por possibilidades tecnológicas e suportes que viabilizam participação ativa dos homens-mídia. Entre esses elementos, acontece a produção de notícia e o fluxo de informação no qual a notícia circula, não de maneira cíclica, e sim desordenada, caótica, que chamo de processo de circularidade. Convivem portais de notícias (UOL, G1), que fazem parte de grandes grupos empresariais (Folha, Globo) e que possuem também participação nas mídias tradicionais (CBN, Globonews, Folha de São Paulo) – esses tradicionais têm sites próprios para divulgar o conteúdo-, outros portais ligados a grandes empresas, mas sem serem jornalísticas (Terra, IG), sites institucionais que publicam releases (STF), sites menores e mais simples, comandados individualmente e que usam informações disponíveis de outros meios de comunicação, blogs jornalísticos, redes sociais (Facebook e Twitter), onde todos esses elementos estão presentes, outras redes sociais (Instagram), sites de busca (Google), aplicativos de conversa (Whatsapp), aplicativos

jornalísticos (Folha, UOL) e painéis para transmissão de notícias. Desses suportes, selecionei algumas empresas para separar os exemplos e representar as possibilidades de transmissão.

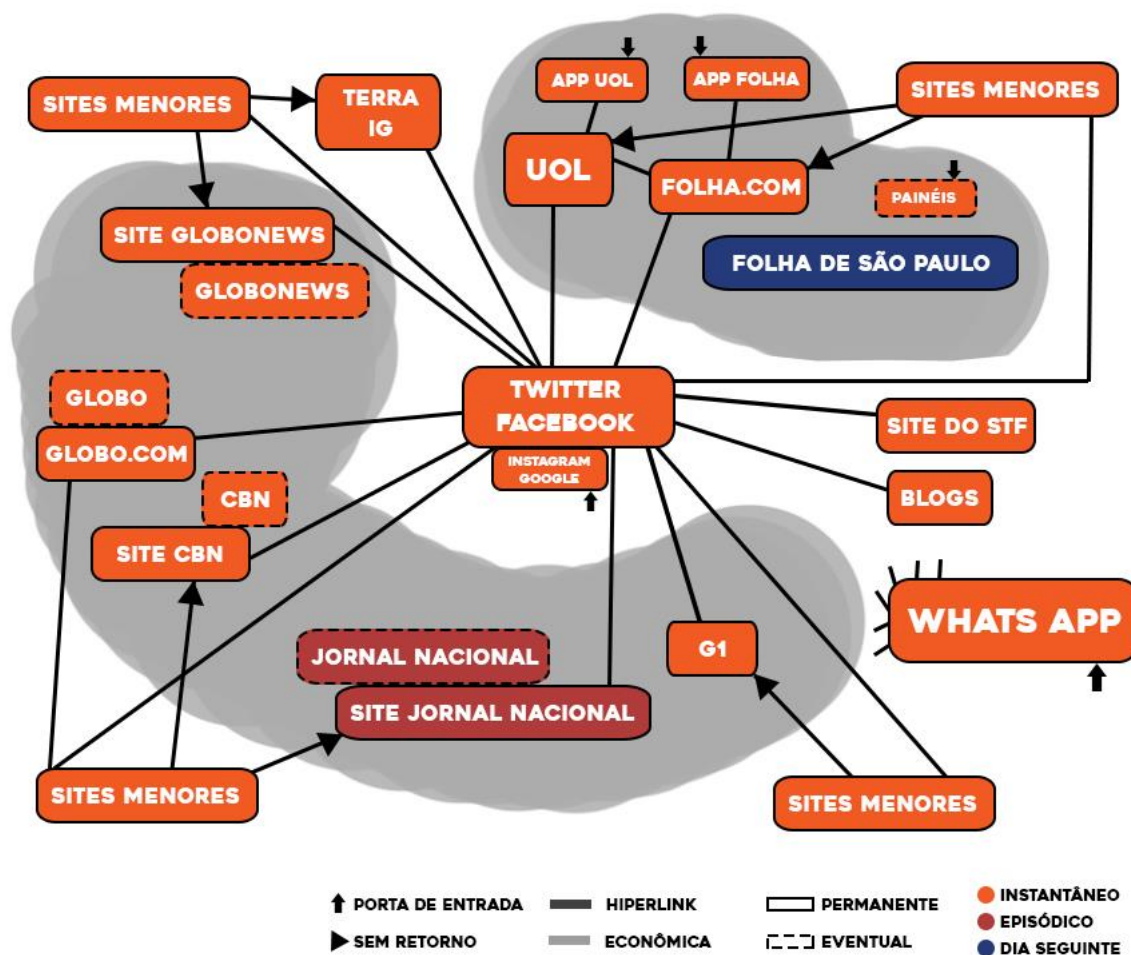


Figura 6. Processo de circularidade da cobertura da morte de Teori Zavascki.

A predominância do laranja no diagrama mostra a presença maior de suportes que dispõem a notícia de maneira instantânea, o que colabora para compreender a circularidade como um processo veloz, instantâneo e ainda permanente (nesse último, considerando como a televisão e rádio, que são eventuais, disponibilizam o conteúdo na internet). O ciberespaço torna-se o ambiente primordial do processo de circularidade. As reportagens produzidas com características da televisão, rádio e impresso também têm espaço na internet, nos sites próprios deles, e dividem os cliques com páginas criadas para a internet. Grandes grupos, entre meios de comunicação e outras empresas, comandam os portais de notícias, como percebido na ‘mancha’ cinza escuro. Identifico também o que chamo de ‘portas de entrada’: sites, redes sociais e aplicativos que disponibilizam informações, mas não possuem características de jornalismo ou não são conhecidos pela publicação de notícias, e, por isso, servem de incentivo para busca de notícias nos outros elementos. Entre eles, está o Instagram (aplicativo de fotos), Google (site

de buscas) e Whatsapp (aplicativo de trocas de mensagens). A maioria dos elementos que utilizam hiperlinks fazem ligação entre si, criando um grande hipertexto além das barreiras do site próprio, sendo apenas os sites menores ligando aos portais, que não os conectam de volta.

A televisão é um meio tradicional, mas as novas relações do mercado fazem com que apresente diferentes possibilidades, entre emissoras da televisão aberta ou à cabo. No diagrama, mostro três atuações da televisão no processo de circularidade: as edições de telejornais dentro da grade de programação dos canais generalistas, possibilidades de quebra da programação para mostrar acontecimentos em tempo real e as emissoras especializadas na cobertura de notícias. Como televisão, a característica em comum é a eventualidade, mas elas têm atuações diferentes no processo. A emissora de jornalismo 24 horas Globonews consegue informar rápido (velocidade) e manter o assunto em discussão em vários momentos do dia (permanência), como visto na Figura 7. Logo após o descobrimento da morte do ministro, no dia 19 de janeiro de 2017, às 17h29 (horário de Manaus), a jornalista fala as informações em um link ao vivo. No mesmo dia, às 23h, o assunto ainda é pauta dos programas. O assunto perdura pela programação em outros horários, como nos dias 20 e 21 de janeiro, indo até às 22h. É uma permanência da notícia, embora entremeada por intervalos comerciais e outros assuntos (a eventualidade da televisão, visto na Figura 8, que vou comentar abaixo), e diferente da internet por ter uma narrativa linear, controlada pelos jornalistas.

Na Rede Globo, um canal aberto, as possibilidades são a quebra da grade de programação, como no ‘Plantão da Globo’, que interrompe programas no ar para reportar notícias de mega acontecimentos, como a morte do ministro Teori Zavascki, ou o telejornal ‘Jornal Nacional’, com reportagens produzidas para oferecer produtos para demanda de informações. Pelo site do Jornal Nacional, é possível compreender a cobertura deles da tragédia. No recorte dos seis dias, entre 19 e 24 de janeiro, foram diversas reportagens para noticiar e ampliar o assunto. Das 97 matérias do Jornal Nacional no período – excluindo domingo, que não tem edição do telejornal –, 38 foram sobre a morte de Teori Zavascki. Foram 16 no primeiro dia, com informações sobre o acidente, carreira jurídica, importância da operação, repercussão em personalidades, cobertura da mídia internacional e informações técnicas sobre a queda do avião, 13 no segundo dia, com informações do sepultamento, investigações do acidente, outras vítimas e reportagens mais produzidas, como ‘Globocop refaz trajeto do avião na chegada ao aeroporto de Paraty’, 4 no terceiro dia, com enterro de Teori e outras vítimas e ‘Aeronáutica desiste de retirar avião que caiu em Paraty da água’, 3 no quinto dia, falando do decreto de sigilo na investigação, enterro de mais vítimas e reunião da presidente do STF com equipe de

Teori Zavascki, e 2 no sexto dia, ‘Gravações não revelam anormalidade’ e ‘Cármen Lúcia autoriza retomar trabalho de delações’. Como edição de programa na televisão aberta, o Jornal Nacional produz notícias fechadas em um produto audiovisual definido e apresentado aos telespectadores de maneira linear em um horário definido na grade de programação. A participação principal dos telespectadores é pela audiência, o que torna a televisão como o meio mais ‘acessado’ e relevante na sociedade brasileira.



Figura 7. As possibilidades da televisão, entre à cabo, aberta e flexível.



Figura 8. A eventualidade da televisão à cabo, mesmo em canais de notícias.

Outro meio tradicional no processo de circularidade é o jornal impresso, com características singulares de atuação, pois é o único disponível apenas no dia seguinte, além de, assim como a televisão, ter espaço limitado, e, pelo menor alcance, reproduzir as informações reduzidas a sínteses e análises. Na Folha de São Paulo, o jornal, para conseguir ampliar as informações, aumentou o espaço e noticiou a morte de Teori Zavascki com um caderno especial no dia 20 de janeiro de 2017 (no dia seguinte ao acidente), publicando 18 reportagens sobre o assunto. As notícias falam do acidente, investigação, outras vítimas, possíveis mudanças da Lava Jato, resposta das pessoas sobre teorias da conspiração, falas de personagens, perfil de Teori Zavascki e análises, além de informação dos bastidores da política na coluna Painel e colunistas repercutindo o assunto. No dia seguinte, a Folha de São Paulo não disponibilizou um caderno especial, mas continuou a cobertura, com 11 matérias, além dos colunistas, mostrando discussões sobre a sucessão de Teori Zavascki, repercussão entre políticos e com instituições internacionais, velório, investigações, outras vítimas, ‘Filho de Teori diz que recebia ameaças pelo telefone’ e uma análise sobre as regras de transição entre ministros. Nas edições dos dias 22, 23 e 24, foram 23 notícias publicadas (11, 7 e 5, respectivamente) sobre a morte do ministro, tratando sobre repercussões na Operação Lava Jato, sepultamento, perfil de Teori Zavascki, sucessão no STF, outras vítimas, investigação e análises. Apesar do espaço limitado, a cobertura da Folha de São Paulo é ampla, repercutindo os mesmos assuntos percebidos em outros meios, como informações sobre o acidente, a repercussão da Lava Jato e as investigações, disponibilizadas em um produto fechado, embora sem exigir uma leitura linear, e permanente, mas com informações do dia anterior.

As características da velocidade e permanência dão vantagens à internet, mas a verba publicitária ainda é predominante dos meios tradicionais, que investem mais em jornalismo. Por isso, é possível ver as reportagens produzidas para televisão e impresso, como a Folha de São Paulo e Jornal Nacional, disponibilizadas no UOL e no G1, além dos sites próprios. Os meios tradicionais ainda possuem maior relevância no processo de circularidade. No dia 20 de janeiro, a UOL divulgou na capa, pela manhã, as matérias ‘STF avalia que morte de Teori atinge operação ‘no coração’ e prevê atrasos’, ‘Odebrecht teme que morte de Teori atrase delações’, ‘Teori conheceu dono do avião em 2012’, ‘Opinião: Caso exige investigação rápida’ e ‘Raquel Landim: Lava Jato sob risco’, publicados no jornal impresso. Nos outros dias, o UOL também divulgou matérias publicadas antes na Folha de São Paulo: ‘Morte ameaça ação sobre drogas’, ‘Regras de transição de ministros no Supremo precisam ser seguidas’ (21/1), ‘Barros: estratégias terão que ser revistas’, ‘Temer quer substituto com perfil técnico’, ‘Morte atrasa delações e investigação sobre Temer’, ‘Elio Gaspari: Caso Teori não é teoria da conspiração, é dúvida’. ‘Delatores esperam homologação em 2 meses’, ‘”Subitamente, nos demos conta de como precisávamos de Teori”’ (22/1), ‘Análise: Teori deu força à Lava Jato’, ‘Temer busca nome com perfil técnico para lugar de Teori no STF’ e ‘Gabinete acumula 7.574 processos’ (23/1). Ao disponibilizar 16 reportagens da Folha de São Paulo, o UOL oferece um conteúdo feito como análise e síntese, características do meio impresso, e feita com a relevância do jornal na sociedade, o que permite informações únicas, além de ampliar a demanda por informações sobre o caso, oferecendo diversos links que complementam outros links na capa.

The image shows a screenshot of the UOL website interface. At the top, there's a navigation bar with 'UOL MAIL' and search options. Below that, a banner for 'Lava Jato sem Teori' is visible. The main content area features several news articles. The largest article is titled 'STF avalia que morte de Teori atinge operação 'no coração' e prevê atrasos'. To its left, there's a smaller article 'Odebrecht teme que morte de Teori atrase delações'. Other articles include 'Casa Bianca sob novo comando', 'Trump se torna nesta sexta o 45º presidente dos EUA', 'Acidente aéreo matou ministro do STF', '7º dia de rebelião em Alcazoz', 'Morte de Teori', 'Multa no FORTS', 'Saque de conta inativa começa a ser liberado em março, diz ministro', 'Begringaria online', 'Na GloboNews', 'Na China', and 'No país, no quê?'. On the left side, there's a 'PAINEL' section with 'Compasso de espera' and 'Odebrecht teme atraso na homologação de delação'. The page also includes a weather widget for Manaus, AM, and various social media and utility icons.

Figura 9. Reportagens publicadas na Folha de São Paulo em destaque no UOL.



MPF denuncia sócio de Adriana Ancelmo por obstrução à Justiça

Jornal Hoje teve acesso às informações com exclusividade. Dono do Manekineko ajudou MPF a descobrir esquema; rede de comida japonesa era usada para lavar dinheiro, segundo delator.

Figura 10. G1 publica notícia produzida por telejornal da Rede Globo.

Durante o desenho do diagrama do processo de circularidade da notícia na internet, percebi a centralidade do Facebook e Twitter nas relações, pela presença de todos os elementos, dos meios de comunicação (tradicionais e contemporâneos) aos homens-mídia, que participam comentando e também informando. Digo Facebook e Twitter, e não redes sociais, pois destaco estes dois pelas características jornalísticas, presença maior dos meios de comunicação e maior número de usuários. Outras redes sociais, como Instagram, são considerados apenas como ‘portas de entrada’ para o processo. As pessoas podem iniciar o processo de se informar por sites como esse – e podem até não ultrapassar disso -, mas eles não possuem um ambiente jornalístico. Facebook e Twitter são espaços livres e propiciam participação de todos os elementos da circularidade que atuam de diferentes maneiras, como compartilhar links dos portais, sites menores e sites dos meios de comunicação tradicional, informar, comentar o visto fora da internet, criticar as notícias e detalhes da cobertura, fazer piada e publicar vídeos. O UOL atuou no Twitter na cobertura compartilhando 109 links de páginas do portal, pela sua capacidade de mercado para criação desse número de páginas, embora compita em igualdade com todos os outros participantes nesse espaço. Entretanto, os homens-mídia, portais e sites menores têm o mesmo valor, visibilidade e espaço, desconsiderando o número de seguidores. Separei *tweets* para representar o espaço possibilitado pelas redes sociais pela facilidade do Twitter de acesso ao arquivo, mas a percepção é a mesma para o Facebook.



Figura 11. Facebook e Twitter são espaços livres para atuação de todos.

Com a participação de todos, Facebook e Twitter também têm a característica de permitir a circulação pelo ‘boca-a-boca’. Mas destaco um suporte primordial para essa atuação: os aplicativos de mensagens instantâneas, representados no diagrama pelo ‘Whatsapp’ (o mais utilizado no Brasil). Nele, o acontecimento é comentado e as páginas dos sites são ligadas durante as conversas entre pessoas ou em grupos. Por ter características de trocas de mensagens e não suporte para notícias, considero o Whatsapp também como porta de entrada. Não possuo registro do Whatsapp com conversas sobre a morte do ministro Teori Zavascki, mas devo considerar, até por experiência própria, que as pessoas conversam pelo aplicativo, comentam as notícias, utilizando informações de outros elementos do processo, dizendo o que viram na televisão, ouviram no rádio e leram nos jornais, mas também utilizando links dos portais, blogs e sites menores, e compartilhando imagens ou montagens humorísticas sobre o acontecimento, que permitem às pessoas descobrir o acontecimento, incentivando a busca por notícias produzidas nos elementos mais jornalísticos do processo de circularidade.

Especificamente sobre sites menores e blogs. São estruturas reduzidas em comparação com portais como UOL, G1, Terra e iG, que atuam também como a participação dos homens-mídia. Mas faço diferenciação nas nomenclaturas: blogs são geralmente criados para participar do processo de circularidade com jornalismo independente, com informações próprias buscando credibilidade. Sites menores são canais de informação que misturam a opinião dos criadores e informações retiradas das mídias tradicionais. Por uma busca no Google, é possível

encontrar diversos sites pequenos que usam informações do UOL e da Folha, inclusive com trechos do texto, principalmente das informações mais técnicas e urgentes sobre o acidente. Entre os sites que localizei, estão ‘Portal do Amazonas’, ‘Bocão News’, ‘Mossoró Hoje’, ‘Mídia News’, ‘Blog do Gordinho’, ‘Agência da Notícia’, ‘Capixabão Notícias’, ‘Potiguar Notícias’, ‘Blog do Tidi’, ‘Longah’, ‘Cada Minuto’, ‘Portal AZ’, ‘Rodrigo Vereno Garcia’, ‘Colônia Leopoldina’, ‘Resenha Web’, ‘Jornal Pequeno’, ‘Montedo’, ‘Wscorn’, ‘Conceição PB Online’ e ‘VVale’, todos usando e indicando o UOL como fonte de informação com notícias sobre a morte do ministro, informações sobre o acidente, vítimas, teorias da conspiração, repercussão em personalidades e investigação sobre o acidente. Considero blogs (sem ligação com portais) também como sites com estruturas reduzidas, mas, diferente dos sites menores, produzem conteúdo próprio, e competem com os portais. Cito quatro: ‘Rodrigo Constantino’, ‘Senso Incomum’, ‘Blog da Cidadania’ e ‘Diário Centro do Mundo’ e que publicaram textos como ‘Morre ministro do STF relator da Lava Jato: Teori (sic) da conspiração’, ‘Ives Gandra Filho, um ministro para os brasileiros’, ‘Quem matou Teori Zavascki...’ e ‘De PC Farias a Teori: quando as teorias conspiratórias são mais fortes que os fatos’, respectivamente. São perspectivas diferentes no processo de circularidade, mais analíticas e opinativas, e menos informativas e objetivas. Os blogs e sites menores podem ser criados e retirados do ar a qualquer momento e competem por cliques com os portais, embora com menos potencial econômico, e também atuam no espaço livre das redes sociais, inclusive podendo ter maior alcance que os grandes sites dos meios de comunicação.

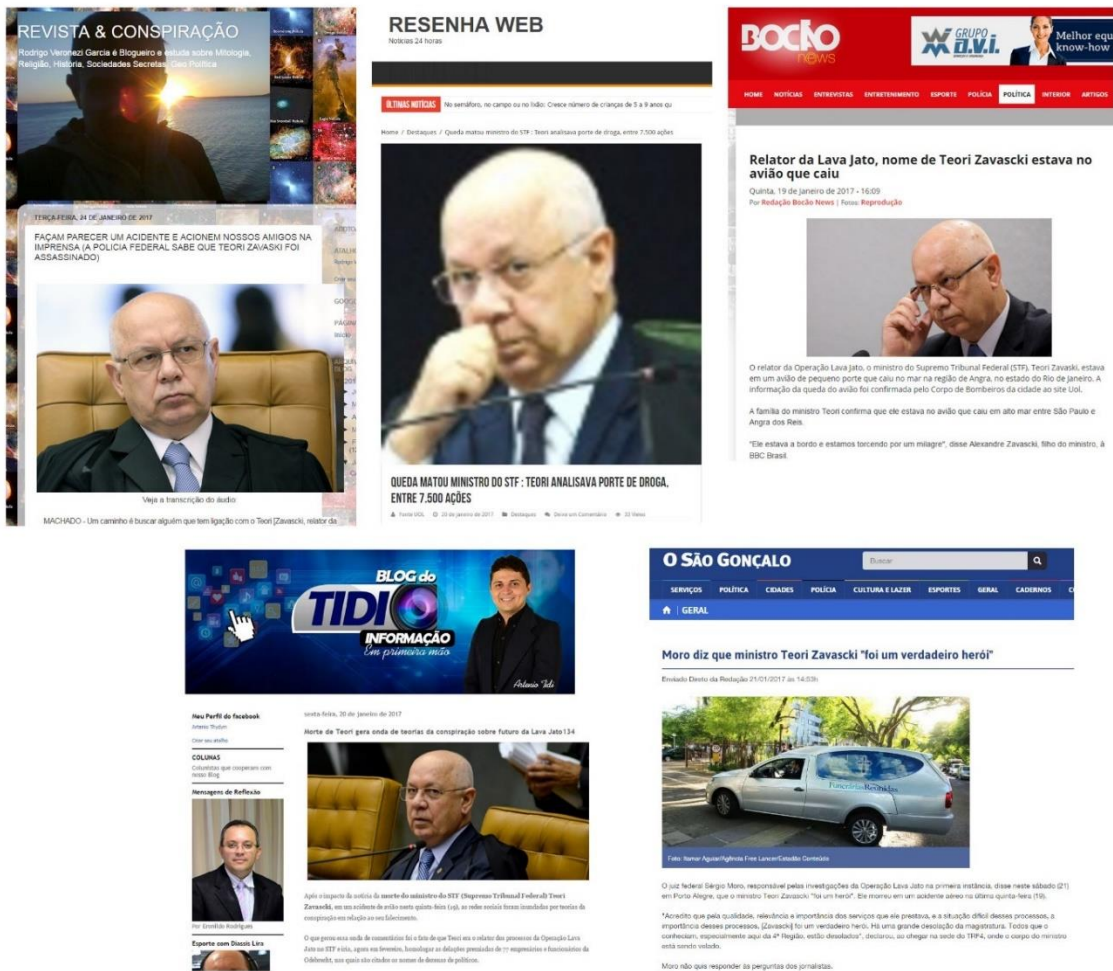


Figura 12. Sites menores com informações do UOL.



Figura 13. Blogs com conteúdo próprio repercutem morte de Teori Zavascki.

Além dos blogs e sites menores, as facilidades de custos e técnicas da internet também permitem que as instituições (poderes públicos, ONGs, empresas e organizações como sindicatos e federações) criem sites próprios com notícias das assessorias de imprensa e atuem como canal de notícias próprios, embora com menos investimentos na produção de conteúdo. O Supremo Tribunal Federal (STF) publicou notícias da morte de Teori Zavascki, e, inclusive participa oferecendo informações para serem usadas por blogs e sites menores como fontes. Entre 19 e 24 de janeiro, foram 19 páginas publicadas sobre a morte de Teori Zavascki no site

do STF, mas com perspectivas diferentes daquelas dos meios de comunicação. A maioria é repercussão da morte dos ministros dentro do próprio STF, mostrando o caráter de assessoria de imprensa, como ‘Presidente do STF lamenta a morte de “um dos mais brilhantes juízes da história da nossa Justiça”’, ‘Ministro Fux manifesta pesar pela morte de Teori Zavascki’ e ‘Teori Zavascki será exemplo de como devem ser os juízes, diz ministro Eros Grau’. E também páginas mais informativas básicas sobre a morte e perfil dele, como ‘Teori Zavascki foi ministro do STF por quatro anos’, ‘Ministro Teori Zavascki é sepultado em Porto Alegre (RS)’ e ‘Missa de 7º dia em memória do ministro Teori Zavascki será nesta quarta (25)’.

24/01/2017 - 17:40 ECT questiona decisão que determinou prorrogação de concurso além do prazo do edital	20/01/2017 - 19:25 Ministro Roberto Barroso lembra que Teori Zavascki orgulhava o Brasil por sua integridade
24/01/2017 - 17:15 Federação de servidores questiona emenda do teto dos gastos públicos	20/01/2017 - 16:50 Ministro Carlos Velloso considera falecimento de Teori Zavascki "uma perda irreparável"
24/01/2017 - 17:00 Operadoras de celular contestam lei que obriga repasse de dados em investigações contra tráfico de pessoas	20/01/2017 - 16:45 Velório e sepultamento serão neste sábado (21) em Porto Alegre (RS)
23/01/2017 - 19:00 Programação da Rádio Justiça para terça-feira (24)	20/01/2017 - 12:14 Teori Zavascki foi ministro do STF por quatro anos
23/01/2017 - 16:50 Homenagens ao ministro Teori são unânimes em destacar seu legado e sua atuação exemplar	20/01/2017 - 12:10 Ministro Marco Aurélio expressa tristeza com falecimento de Teori Zavascki
23/01/2017 - 15:00 Presidente do STF encaminha para TSE ação que questiona diplomação de prefeito no MT	20/01/2017 - 12:05 Teori Zavascki será exemplo de como devem ser os juízes, diz ministro Eros Grau
23/01/2017 - 14:50 Missa de 7º dia em memória do ministro Teori Zavascki será nesta quarta (25)	20/01/2017 - 08:55 Ministro Fux manifesta pesar pela morte de Teori Zavascki
21/01/2017 - 17:54 Ministro Teori Zavascki é sepultado em Porto Alegre (RS)	19/01/2017 - 20:45 Programação da Rádio Justiça para sexta-feira (20)
20/01/2017 - 19:30 Decano do STF expressa profundo pesar pelo falecimento do ministro Teori Zavascki	19/01/2017 - 20:35 Presidente do STF lamenta a morte de "um dos mais brilhantes juízes da história da nossa Justiça"

Figura 14. No arquivo de páginas do STF, é possível ver como a instituição também publica notícias.

Assim como redes sociais como Instagram, sites de busca como o Google e aplicativos de mensagens instantâneas como Whatsapp, percebo mais dois suportes para notícias que atuam apenas como ‘portas de entrada’, mas ainda assim participantes do processo de circularidade da notícia. Os painéis em locais físicos, comuns em shoppings e hotéis, e os aplicativos para celular dos meios de comunicação. Os painéis são disponibilizados em locais de grande circulação e mostram notícias com resumo de 10, 20 palavras, podendo ser de diferentes meios de comunicação, como o UOL. Os aplicativos para celular permitem acesso para as notícias das empresas em outro suporte além dos *browsers* da World Wide Web, mas com o mesmo conteúdo feito para a web. A nova possibilidade de conteúdo pelos aplicativos são as notificações, que resumem as notícias e permitem aos consumidores a informação mesmo sem a ação de busca-la em outros meios. Por isso, considero ambos como apenas ‘portas de entrada’. Elas informam com uma manchete, e instigam os usuários a buscarem mais informações nos outros elementos do processo de circularidade.

Por definir o objeto como ‘notícia na internet’, e reconhecendo a ‘notícia’ como produto do jornalismo profissional, o processo de circularidade envolve centralmente suportes e percepções ligados a conceitos do campo e as relações entre eles. Mas a participação dos

homens-mídia é imprescindível para entender a movimentação entre esses elementos, e os suportes permitem a maior atuação de todos os sujeitos. A centralidade do Facebook e Twitter é o primeiro sinal. Nessas redes sociais, os sujeitos informam, comentam notícias das mídias tradicionais, compartilham links de sites na internet, criticam meios de comunicação, repassam informações, ou seja, atuação em certa paridade com as empresas de jornalismo, tendo a mesma tecnologia em mãos. A facilidade técnica permite aos usuários a criação de blogs ou sites menores que podem atuar como competição aos portais de notícias, seja pela credibilidade dos criadores, independência jornalística e econômica, concentração de conteúdo, linguagem informal ou outros fatores, que fazem que os leitores se direcionem para esses sites. Além dessas atuações diretas, a participação dos homens-mídia envolve a continuidade de leitura, o que gera cliques, após contato pelas ‘portas de entrada’ desenhadas no diagrama, compartilhamento de links e informações por aplicativos como o Whatsapp ou escrevendo comentários nas páginas, o que permite uma visão própria paralelo ao conteúdo jornalístico.

Além da competição mercadológica entre os elementos do processo de circularidade, os meios de comunicação e homens-mídia atuam cada um à sua maneira para acontecer o fluxo de notícias e produzir os movimentos no Ecosistema Comunicacional que são desencadeados pelo desvelamento das informações jornalísticas sobre a morte de Teori Zavascki. Lembrando que falo da competição entre os suportes, mas há competição dentro desses elementos (Globo x Band, Folha de São Paulo x O Globo, entre blogs, sites de buscas e redes sociais). A Globo (televisão) no Brasil ainda é o suporte de maior alcance na população, e, por isso, um dos mais relevantes, assim como a Folha de São Paulo (jornal impresso), que tem menor alcance, mas permite reportagens analíticas e acesso aos setores políticos e econômicos da sociedade. E ainda a capacidade econômica e relevância dos meios tradicionais são repassadas para internet, em sites próprios, que competem com os portais. A diferença é o investimento em produtos jornalísticos para internet, com hipertexto e multimídia. E a velocidade, característica principal de atuação dos portais e sites no processo de circularidade: entregar a informação mais rápido e disponível para os usuários. O Facebook e o Twitter não produzem notícias, mas oferecem um espaço livre para usuários terem a mesma capacidade de informação, um campo onde todos os elementos do processo interagem em condições de igualdade. Os sites menores e blogs permitem a informação independente das necessidades econômicas e publicitárias, com participação dos usuários para conteúdo próprio. São condições que aumentam a participação e relevância dos homens-mídia no processo de circularidade. Com a atuação própria de cada

elemento, o processo de circulação torna-se circularidade pela desordem informacional neste ambiente tecnológico repleto de suportes distintos e com todos podendo agir.

3.5. A notícia em rede

Das relações recorrentes no Ecosistema Comunicacional que envolvem os elementos apontados na subseção 3.3, emergem materializações diversas, como a notícia na internet. O formato dela é hipertextual, multimidiática e veloz. Para João Canavilhas, a capacidade da narrativa não linear, sem hierarquias, onde muitas páginas vão se acoplando com o tempo é a principal, e assim considero essa informação como uma notícia em rede. A notícia em rede (materialidade da notícia na internet) é a forma como a informação jornalística online espalhada em diferentes páginas se comporta como nós interligados em rede, onde o homem-mídia pode navegar entre as páginas. Caracterizo a notícia em rede pela percepção da hipertextualidade, que contribui para oferecer também multimidialidade e velocidade. Sem precisar estar em uma forma linear, disponibilizando todos os formatos e atualizada continuamente, a notícia na internet se forma como uma rede flexível e que vai se montando com o tempo.

Começo a minha descrição de uma materialização do Ecosistema Comunicação pelos dados numéricos, como forma de aproximação ao objeto de pesquisa: a notícia na internet, denominada por mim como notícia em rede. Serão desenvolvidas seis tabelas que permitem a percepção sobre a hipertextualidade (quantas páginas estão disponíveis para leitura), multimidialidade (quantos formatos foram utilizados na cobertura) e velocidade (registro dos tempos de publicação) da notícia em rede. Os dados foram registrados das páginas divulgadas na parte principal da capa do portal UOL entre os dias 19 de janeiro de 2017 e 24 de janeiro de 2017, separando nos horários de 8h, 14h, 18h e 22h.

A Tabela 1 registra o número de páginas disponíveis na parte principal da capa do portal UOL, somando o número de cada período ao número total de páginas exibidas após cada período, de modo a apontar o tamanho da materialização da notícia em rede pela quantidade de páginas criadas durante os seis dias de cobertura do portal UOL da morte do ministro Teori Zavascki. Como visto no Gráfico 1, o maior crescimento é registrado nos dois primeiros dias de cobertura, pois as informações ainda são desconhecidas e aos poucos vão se revelando. Após apuração de vários detalhes do acidente, as páginas vão ficando registradas no arquivo do UOL e já fazem parte da notícia em rede, mas perdem o destaque na capa, por não serem novidades. Ao final dos seis dias de cobertura, são quase 100 páginas de destaque produzidas compondo a

notícia em rede, o que exige grande quantidade de jornalistas e é possível no UOL também devido aos sites parceiros. A notícia em rede é um trabalho em conjunto.

	8h	14h	18h	22h
19/1	-	2	15	26
20/1	35	46	51	57
21/1	61	65	66	66
22/1	69	71	74	75
23/1	79	82	83	88
24/1	93	93	95	96

Tabela 1. Número de páginas na capa somadas ao total em cada período.

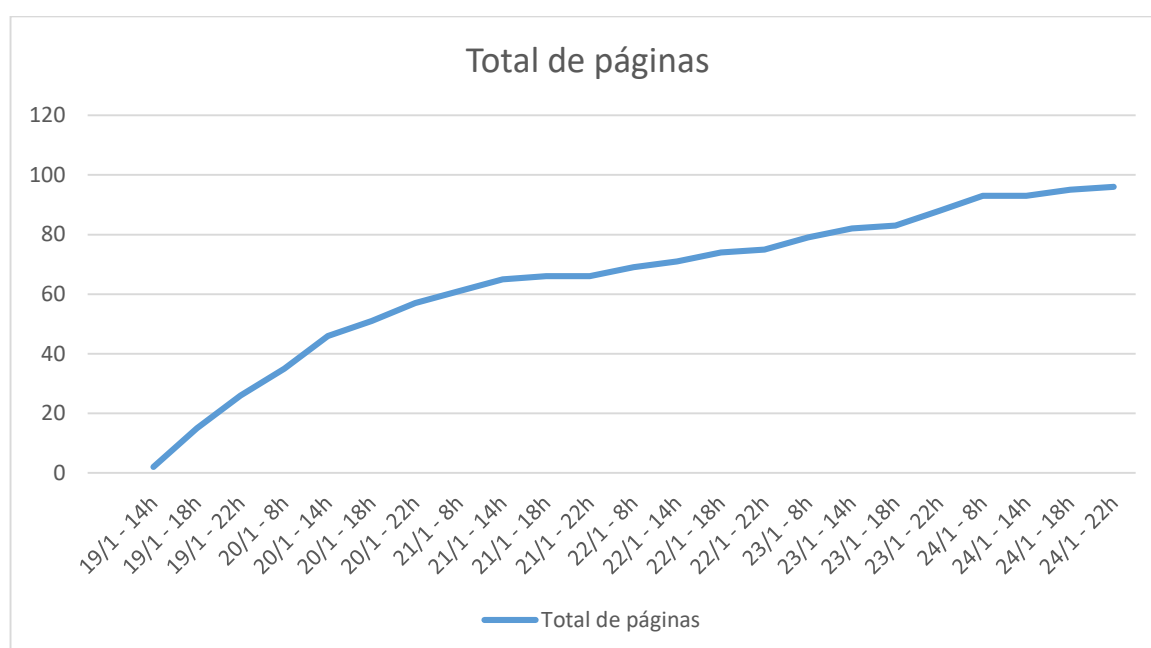


Gráfico 1. Crescimento no número de páginas produzidas.

A Tabela 2 mostra o número de páginas disponíveis na parte principal da capa do portal UOL em cada período. Dessa forma, mostra o ciclo de vida da notícia na internet, pelo destaque na capa, apontando o início - quando as informações estão se revelando -, um ápice - quando já existe um número expressivo de páginas publicadas, e um esmorecimento, quando o acontecimento começa a perder a relevância por não ter novidades. Nesta tabela, fica mais clara a percepção do número maior de publicação de páginas nos dois primeiros dias do acontecimento, pois as informações ainda são novidades. Mas também porque a demanda por informações sobre o acidente é maior e exige do portal UOL a capacidade de oferecer conteúdo aos consumidores. Depois desse período inicial, a produção segue estável durante os outros quatro dias. Às 8h do terceiro dia, são quatro páginas em destaque. No mesmo horário, no último dia, também são divulgadas quatro páginas na capa.

	8h	14h	18h	22h	Total
19/1	-	2	13	12	27
20/1	9	11	8	6	34
21/1	4	4	3	2	13
22/1	3	2	5	1	11
23/1	4	4	3	5	16
24/1	5	3	2	1	11

Tabela 2. Número de páginas disponíveis na parte principal da capa em cada período.



Gráfico 2. Ciclo de vida da notícia em rede de acordo com o destaque na capa.

A Tabela 3 identifica a característica do uso de hiperlinks como forma narrativa dentro de cada página da notícia em rede. As informações abaixo registram o número de páginas publicadas na parte principal da capa do portal UOL de acordo com os links disponíveis, contando apenas links dentro do texto. O objetivo é quantificar a utilização dos hiperlinks nas páginas da notícia em rede como forma de ampliar o texto. Pela quantidade de páginas produzidas no total, como visto na Tabela 1, considero pequeno o número de páginas com mais de 3 links. A maioria das páginas tem 0 ou apenas 1 link. Esse número pode ser explicado pelas parcerias, que ajuda na quantidade total de páginas, mas não permite a potência total da hipertextualidade. Páginas da Folha, blogs ou sites independentes são as que registram o menor número de links dentro do texto. A falta de adaptação das pessoas para consumo de notícias em uma leitura não linear, assim como também a capacidade dos jornalistas para a produção.

	19/1	20/1	21/1	22/1	23/1	24/1
--	------	------	------	------	------	------

Com 0 links	2	11	3	2	7	2
Com 1 link	13	7	2	1	1	2
Com 2 links	6	5	0	1	2	1
Com 3 links	4	3	2	3	1	1
Com 4 links	0	3	0	2	2	1
Mais de 5 links	1	2	2	0	0	1

Tabela 3. Número de páginas de acordo com os links disponíveis dentro da publicação.

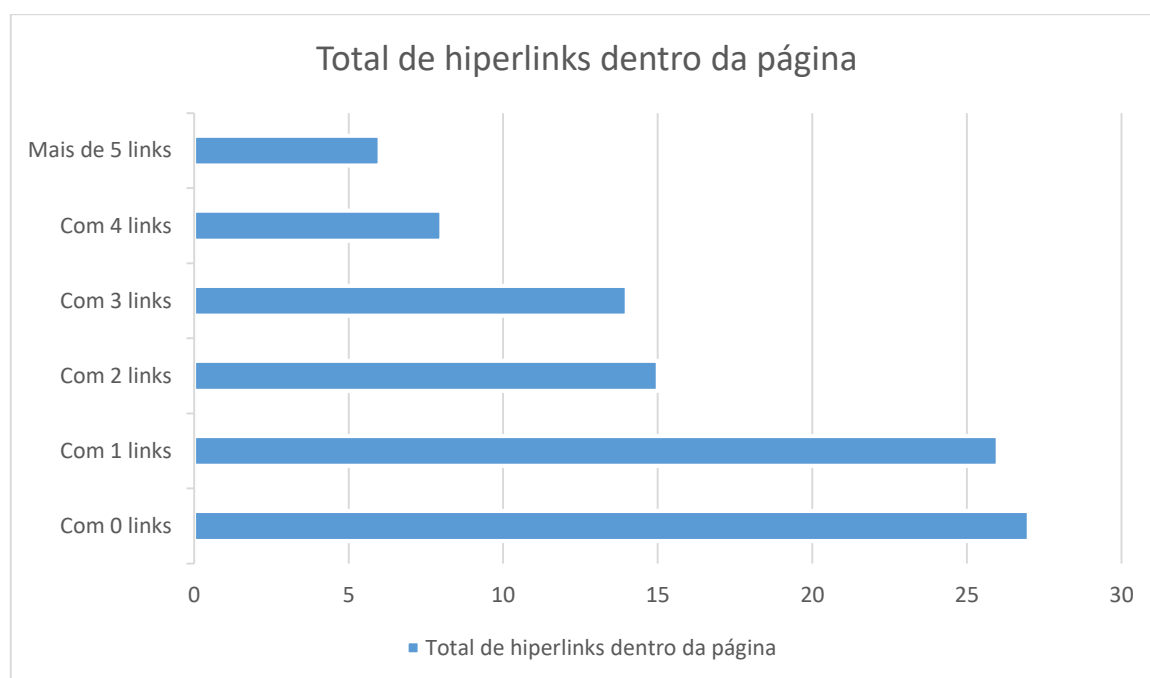


Gráfico 3. Quantas páginas existem de acordo com a disponibilidade de links.

A Tabela 4 aponta o número de formatos disponíveis nas páginas divulgadas na parte principal da capa do portal UOL, para mostrar como a capacidade de ter todos os formatos é utilizada na cobertura jornalística na internet. São apontados no total do dia os conteúdos dentro das páginas, considerando a página como registro único, ou seja, se o mesmo vídeo estiver dentro de duas páginas, serão considerados dois vídeos. Apesar das possibilidades tecnológicas, o número de vídeos, infográficos e artes é pequeno, o que reduz a multimídia da notícia em rede. Com a predominância de texto e foto, a cobertura da UOL se assemelha ao conteúdo produzido para jornal impresso, uma mídia tradicional. A multimídia total é desperdiçada. Apesar disso, todos os formatos são registrados na notícia em rede. Os áudios viram vídeos com legendas. Os vídeos são trazidos dos homens-mídia e reportagens da televisão dispostos devido às parcerias. Os infográficos são animados, o que difere da mídia impressa. As artes são principalmente mapas do local do acidente, mas também charges.

	19/1	20/1	21/1	22/1	23/1	24/1
--	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------

Texto	26	31	9	9	13	8
Foto	25	23	10	6	11	6
Galeria	6	7	2	2	3	1
Vídeo	13	7	3	2	3	0
Áudio	0	0	0	0	0	0
Infográfico	0	5	2	1	1	0
Artes	4	2	0	1	0	1

Tabela 4. Número de formatos nas páginas na parte principal da capa do portal UOL.

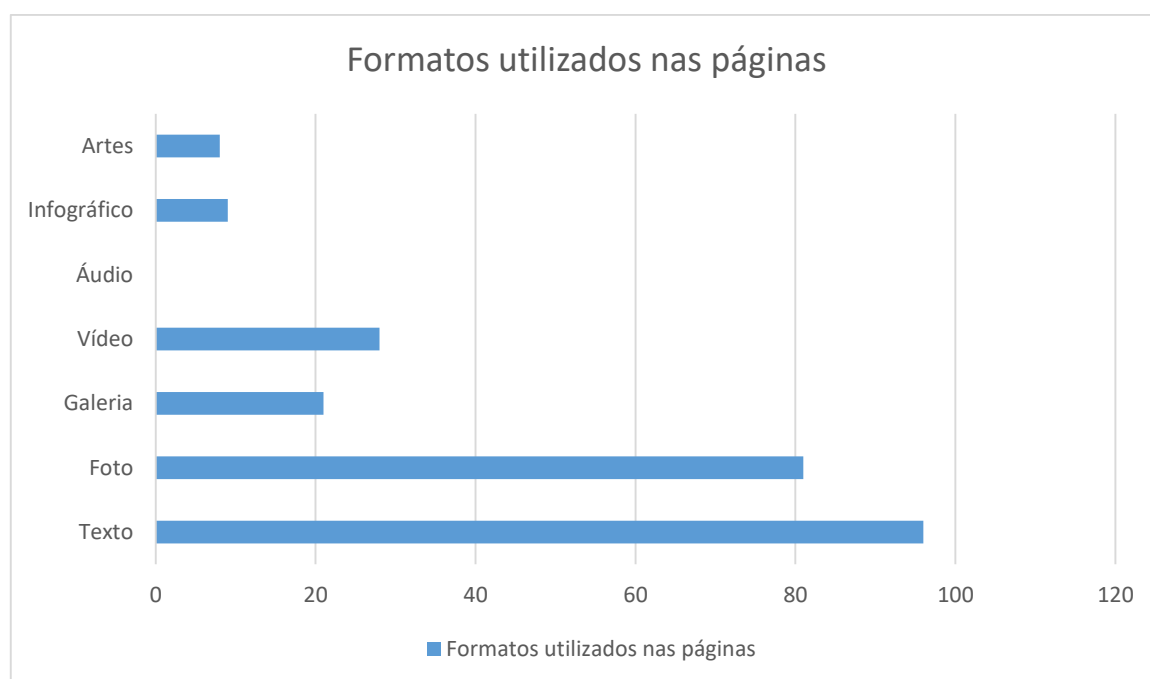


Gráfico 4. Formatos utilizados na notícia em rede.

A Tabela 5 indica o número de páginas que registraram atualizações dentro da mesma publicação em cada horário. Mostrar horário de publicação e de uma atualização (quando existe) é comum em sites de notícias para relatar o momento da notícia e quando acontecer uma mudança dentro da página, para ampliação ou correção da notícia. Em todos os horários (com exceção de 22h do dia 22), são poucas as atualizações registradas dentro na página, inclusive com zero atualizações em 10 dos 24 momentos. Isso acontece pois as atualizações são feitas com criações de novas páginas. Na maioria dos casos de atualização dentro da própria página, são realizadas para ampliar informações iniciais (onde o texto ainda é pequeno e explica que será atualizado) ou para pequenas correções, como números ou gramática.

	8h	14h	18h	22h
19/1	-	1/2	3/13	5/12
20/1	1/9	4/11	2/8	1/6

21/1	0/4	2/4	1/3	1/2
22/1	0/3	0/2	0/5	1/1
23/1	0/4	0/4	0/3	0/5
24/1	0/5	0/3	1/2	0/1

Tabela 5. Número de páginas que registraram atualizações internas.

A Tabela 6 indica o número de páginas criadas em cada horário. A mesma ferramenta de registro de publicação da página será utilizada nesta tabela. O objetivo é perceber a capacidade da notícia em rede estar em renovação durante o dia, sem precisar repetir páginas com informações divulgadas em outros horários. O acidente foi registrado na tarde do dia 19 de janeiro de 2017, e assim começou a cobertura jornalística do portal UOL e a construção da notícia em rede. Entre 18h e 21h desse dia, sendo que a maior parte desses registros foi entre 18h e 19h30, foi publicada o maior número de páginas, pois os esforços foram concentrados para atender a demanda por busca de informações. No dia 20 de janeiro, que também registrou várias páginas publicadas, as matérias foram espalhadas durante o dia. Em outros dias, não é possível perceber um padrão de horário com mais publicações, o que mostra como a notícia em rede é produzida sem o ritmo jornalístico das mídias tradicionais.

	0h-7h	7h-12h	12h-18h	18h-21h	21h-0h
19/1	-	-	2	26	1
20/1	7	6	9	5	3
21/1	2	3	1	1	4
22/1	2	2	0	1	0
23/1	5	2	3	2	3
24/1	2	1	2	1	0

Tabela 6. Número de páginas criadas no período.

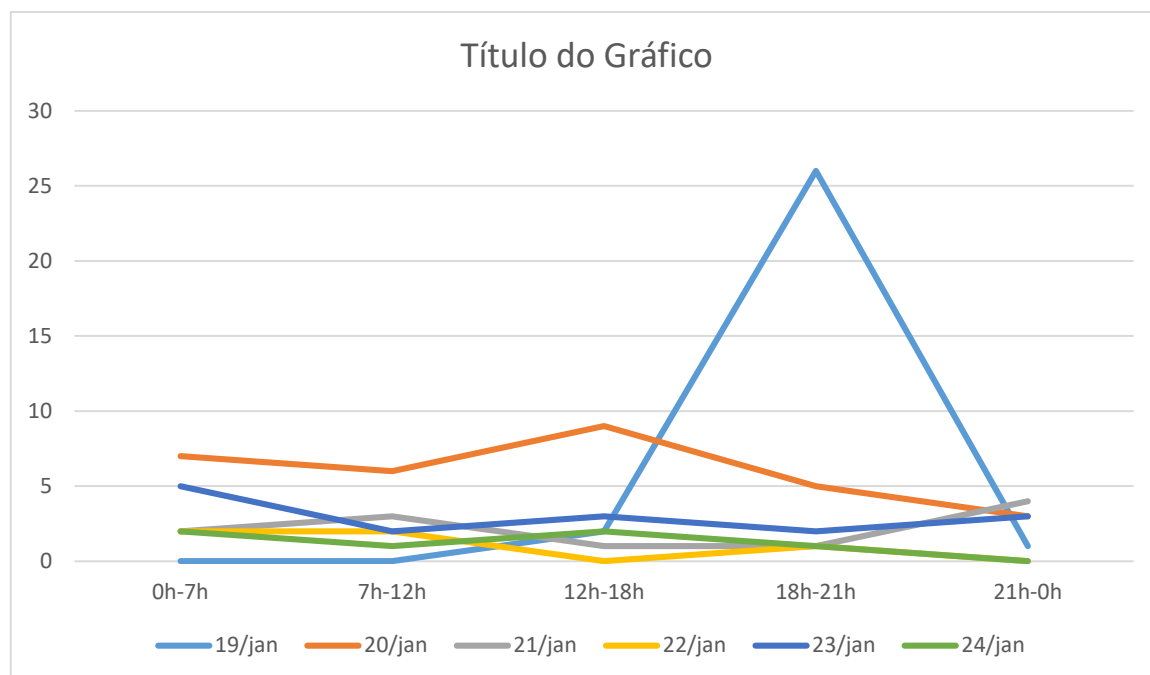


Gráfico 5. Horário de publicação das páginas.

As tabelas mostram particularidades das características do webjornalismo e como são utilizadas na notícia em rede da morte do ministro do STF, Teori Zavascki. Mas, compreendidas em conjunto, permitem considerações gerais. As parcerias permitem uma cobertura mais ampla, mas reduzem a capacidade de hipertextualidade (já que sites parceiros não linkam de volta) e multimídia (sem exigência de formatos). Ao disponibilizar links para outros sites, principalmente a Folha.com, o número de páginas da notícia em rede do UOL cresce e aumenta a capacidade de informações da cobertura jornalística do portal. Entretanto, como a busca por um webjornalismo com maior potência das características é menor em sites dos meios tradicionais ou com menos investimento, as parcerias fazem com que a cobertura do UOL seja menos hipertextual e tenha menos exploração de formatos. Na relação do portal com uma sociedade mais presente na internet, com tecnologias que exigem uma produção mais veloz das notícias e sujeitos interessados em assuntos relevantes, o UOL precisa acompanhar as informações em tempo real e disponibilizar páginas constantemente, de tudo o que for possível falar sobre o assunto. Por isso, ao invés de uma página gigante, o UOL tem quase 100 publicações, que variam formatos (multimídia) e são construídas continuamente (hipertextual).

Como disse antes, a materialização da notícia na internet pode ser percebida como uma rede, na qual os nós são páginas publicadas com informações jornalísticas ligadas através dos hiperlinks, o que permite uma produção em narrativa não linear dos jornalistas e uma leitura própria para os homens-mídia. A notícia em rede é um hipertexto. A demanda das pessoas por cada vez mais informações sobre acontecimentos relevantes, somada às tecnologias que não

possuem alto custo e as empresas conseguem adquirir e administrar, à importância do ministro Teori Zavascki e da Operação Lava-Jato e às características jornalísticas de produção de notícias – condicional do tempo e valores-notícias que destacam morte de personalidades como grandes acontecimentos –, resultam na notícia em rede demonstrada. São 96 páginas criadas no total devido às parcerias, quantidade de jornalistas do UOL e demanda dos consumidores, com poucos hiperlinks dentro do texto pela falta de costume com a criação em hipertexto, e utilização reduzida das capacidades multimídia, em virtude do hábito dos jornalistas de produção em formatos únicos. Apresentada em uma leitura não-linear e sem um padrão de horário, ao contrário dos veículos impressos e televisivos.

As especificidades da cobertura do portal UOL da morte do ministro Teori Zavascki contribuem para a compreensão do webjornalismo por entendimento das características da multimídia, velocidade e hipertextualidade. Como o UOL faz uso de texto, foto, galeria de fotos, vídeo, infográficos e arte; como a notícia torna-se multimídia no conjunto desses formatos destacando que o vídeo é o mais utilizado, embora o UOL não se aproveite plenamente desses recursos; como acontece a atualizações da informação entre páginas diferentes, ampliando ou corrigindo e a diferença de tempo entre o acontecimento e a publicação da página; o processo de atualização contínua em uma notícia em permanente construção, inclusive sendo necessário observar as notícias além do período de recorte; e como as parcerias, o número de jornalistas e os arquivos permitem uma narrativa hipertextual. Fora das características, desenvolvo a percepção da progressão de assuntos em destaque sobre a morte do ministro do STF e como a participação dos homens-mídia suscita alterações da notícia em rede.

A primeira característica que destaco é a *multimídia*, ou seja, a capacidade da notícia em rede de disponibilizar todos os formatos. Faço uma divisão de alguns que considero como essenciais na narrativa jornalística: texto, vídeos, galerias de fotos, áudios, infográficos e artes (formas visuais que não são infográficos). No caso desse estudo, todas as páginas utilizam texto, embora seja possível usar apenas vídeos ou fotos. As duas primeiras reportagens, ‘Teori estava em avião que caiu no litoral do Rio, dizem STF e família’ e ‘Estamos torcendo por um milagre, diz filho de Teori Zavascki’, são publicadas com textos e quatro fotos (duas de Teori Zavascki, uma do local do acidente e uma reprodução do Facebook do filho da vítima). No mesmo dia, foram 14 páginas, entre 25, com vídeos publicados, mas todas com o mesmo vídeo (imagens amadoras do local do acidente, acompanhadas de texto). No segundo dia, foram apenas 6 páginas com vídeos, de 34 total, exibindo cinco vezes uma reportagem da televisão sobre inquérito da PF, uma com o mesmo vídeo do dia anterior e uma reportagem da televisão

sobre as buscas pelos destroços. Nos outros quatro dias do recorte somados, foram apenas 8 páginas com vídeos das 51 no total, com quatro reportagens de televisão diferentes de acordo com o assunto de cada página e mais uma página com o mesmo vídeo do primeiro dia. Algumas páginas têm vídeo, mas, por dia, há repetição do conteúdo. No primeiro dia, imagens amadoras. No segundo, uma reportagem da televisão sobre o inquérito da PF. Nos outros dias, reportagens da televisão de acordo com os assuntos. Pouca produção própria (as parcerias auxiliam a multimídia) e repetição de conteúdo, o que não amplia as informações, embora seja louvável utilizar vídeos em algumas páginas como complementação interna.

Morre o ministro do STF Teori Zavascki 26/2

TEORI ZAVASCKI MORRE EM ACIDENTE AÉREO EM PARATY



Moro diz que ministro Teori Zavascki "foi um verdadeiro herói"

MÚLTIPLAS LESÕES MATARAM TEORI ZAVASCKI, DIZ LAUDO DO IML



Com morte de Teori e julgamento da chapa Dilma-Temer, Cármen Lúcia ganha destaque 4

TEMER JÁ AVALIA NOMES PARA SUBSTITUIR TEORI



Conteúdo das conversas do avião em que estava Teori foi extraído de gravador, diz FAB 25

TEORI ZAVASCKI MORRE EM ACIDENTE AÉREO EM PARATY



Figura 15. Vídeos são repetidos ou de reportagens.

As fotos, pela proximidade com a configuração tradicional da notícia impressa, e os vídeos, pelo potencial audiovisual, são os recursos mais utilizados. Mas a potência da multimídia é a possibilidade de explorar todos os formatos na notícia na internet, facilitando a apreensão do conteúdo pelos consumidores. A galeria de fotos permite ampliar o uso imagético da informação ao disponibilizar mais momentos registrados. Outras formas são os infográficos e as artes (que incluem charges, imagens e desenhos). Em dois momentos, foram

usadas uma arte e uma charge, que apenas acompanham a páginas. Em outros dois, representações das redes sociais, sendo uma do filho de Teori Zavascki confirmando a morte do pai e outra com mensagens de homens-mídia no Twitter. Mas a arte mais utilizada foi um mapa indicando o percurso do voo do ministro, entre São Paulo e Paraty. Os infográficos são utilizados para ampliar a informação, sendo usados em maioria para lista de nomes com dados biográficos, com ‘Vítimas [do acidente]’, ‘Ministros do STF’ e ‘[Cotados a] Novo Ministro do Supremo’, facilitando o entendimento. O outro infográfico utiliza o mapa do local do acidente para simplificar informações e oferecer dados da notícia de forma visual.

Uma notícia publicada em uma página do UOL pode ser só texto, vídeo, foto, texto e foto, texto e vídeos, entre outras combinações, mas a ligação entre elas, por meio de hiperlinks, forma a materialização dessa cobertura do portal: a notícia em rede, um produto multimídia. É em conjunto que a narrativa da notícia em rede se forma. A conclusão é que a notícia em rede do portal UOL da morte do ministro Teori Zavascki é um conjunto de publicações, com formatos diferentes. Embora tenha a percepção da notícia em rede como conjunto dessas páginas, o que a torna multimídia, ainda percebo o UOL desperdiçando essa característica do webjornalismo. Os vídeos ocupam pouco espaço na página, apesar da demanda, levando em consideração o sucesso do YouTube, por exemplo. A rede social de vídeos é um dos sites mais utilizados do mundo, justamente pela procura dos homens-mídia por audiovisual na internet, pelo caráter didático e simplificador. Na notícia em rede, o UOL usou apenas um vídeo com imagens amadoras dos destroços em várias páginas e reportagens da televisão. Com os outros formatos, o mesmo problema. Pouco uso, e ainda assim, com repetições. Fotos e textos predominam na notícia em rede do UOL, como uma simples transmissão de conteúdos impressos em um novo suporte, também devido à ligação econômica com a Folha de São Paulo.

A segunda característica é a *velocidade*, como a instantaneidade da notícia em rede. As informações devem ser publicadas após apuração, o que permite uma atualização contínua. Páginas diferentes possuem dados que se complementam, que se corrigem ou que se atualizam. A primeira nota publicada na notícia em rede foi ‘Avião de pequeno porte cai em Paraty, litoral do Rio de Janeiro’, às 16h25, no dia 19 de janeiro, sem informações sobre vítimas, e uma hora após a queda do avião. Às 17h05, o UOL publica a informação ‘Teori estava em avião que caiu no litoral do Rio, dizem STF e família’, aumentando a relevância da queda do avião, mas sem confirmar a morte do ministro. Inclusive, às 17h27, a Folha, com divulgação na capa do UOL, publica uma fala do filho do ministro, ainda sem confirmar a morte, na página ‘Estamos torcendo por um milagre, diz filho de Teori Zavascki’. Às 18h09, o UOL anuncia a morte do

ministro do STF, em ‘Morre o ministro do STF Teori Zavascki’. A notícia de um acidente aéreo em Paraty foi atualizada em nova página após 40 minutos pela possibilidade de morte do ministro do STF responsável pelo Operação Lava-Jato, que foi confirmada após quase duas horas da primeira publicação e quase três horas depois do acidente. Foram quatro páginas até a confirmação da morte de Teori Zavascki.

Avião de pequeno porte cai em Paraty, litoral do Rio de Janeiro

Do UOL, em São Paulo 19/01/2017 | 16h25

Teori estava em avião que caiu no litoral do Rio, dizem STF e família

Leandro Prazeres, Marina Motomura, Daniela Garcia, Bernardo Barbosa e Janaina Garcia
Do UOL, em Brasília e em São Paulo 19/01/2017 | 17h05 > Atualizada 19/01/2017 | 18h08

'Estamos torcendo por um milagre', diz filho de Teori Zavascki

FELIPE SOUZA
NÉLI PEREIRA
PAULA REVERBEL
LUIS KAWAGUTI
DA BBC BRASIL

19/01/2017 © 17h27

Morre o ministro do STF Teori Zavascki

Do UOL, em Brasília e em São Paulo 19/01/2017 | 18h09 > Atualizada 19/01/2017 | 23h54

Figura 16. A cada página, ampliam-se as informações sobre a morte.

A confirmação da morte de Teori Zavascki no acidente aéreo em Paraty aumenta a importância da notícia, que vai se ampliando com detalhes sobre a queda do avião. Já no primeiro dia, as páginas da notícia em rede oferecem informações iniciais, além da morte do ministro. No dia 19, às 18h22, o UOL publica ‘Anac diz que avião que caiu em Paraty com Teori Zavascki está regular’, às 19h05, ‘Baixa visibilidade pode ter contribuído para a queda de avião em Paraty’, às 19h05, ‘Mulher que estava no avião de Teori resistiu à queda, mas morreu afogada’ (Folha.com) e às 20h57, ‘Por minutos não salvamos mulher, diz homem que ajudou no resgate de avião de Teori’. Nos outros dias, as informações falam das buscas do Bombeiros dos corpos das vítimas e de destroços que permitam a investigação. No dia 20, às 9h06, é publicada a página ‘Corpo de Bombeiros retoma buscas por corpos de vítimas de

acidente aéreo em Paraty’. Depois disso, ‘Bombeiros resgatam corpos de mais duas vítimas de acidente aéreo em Paraty’ (Dia 20, às 11h39), ‘FAB localiza gravador de voz em avião que caiu com Teori e mais quatro’ (Dia 20, às 15h01), ‘Gravador de voz do avião de Teori está em bom estado e chega a Brasília amanhã’ (Dia 20, às 19h30), ‘Destroços do avião de acidente com Teori são recolhidos do mar’ (Dia 22, às 20h30), ‘Conteúdo das conversas do avião em que estava Teori foi extraído de gravador, diz FAB’ (Dia 23, às 21h47), ‘Em áudio, piloto que levava Teori menciona chuva e não relata falhas’ (Dia 24, às 0h52), ‘Áudio não indica falha no avião que caiu com Teori, diz Aeronáutica’ (Dia 24, às 12h51) e ‘Aeronáutica vê desorientação espacial de piloto em acidente com Teori’ (Dia 24, às 19h03). As informações da notícia em rede sobre o acidente vão sendo ampliadas com novos dados, de acordo com o trabalho e as divulgações dos órgãos responsáveis, como os Bombeiros e a Aeronáutica.

Observando outros temas registrados pelo portal UOL durante a cobertura, também é possível verificar as informações se atualizando entre as páginas. A confirmação da morte de outros passageiros, incluindo o dono do avião, vieram depois. No primeiro dia, às 20h55, o UOL publica ‘Grupo Emiliano confirma mortes de empresário e piloto em acidente com Teori’ e no dia seguinte, às 10h28, a informação é ampliada em ‘Dono do Emiliano era companhia de Teori para fugir da pressão de Brasília’. Outra confirmação sobre o acidente é a causa da morte do ministro, em ‘Teori Zavascki morreu de politraumatismo’, às 22h52. Sobre a investigação do acidente pelo áudio, o UOL publica ‘FAB localiza gravador de voz em avião que caiu com Teori e mais quatro’ (Dia 20, às 15h), ‘Gravador de voz do avião de Teori está em bom estado e chega a Brasília amanhã’ (Dia 20, às 19h30), ‘Conteúdo das conversas do avião em que estava Teori foi extraído de gravador, diz FAB’ (Dia 23, às 21h), ‘Em áudio, piloto que levava Teori menciona chuva e não relata falhas’ (Dia 24, às 0h52) e ‘Áudio não indica falha no avião que caiu com Teori, diz Aeronáutica’ (Dia 24, às 12h51). Com a morte do ministro, é preciso substituir Teori Zavascki no Supremo Tribunal Federal, o que gera atenção das pessoas devido à importância da Operação Lava-Jato. Já no dia do acidente, às 20h36, o UOL publica ‘Temer indicará novo ministro o mais rapidamente possível, diz Moreira’ e, às 20h53, ‘Com 11 investigados na Lava Jato, Senado terá de aprovar substituto de Teori’. Depois disso, ‘Temer começa a avaliar nome para substituir Teori Zavascki no STF’ (Dia 20, às 12h41), ‘Só depois do relator, diz Temer sobre escolha de sucessor de Teori’ (Dia 21, às 14h06), ‘Temer busca ministro com perfil técnico para o Supremo’ (Dia 23, às 2h – na Folha de São Paulo) e ‘Juízes pedem escolha de sucessor de Teori após TSE julgar chapa Dilma-Temer’ (Dia 23, às 12h15).

Além da sucessão de Teori Zavascki no STF, também chama a atenção a sucessão dele como relator da Operação Lava-Jato. Ainda no dia do acidente, 19 de janeiro, pouco depois da confirmação da morte do ministro, às 18h29, o UOL publica ‘Regimento prevê que relator da Lava Jato será ministro nomeado por Temer, dizem especialistas’. Um dia depois, às 16h31, o presidente responde à pressão das pessoas em ‘Lava Jato: Temer prefere que STF aponte relator’ e inclusive, no dia 21, às 14h06, deixa claro a resposta popular em ‘Só depois do relator, diz Temer sobre a escolha de sucessor de Teori’. Independente das reais intenções do presidente, as páginas ampliam as informações sobre a escolha do relator. Para complementar a notícia, o UOL publica no dia 23 ‘Ministros do STF divergem sobre escolha de relator da Lava Jato’, às 7h45, e ‘Juízes pedem escolha de sucessor de Teori após TSE julgar chapa Dilma-Temer’, às 12h15. Outros dois assuntos parte da notícia em rede da morte do ministro são a homologação da delação da Odebrecht e a investigação do acidente. Sobre a delação, foram 10 páginas publicadas, iniciando com matéria da Folha de São Paulo destacada no UOL, no dia 20, ‘Odebrecht teme que morte de ministro atrase homologação da delação’, passando por falas de Rodrigo Janot e Temer, futuro dos juízes auxiliares de Teori, futuro da Operação Lava-Jato e ações da presidente do STF, Cármen Lúcia, até chegar à página do dia 24, às 14h, ‘Janot pede ao STF urgência para a delação da Odebrecht’. Em relação à investigação, foram 9 páginas, começando com a abertura do inquérito pela Polícia Federal, detalhes do acidente e encerra com a decisão parcial da Aeronáutica em ‘Aeronáutica vê desorientação espacial de piloto em acidente com Teori’ (Dia 24, às 19h).

O que exige a instantaneidade da notícia em rede são as relações em uma sociedade demandadora de informações em tempo real, conectadas à internet pelo celular o tempo todo, devido às possibilidades tecnológicas e a competição do mercado do jornalismo que faz com que os meios de comunicação, como o UOL, disponibilizem informações em velocidade instantânea. A relevância do personagem, um ministro do órgão máximo do Poder Judiciário, e sua participação na Operação Lava-Jato exige a constante ampliação da informação e velocidade de publicação de páginas na notícia em rede. Mesmo antes da confirmação da morte de Teori Zavascki, o UOL publica que o ministro estava no avião, inclusive com a dúvida do filho dele. O portal também mostra um passo-a-passo do resgate do gravador e das possibilidades da investigação com o áudio. Informações sobre a sucessão de Teori no STF e as preocupação com o novo relator da Operação Lava-Jato e a delação da Odebrecht também são divulgadas com o tempo em diferentes páginas. A cada nova informação, as páginas vão sendo publicadas e acopladas ao todo da notícia em rede. As possibilidades hipertextuais fazem

com que não seja necessário tanto tempo para ampliação ou complementação da notícia, o que faz com que a notícia em rede seja instantânea e com atualização contínua.

Pela velocidade, a notícia em rede é vista como um produto construído com o tempo e sempre em atualização, característica percebida também em outros produtos na internet, como aplicativos, sites e redes sociais, o chamado '*beta eterno*'. Em desenvolvimentos de produtos, a fase *beta* é o momento de testes com usuários, que oferecem respostas sobre possíveis defeitos. Na internet, os produtos já são entregues em funcionamento total e corrigidos e melhorados com atualizações. Por exemplo o Facebook, que constantemente apresenta novas funções e alterações em aplicações existentes, estando sempre em construção, nunca um produto pronto. Por isso, minha conclusão é que a notícia em rede possui a mesma característica, por poder sempre ser ampliada com novas páginas acopladas por hiperlinks. Em comparação com as mídias tradicionais, onde as reportagens são entregues prontas e de maneira linear, não posso mostrar fisicamente a notícia em rede. Neste estudo, fiz um recorte temporal para mostrar o processo de circularidade, incluindo a estrutura da rede e a materialização em páginas com informações no portal UOL. Mas é preciso considerar que as páginas são acopladas ao todo de acordo com o surgimento de novas informações, e para isso não existe um prazo. A notícia em rede será sempre um produto em formação.

O recorte temporal da notícia em rede da morte do ministro Teori Zavascki foi definido pela parte principal na capa do portal UOL, mas, pela característica da construção contínua, não significa o fim da informação. Depois dos seis dias definidos, as repercussões ainda fazem parte da notícia em rede. No caso da morte do ministro Teori Zavascki, o principal assunto foi a sucessão no STF, com páginas como 'Para evitar rugas com STF, Temer busca nome que não desagrade Cármen Lúcia', no dia 25 de janeiro, e outras que tratam sobre falas do Temer e de outros personagens, possíveis nomes e análises dos possíveis escolhidos. Depois da indicação de Alexandre de Moraes, a maioria das páginas é uma análise do novo ministro. Outro assunto em destaque após o dia 24, último dia do recorte, é a sucessão do relator da Operação Lava-Jato e sua continuidade, como em 'Juiz auxiliar de Teori vem a Curitiba para interrogar Marcelo Odebrecht', no dia 26 de janeiro, e 'Supremo retoma pauta nesta semana e deve decidir futuro da Lava Jato', no dia 29 de janeiro. São temas importantes politicamente e da mesma relevância que deu destaque à morte de Teori: maior órgão do poder jurídico e Operação Lava Jato. Por isso, informações sobre o acidente em si perdem destaque, com poucas páginas em destaque na capa. 'Piloto de Teori pode ter adotado prática informal de pouso' foi publicada no dia 29 de

janeiro e ‘Perícia de acidente que matou Teori deve descartar sabotagem’, saiu quase dois meses depois, disponibilizada no dia 20 de março.

Por ser um conjunto extenso de páginas, a notícia em rede deve ser um trabalho em conjunto. Para o UOL, a partir da capa, a cobertura é dividida entre parcerias com outros sites, repórteres, jornalistas que trabalham na redação e agências de notícias. Dentro do próprio site do UOL, as páginas variam entre assinaturas de um repórter, de vários repórteres, da redação do UOL, de repórteres no local, de colaborações, de agências de notícias, de blogs do portal e de parcerias de conteúdo. São publicações que oferecem novas informações, como em ‘Teori estava em avião que caiu no litoral do Rio, dizem STF e família’ ou ‘Corpo de Bombeiros retoma buscas por corpos de vítimas de acidente aéreo em Paraty’ (repórter, com indicação do local), resumem informações adquiridas, como em ‘Morre o ministro do STF Teori Zavascki’ (da redação), utilizam conteúdo de agências de notícias, como ‘PF abre inquérito para investigar acidente que matou ministro da Lava Jato’, dão opinião de especialistas, como ‘Sob luto, Supremo precisa proteger a Lava Jato’, do Blog do Josias ou por ocasião de local, como ‘Tragédia no mar de Paraty: os bastidores do acidente de Teori Zavascki’, como o Blog do Barcinski, onde o autor estava por coincidência no local e comenta os bastidores. As parcerias são principalmente da ligação econômica com a Folha de São Paulo, entre as reportagens do site e as impressas repassadas ao site, que se misturam, mas também incluem a Band e o Paraná Portal. O primeiro nas matérias ‘Morte de Teori Zavascki não pode paralisar processos da Lava Jato, diz Marco Aurélio Mello’ e ‘Avião com Teori Zavascki poderia ter pousado em outro local para fugir do mau tempo’, e o segundo em ‘Cármen Lúcia pode homologar delações da Odebrecht, sugere presidente da OAB’. O UOL usa as parcerias para ampliar a notícia em rede, embora prefira manter o usuário dentro do próprio portal.



Figura 17. Diferentes tipos de colaboração na notícia em rede.

Os números das tabelas 1 e 2 acima apontam o uso da *hipertextualidade*, característica primordial da notícia em rede, mas sem utilização completa do potencial. Os hiperlinks são utilizados para ligação entre as páginas. Na manchete ‘Morre o ministro do STF Teori Zavascki’, publicada às 19h01, que separei por conter a informação principal da notícia em

rede, abre as seguintes novas páginas para ampliar informações em: ‘Morre Teori Zavascki, ministro do STF; veja repercussão’ onde mostra as mensagens de vários personagens importantes, que por isso amplia para algumas páginas próprias com essas mensagens; ‘O que se sabe sobre a queda do avião em que estava Teori Zavascki’ para resumir os detalhes técnicos do acidente, ampliadas em páginas próprias sobre isso; e ‘Família de Teori pede velório em Porto Alegre, diz STF’, ‘Teori representa ponto alto na história da nossa Justiça, diz Cármen Lúcia’, ‘Moro se diz perplexo com morte de Teori e chama ministro do STF de ‘herói brasileiro’” e ‘Bombeiros localizam três corpos dentro do avião que caiu em Paraty’.

Pelo diagrama na Figura 18, é possível observar o conjunto de páginas em ligação que formam a notícia em rede como um hipertexto, que tem horários aproximados (indica um produto construído simultaneamente) e atuam como informações ampliadas, a partir da página ‘Morre o ministro do STF Teori Zavascki’. Os traços cinzas duplos indicam que a página volta para a anterior, o que não acontece muitas vezes. A ampliação da informação continua por um caminho sem volta indicada, também pela possibilidade do próprio consumidor usar ferramentas de volta. Da capa, são apenas duas páginas ligadas além da manchete. Ou seja, a página saindo da capa do portal UOL oferece links para páginas com mais links como acessórios dela mesma, sem ligação com as manchetes. E, se a capa disponibiliza outras 23 páginas, cada página dessa vai oferecer mais links acessórios de complementação. Esta é só uma página, separada pelo destaque principal na capa do UOL, que permite compreender a notícia em rede como um complexo hipertexto composto por milhares de páginas.

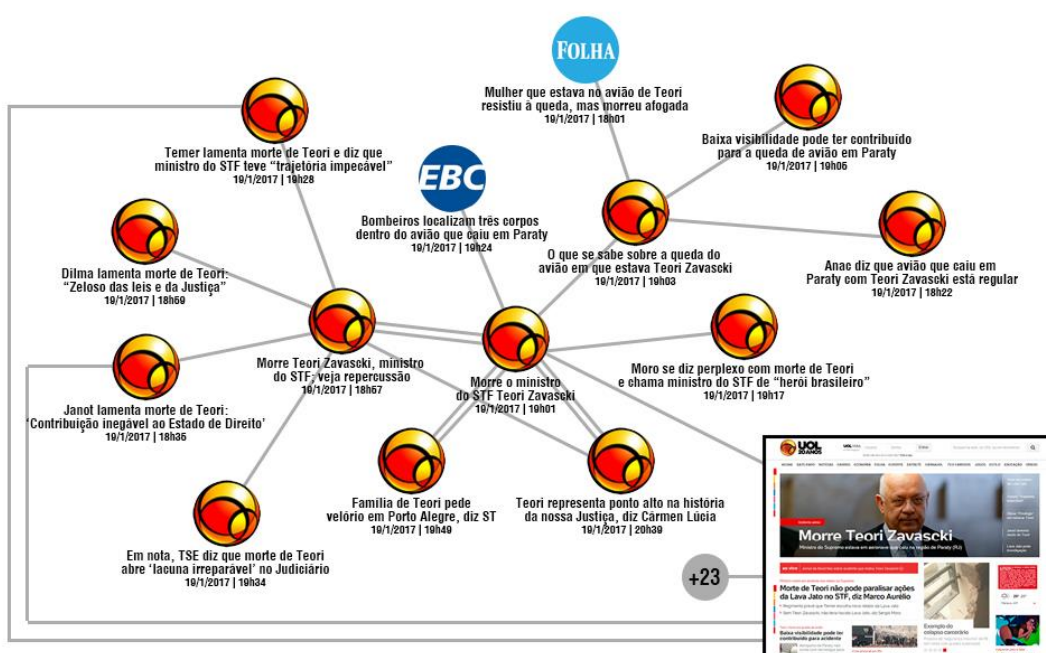


Figura 18. Ligações da manchete principal do dia 19 de janeiro de 2017.

Os hiperlinks transformam a notícia em uma notícia em rede com ligação entre páginas formando um conjunto atualizado, com páginas do mesmo período. Na página ‘O que se sabe sobre o acidente que matou Teori e quais as dúvidas’, que separei por ser um resumo das informações, somam-se 8 links, que ligam para ‘Morre o ministro do STF Teori Zavascki’, ‘Professora e filha massoterapeuta estão entre vítimas de acidente com Teori’, ‘Especialistas apontam clima como causa mais provável para queda’, ‘FAB localiza gravador de voz em avião que caiu com Teori e mais quatro’, ‘Dono do Emiliano era companhia de Teori para fugir da pressão’, ‘Tragédia no mar de Paraty: os bastidores do acidente de Teori’, ‘Teori: o que é real nas teorias conspiratórias que enlouquecem a internet’ e ‘Piloto de acidente com Teori era considerado o ‘mais experiente’ da rota’. Apenas a primeira, por ser a informação principal, era do dia anterior. Todas as outras ampliam a informação, até mesmo porque a página que inicia o diagrama da Figura 19 tem essa característica. No terceiro nível, percebe-se a possibilidade de recuperação de arquivo em banco de dados para ampliar a notícia em rede. A partir da página ‘Teori: o que é real nas teorias conspiratórias que enlouquecem a internet’, interliga-se oito publicações, inclusive um tweet, sendo duas de arquivo: ‘STF autoriza fatiamento de delação de Sérgio Machado; Temer é um dos citados’ (23/9/2016) e ‘Em diálogos gravados, Jucá fala em pacto para deter avanço da Lava Jato’ (23/5/2016). A possibilidade de arquivo permite aos usuários acesso direto ao banco de dados, sem necessidade de contextualização da página e entende-se que páginas antigas também podem ser acopladas à notícia em rede, o que mantém a característica de produto sempre em construção.

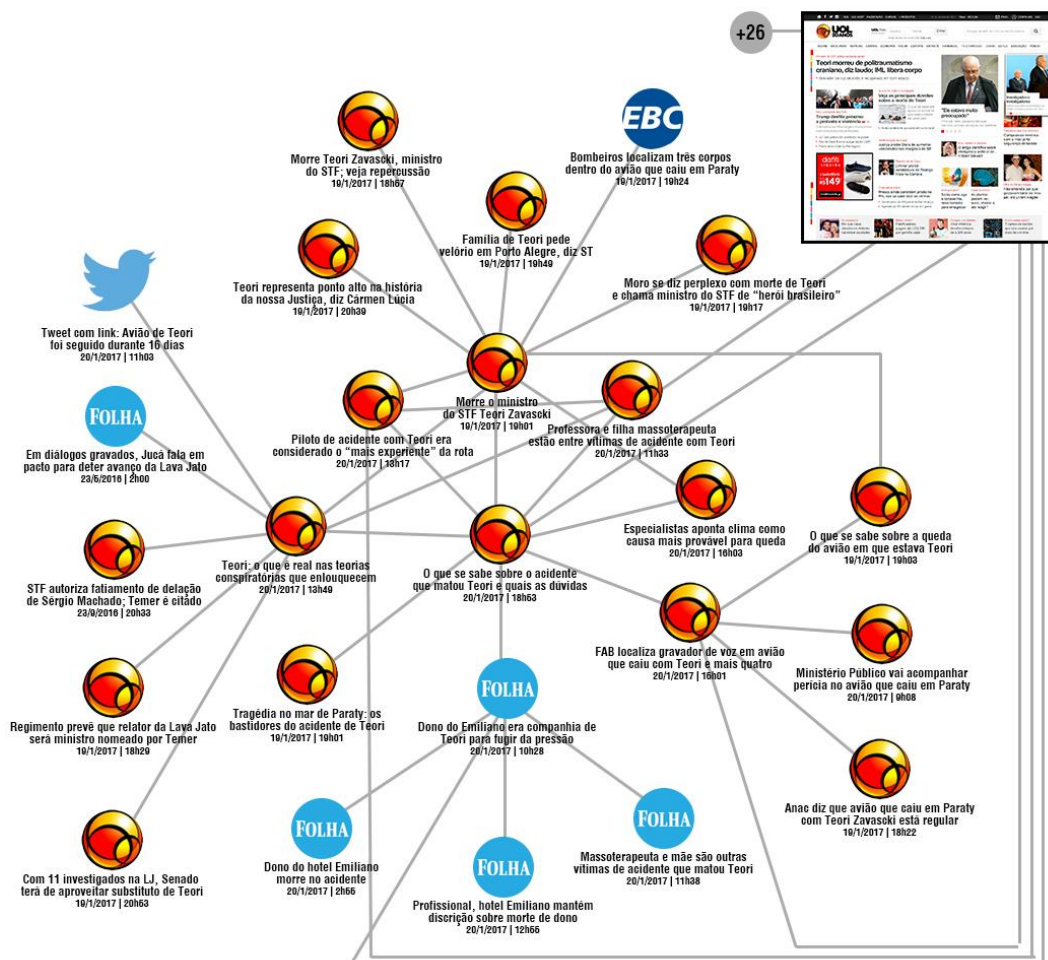


Figura 19. Ligações da manchete principal do dia 19 de janeiro de 2017.

A hipertextualidade permite o desenvolvimento jornalístico pela notícia em rede em uma narrativa não linear, pois não exige que os usuários comecem a leitura da informação pela página principal, ou seja, pela manchete, levando em consideração que muitos consomem notícias pelas redes sociais e não percebem os destaques propostos pelo portal UOL, e pela possibilidade de utilização do arquivo. A narrativa da notícia em rede, ou seja, a distribuição das informações pela sua relevância, é criada pelos próprios consumidores, possuindo uma linearidade particular para cada pessoa que a consome. As páginas são criadas rapidamente de acordo com a apuração de novas informações e acopladas à notícia em rede, que se torna um produto extenso que pode ser acessado das várias maneiras citadas no processo de circularidade, na subseção 3.4. A capa do UOL é uma das formas de "vender" este produto, mas pela centralidade das redes sociais no processo de circularidade, o poder de controle do consumo da notícia em rede diminui ainda mais. Pela quantidade de páginas disponíveis, percebe-se como a narrativa da notícia em rede é construída com o tempo, dependendo da disponibilidade, fontes,

importância, com valores/notícia próprios para cada página, e não é planejada de início como hipertexto, como preveem alguns autores, onde na produção as interligações são pensadas antes.

A notícia em rede materializa-se como um hipertexto multimidiático pelas relações encontradas no Ecosistema Comunicacional, entre a velocidade exigida pela sociedade e possibilitada pelo ambiente tecnológico, a capacidade de publicar diversos formatos na notícia em rede, a fragmentação da informação pelos jornalistas, a capacidade do portal UOL pelas parcerias e quantidade de jornalistas, a competição, o interesse das pessoas pelo acontecimento e as individualidades de formas de uso dos sujeitos. Pela velocidade, as informações são postadas assim que possível, independente do formato, também pela facilidade de postar páginas na internet e pela vontade dos jornalistas de disponibilizar a informação primeiro. A velocidade faz com que se crie mais páginas com informações e a capacidade econômica do UOL permite atuar nesse número de publicações, até mesmo para atender a demanda do interesse das pessoas, devido à importância e relevância de Teori Zavascki, do STF, da Operação Lava-Jato e do momento político do país. Além das individualidades dos sujeitos, que, pela grande quantidade de informação disponível na internet, em alguns casos, se informam apenas lendo as chamadas ou pelas redes sociais, o que faz com que as informações fragmentadas em várias páginas facilitem o entendimento das páginas. Nesse contexto, o UOL atua com a publicação de várias páginas com o andamento da cobertura, criando o grande hipertexto multimidiático que forma a notícia em rede.

Pela importância do personagem e da atuação dele na sociedade, a notícia em rede ampliou-se e, por isso, se formou o extenso hipertexto de páginas durante esse período. As informações durante a cobertura iniciaram com o acidente, passaram pelas homenagens, velório, enterro, e depois entrou na substituição do ministro no STF. Os temas da notícia em rede mudam com o andamento da cobertura. Separando em 6 categorias de assuntos – acidente, investigação, Operação Lava-Jato, sucessão no STF, perfil de Teori Zavascki e lamento de personagens –, podemos ver as mudanças de tópicos. No dia 19 de janeiro, as páginas traziam principalmente informações do acidente, mas também já começam a falar da Operação Lava-Jato e lamento de personagens importantes. Em menor número, o UOL aborda a sucessão no STF, o perfil de Teori Zavascki e início da investigação. No dia 20, o acidente ainda é o assunto mais falado, mas já divide as atenções com páginas sobre a operação Lava-Jato, sucessão no STF, perfil de Teori Zavascki, investigação e lamento de personagens. No dia 21, a sucessão no STF é o assunto mais importante e destacado, com poucas páginas de acidente, operação Lava-Jato, lamento de personagens e investigação. No dia 22, os assuntos são reduzidos. O

mais comentado é a operação Lava-Jato, seguido de investigação e sucessão no STF. No dia 23, a sucessão no STF e a Operação Lava-Jato dividem o destaque, com páginas também sobre a investigação. No dia 24, a investigação ganha maior número de páginas, mas também tem informações sobre a operação Lava-Jato e sucessão no STF. Pela construção contínua, a notícia em rede é capaz de mudar os destaques e com o tempo se formar em um produto informativo com dados completos. No início, os detalhes do acidente. Depois, as preocupações com a sucessão no STF e a Operação Lava-Jato aumentam. Nos últimos dias do recorte, os órgãos públicos começam a divulgar informações sobre a investigação.

A formação dessa rede de páginas de notícias é desenvolvida com a participação de homens-mídia, seja por uso das redes sociais, produção jornalística em blogs ou criação de sites próprios, dentro do processo de circularidade da notícia na internet, mas também com comentários dentro das páginas do UOL e cliques nas páginas. Os dados de interação dos homens-mídia nas redes sociais podem guiar o desenvolvimento da notícia em rede pela descoberta dos assuntos que mais interessam as pessoas, além de obrigar a informação rápida pela competição do UOL com as próprias pessoas. Nas redes sociais, o espaço e possibilidades para ambos são as mesmas. A produção jornalística em blogs e sites menores competem pela atenção dos usuários e obrigam novas apurações e mais informações dos portais, que, para utilizar a capacidade do maior número de jornalistas, rivalizam pela criação de páginas fragmentadas. Dentro das páginas da notícia em rede, a participação é percebida pelos comentários dos homens-mídia, um espaço livre (embora com algumas restrições) para opiniões e informações que permitem a outras pessoas ampliarem o conhecimento sobre a notícia por meio da opinião de outros. Além dos comentários, a ação de clicar também gera informações aos portais que moldam os assuntos e as formas que as páginas são publicadas. Compartilhamentos, comentários e cliques são ações que geram dados e informações aos portais que fazem parte da participação direta dos homens-mídia na notícia em rede.

4. CONSIDERAÇÕES

Como escrever uma conclusão? Primeiro, não considerando o último capítulo do trabalho como o encerramento do olhar sob a notícia na internet e finalização das discussões teóricas que propus durante as mais de cem páginas deste estudo. Então, como escrever as últimas considerações da dissertação? É necessário um esforço de olhar o passado, presente e futuro do caminho trilhado por mim durante o processo de pesquisa. Como foram as abordagens teóricas que guiaram a minha visão científica? O que foi encontrado sobre a notícia na internet nesta dissertação? Quais pontas abertas permitem a ampliação do conhecimento? Por isso, preciso determinar o que eu acredito ser necessário resumir ou salientar antes de encerrar o texto. Devo registrar os apontamentos teóricos encontrados nos dois primeiros capítulos, determinar se os objetivos propostos na introdução foram alcançados, mostrar o meu percurso metodológico na produção da dissertação, resumir os resultados encontrados na cartografia da notícia na internet pelo UOL, perceber as contribuições para o campo da comunicação e observar questões futuras deixadas aqui. São considerações que servem para encerrar a dissertação ao resumir as questões tratadas, mas permitem observar novas trilhas possíveis.

Nos dois primeiros capítulos, as discussões teóricas abordaram a concepção dos Ecossistemas Comunicacionais e como pude utilizar como base científica para estudar o webjornalismo. A noção ecossistêmica, estudada no PPGCCOM/UFAM, oferece uma visão amazônica para os problemas da comunicação, usando as interconexões percebidas na natureza como modo de observar o fenômeno comunicacional. O foco do olhar está nas relações, no todo como mais que a soma das partes, e sem excluir o ambiente físico (natureza) e conceitual (espaço de atuação) do processo, formando o Ecossistema Comunicacional, no singular, como pretende Colferai. A complexidade, a ecologia profunda, a autopoiese e o olhar para as relações constituem a base teórica para o desenvolvimento científico da visão amazônica. Com essas concepções, e levando em consideração o Ecossistema Comunicacional como campo em formação, me permiti deixar uma contribuição para o conceito, mesmo que de forma inicial, percebendo como as estruturas sociais emergem dos sujeitos, devendo considerar seus objetivos individuais e em grupos; a essencialidade das relações sociais para continuidade da vida, sendo estas responsáveis pelas materialidades e significados; e o movimento contínuo da sociedade, no qual os valores sociais, políticos, técnicos e individuais alteram constantemente.

Com base na concepção amazônica do PPGCCOM/UFAM, especificamente a do grupo de pesquisa Interfaces, percebo a notícia na internet como resultado das relações e dos processos ocorridos no Ecossistema Comunicacional, que envolvem não só jornalismo,

profissionais, técnicas e dispositivos tecnológicos, como também a tensão dos papéis econômico e político do campo e os desencadeamentos originados da informação. A notícia não é produto apenas da tecnologia em questão e do suporte para o qual ela é produzida, como se informação na internet fosse rápida apenas porque o meio online assim permite. Ela é rápida também devido às necessidades das pessoas pelo fluxo acelerado de informações, trazidas da instantaneidade da sociedade pós-moderna, e pela competição com outros elementos participantes do processo de circularidade. Assim como a multimídia e hipertextualidade. As características da notícia na internet são emergentes das interconexões no Ecosistema Comunicacional, principalmente pela demanda dos homens-mídia. E também não age em um vácuo, como se o processo terminasse após a disponibilização da notícia na internet. Envolve processos de recepção do homem-mídia, que age sobre ela, devolve, e possibilita a continuidade recorrente da circularidade da notícia, o que se percebe como a participação ativa dos sujeitos, que antes eram considerados apenas receptores do processo comunicacional.

A base teórica do Ecosistema Comunicacional permitiu-me elaborar e caminhar por um percurso metodológico que orientou os cumprimentos dos objetivos. Separando o objetivo geral em categorias, encontro quatro metas principais: Cartografar as trilhas da notícia. Observando o processo de circularidade. Da informação jornalística na internet. Pela compreensão da cobertura do portal UOL. A cartografia da notícia no portal UOL estabelece as trilhas possíveis pela informação jornalística na internet, levando em consideração elementos da rede que envolve as instituições, sociedade, mercado e individualidades. Observando o processo caótico e desordenado entre os dispositivos midiáticos e meios de comunicação da notícia na internet, que chamei de circularidade, incluindo todos os suportes do Ecosistema Comunicacional, sem excluir as formatações do mercado. Desse processo de circularidade, emerge a notícia na internet, que, pelas relações do Ecosistema Comunicacional, se materializa como um produto do jornalismo veloz, hipertextual e multimídia. É o que percebo de seis dias de cobertura do portal UOL da morte do ministro do STF, Teori Zavascki, no dia 19 de janeiro de 2017, embora compreendendo que as características são subaproveitadas pelo portal.

O percurso para alcançar os objetivos passou pelos estudos teóricos e por momentos de reflexão sobre as etapas de produção e da apresentação dos resultados. De início, o objetivo era compreender a “evolução” da notícia. Entretanto, o termo mostrou-se extensivo para o olhar da notícia na internet, levando em consideração que a informação não “evolui”, ela expande. Por isso, determinei o seguimento pelo caminho da cartografia do processo de circularidade, que envolve a rede, os movimentos e a forma de disponibilização da notícia no Ecosistema

Comunicacional. De acordo com a perspectiva dos questionamentos nascidos pela crise na ciência, a decisão foi utilizar conceitos como base de metodologia, para não provocar um fechamento metodológico a um formato já estabelecido e evitar resultados irrelevantes. Por isso, a matriz de observação (e não analítica, como pede Capra) foi definida utilizando a visão ecossistêmica da Amazônia. Senti a necessidade de desenvolver um estudo ecossistêmico, mas sem fugir do objetivo geral de compreender a notícia na internet e que contribuísse para o campo do webjornalismo. Por isso, o trabalho inicialmente seria dividido em três camadas: as relações, a circularidade e a notícia. Durante o estudo teórico, percebi as similaridades entre as camadas com as quais ia trabalhar e as quatro perspectivas da vida social de Capra – rede, matéria, processo e significado. As *relações* gerais são a estrutura da *rede*, a *circularidade* é o *processo* que indica movimento e a *notícia* é a *matéria*, com o *significado* permeado como barreira do Ecosistema Comunicacional. Esta é a possibilidade da cartografia: desviar e buscar caminhos. E segui a conjunção da perspectiva de Capra como matriz metodológica na cartografia da notícia na internet.

Para o estabelecimento do “processo de circularidade” da notícia na internet, os conceitos foram ampliados durante a produção da pesquisa, de acordo com a base teórica do Ecosistema Comunicacional. Inicialmente, os elementos midiáticos que seriam mostrados no processo foram determinados como mídias utilizadas pelo jornalismo, como televisão (Globo, Globonews), rádio (CBN), impresso (Folha de São Paulo), portais (UOL) e redes sociais (Facebook e Twitter) com potencial jornalístico. O problema era limitar a visão à técnica. Com o tempo, fui adicionando elementos importantes para o fluxo da notícia na internet que se destacam pela participação dos usuários, mesmo que apenas de cliques em busca da informação, como blogs, sites de busca (Google), outras redes sociais menos informativas (Instagram) e os painéis físicos. A visão ecossistêmica exige levar em consideração questões humanistas e, por isso, precisei olhar também suportes que permitem a participação dos usuários, mesmo que não dominados pelo jornalismo, e estabelecer diferenças entre os elementos de acordo com questões mercadológicas, como a competição entre portais, uso das mídias tradicionais da internet e separação entre portais e sites de disponibilização de conteúdo (Jornal Nacional).

Após a realização do caminho teórico e a definição do percurso metodológico, os resultados foram alcançados de acordo com as quatro perspectivas da vida social de Fritjof Capra, categorizadas em três matrizes de observação: forma (elementos que estruturam a rede do jornalismo na internet), processo (movimento de circularidade de notícia na internet por dispositivos) e matéria (materialização da informação jornalística como notícia em rede),

levando em consideração que o significado permeia todos os elementos e cria as barreiras do Ecosistema Comunicacional. Dessas perspectivas, cheguei a considerações sobre a notícia na internet. Essa metodologia viabilizou-me desenvolver um trabalho que observasse o caráter ecossistêmico do processo e ao mesmo tempo contribuísse para o campo do jornalismo. Para resumir os achados da pesquisa, apresento aqui sínteses das perspectivas.

Forma: A estrutura da notícia na internet é uma rede, formada por elementos que se relacionam e resultam nas materialidades do Ecosistema Comunicacional. A notícia da morte do ministro Teori Zavascki no portal UOL é permeada por uma rede de ‘nós’ técnicos, profissionais, conceituais, tecnológicos, sociais, culturais, econômicos e políticos que, pelas interconexões e trocas recorrentes dos acoplamentos estruturais, atuam para acontecer o modo como a notícia na internet se forma. Entender as possibilidades tecnológicas dos dispositivos, necessidades técnicas do mercado, relevância dos personagens envolvidos na notícia e alcance da internet como mídia, por exemplo – em observação como uma estrutura descentralizada –, colaboram para a compreensão da notícia na internet. Em um texto, discorri sobre as relações desses elementos como forma de estabelecer o panorama da notícia na internet.

Processo: Os movimentos da notícia (o produto do jornalismo) na internet acontecem pela atuação dos meios de comunicação e dos homens-mídia nos suportes para a distribuição da informação. Por isso, resolvi fazer a separação entre os elementos do Ecosistema Comunicacional responsáveis pelo fluxo de notícias, mesmo levando em consideração o comportamento dos elementos mostrados na *forma* (Panorama do Ecosistema Comunicacional). Tendo o UOL como ponto de partida, compreendi o processo de circularidade da notícia na internet – em fluxo recorrente, sem percurso definido, caótico, desordenado – como permeado por meios de comunicação e espaços para participação dos sujeitos, que atuam de acordo com sua relevância, potência e características técnicas. Como observado no diagrama, a maioria age para que tenhamos um movimento veloz da informação, com a apreensão do tempo e espaço. Pela observação das relações dos elementos do processo de circularidade, percebe-se que não há superação de novos meios em relação a antigos, mas sim uma convivência entre os suportes e as empresas que neles atuam.

Matéria: Escolher o UOL foi uma decisão tomada de acordo com a relevância do portal no campo do jornalismo, investimento em questões técnicas dos profissionais e tecnológicas, alcance, necessidades de investimentos em inovação e ao mesmo tempo atender a demanda dos usuários. Nesse contexto, percebo o UOL como realizador de um produto mais perto do ideal. A pesquisa me levou a destacar três características importantes da notícia como uma das

materialidades do Ecosistema Comunicacional. Hipertextualidade, multimídia e velocidade. Dos quais, no UOL, encontrei como utilização maior de vídeo, além das fotos e texto, mas com repetições, e pouco uso de outros formatos, e hipertexto marcado por páginas com poucos links, mas com uso recorrente de páginas ligadas, criando uma rede de páginas de notícias. Considero pouco aproveitamento das possibilidades, mas levo a deficiência como resultado de um processo longo de adaptação dos usuários ao consumo de informações jornalísticas na internet. A velocidade é necessária pelo ambiente tecnológico e pelas características das relações na sociedade pós-moderna, e, por isso, leva a notícia a ter atualizações contínuas. A notícia na internet é em rede, multimídia e *beta*.

A brecha intencionalmente deixada devido ao percurso decidido para a dissertação foi o olhar sob a característica da interatividade. Ela é importante para estender a compreensão da participação dos sujeitos na notícia na internet, mas exige um esforço maior próprio para fazer a ligação entre a presença ativa dos homens-mídia e a circularidade da notícia na internet. Ainda mais considerando a importância do olhar para a participação de todos os elementos no Ecosistema Comunicacional. Entretanto, a preferência foi utilizar o tempo da pesquisa para estabelecer a estrutura da rede, perceber o processo de circularidade de acordo com os suportes disponíveis e observar a materialidade da notícia na internet de acordo com características mais “físicas” (hipertexto e multimídia) e “culturais” (velocidade da sociedade). É um caminho decidido, não uma carência. É um percurso futuro para a cartografia na internet, a partir das quatro perspectivas da vida social de Capra já definidas.

Os resultados alcançados pela pesquisa contribuem para o campo da comunicação pela continuidade das discussões do Ecosistema Comunicacional como a visão da Amazônia para o fenômeno da comunicação. Como conceito teórico em formação, principalmente com estudos realizados no PPGCCOM/UFAM e pelo grupo de pesquisa Interfaces, as pesquisas realizadas utilizando a concepção amazônica como base teórica permitem a ampliação da carga científica e fortalecem a área, pois permite observar as contribuições dos Ecosistemas Comunicacionais para diferentes objetos da comunicação. No meu caso, pelo conceito foi possível realizar a percepção da notícia na internet pelas relações envolvidas na rede e os movimentos no processo de circularidade, inclusive em relação às suas características e considerando a importância e relevância das interconexões com outros meios de comunicação. É uma forma de olhar além das questões técnicas necessárias para a produção jornalística ou das possibilidades criadas pela emergência das tecnologias de comunicação e informação e da internet. A notícia é como é porque envolve questões técnicas, profissionais, sociais, culturais, políticas e individuais.

Este é mais uma dissertação do PPGCCOM/UFAM que abrange discussões teóricas de formação do Ecosistema Comunicacional, fortalecendo o conceito como uma visão possível, e é um convite para outros pesquisadores, principalmente da Ufam, mas também em outros locais, perceberem a relevância do olhar ecossistêmico a partir da Amazônia e como permite a exploração do fenômeno em novas facetas. Em um cenário de crise na comunicação, encontrar na região Norte do Brasil um modelo teórico próprio é essencial para descentralização do conhecimento e formação da comunicação como ciência. Prestes a terminar minha dissertação, fiquei sabendo da criação do grupo de pesquisa em Ecossistemas Comunicacionais (COMtatos), na Universidade Federal de Rondônia (Unir). É mais um indicativo do estabelecimento do conceito como forma teórica, emergente na região. Sob a carga científica do Ecosistema Comunicacional, também foi possível oferecer uma nova visão para o estudo da notícia como produto do jornalismo, de acordo com suas relações. Mas ainda como contato inicial entre o conceito e o objeto notícia na internet, que futuramente pode envolver adaptação da metodologia, observação de outros portais ou coberturas e ampliação dos resultados alcançados nessa dissertação.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.
- BAIRON, Sérgio. **O que é hipermídia**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. **Rosa dos Ventos**, Caixas do Sul (RS), v. 6. n. 3. p. 342-355, jul/set. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- __. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOTTON, Alain de. **Notícias: manual do usuário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- BRAGA, Adriana. Todo mundo pode ter blog? Práticas de legitimação na blogosfera. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulina, 2009.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. [Covilhã], Portugal: UBI, [2001]. Disponível em: <<http://bit.ly/1iwjV6v>>. Acesso em: 19 de outubro de 2015.
- __. **Texto inteligente e qualidade (quase) zero**. [Covilhã], Portugal: UBI, [2002]. Disponível em:<<http://bit.ly/1swZkoe>>. Acesso em: 1º de maio de 2015.
- __. **A Internet como Memória**. [Covilhã], Portugal: UBI, [2004]. Disponível em: <<http://bit.ly/1sMuWqt>> Acesso em: 1º de maio de 2015.
- __. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. [Covilhã], Portugal: UBI, [2006] Disponível em:<<http://bit.ly/1WaOiBw>>. Acesso em: 9 de abril de 2015.
- __. **Hipertexto e recepção de notícias online**. [Covilhã], Portugal: UBI, [2008]. Disponível em:<<http://bit.ly/1WLd8sh>> . Acesso em: 1º de maio de 2015.
- __. **O novo ecossistema midiático**. [Covilhã], Portugal: UBI, [2010]. Disponível em: <<http://bit.ly/1qDi1oI>> Acesso em: 10 de maio de 2015.

- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 11 ed. SP: Editora Cultrix, 1996.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CARDOSO, Gustavo. **A mídia na Sociedade em Rede**: filtros, vitrines, notícias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- __. **A sociedade em rede**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- COLFERAI, Sandro. **Um jeito amazônida de ser mundo** - A Amazônia como metáfora do Ecosistema Comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- COLFERAI, Sandro. Uma leitura amazônida do conceito de Ecosistema Comunicacional. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2015, Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/1s3zg45>>. Acesso em: 22 de maio de 2015.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- DEUZE, Mark. 2001. Apud DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo**: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência. Salvador: EDUFBA, 2009.
- DIMENSTEIN, Gilberto. CORTELLA, Mário Sérgio. **A era da curadoria**: o que importa é saber o que importa! Campinas (SP): Papyrus, 2015.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 25. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

- ___. Fabbri, P. Progetto di ricerca sull'utilizzazzione dell'informazione ambientale. Problema dell'informazione, ano III, n. 4, out/dez, p. 555-597. Apud ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.
- FERREIRA, Pollyana. **Jornalismo digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ___. **A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- ___. **No tempo das telas: Reconfigurando a Comunicação**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014b.
- ___. **A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- FEYERANBEND, Paul. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FREITAS, S.E.C. **Crítica expandida: um estudo do espaço acústico da crítica cinematográfica na web**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o componente transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- KEEN, Andrew. **O Culto do Amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ___. **Ideologia e técnica da notícia**. 4. ed. Florianópolis: Insular, 2012.
- LEMOS, André. Celulares, Funções pós-midiáticas, Cidade e Mobilidade. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [Curitiba], v.2, n. 2, p. 155-166, jul./dez. 2010.
- ___. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

- LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. Barueri (SP): Manole, 2016.
- MAIGRET, Éric. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.
- ___. **Ser jornalista**: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- MATTERLART, Armand. MATTERLART, Michéle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Cohecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Atenas, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MCLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**: um inventário de efeitos. Rio de Janeiro: Ìmã, 2011. Não paginado.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- ___. **Narrativas da contemporaneidade**: epistemologia do diálogo social. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba (SP), v. 2, n. 4, p. 8-22, dez. 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: ___. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 9-29

- MONTEIRO, Gilson; COLFERAI, Sandro. Por uma pesquisa amazônida em comunicação: provocações para novos olhares. In: MALCHER, Maria Ataíde (org.) [et al.]. **Comunicação Midiatiza na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. p. 33-47.
- MONTEIRO, Gilson; COLFERAI, Sandro. Quando o corpo fala: considerações para uma abordagem enativa da comunicação. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2014, Foz do Iguaçu. São Paulo: Intercom, 2014.
- MONTEIRO, Gilson; COLFERAI, Sandro. Inquietações amazônidas: considerações para uma abordagem enativa da comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, jan./abr. 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/25gzaYv>>. Acesso em: 8 de agosto de 2016.
- MONTEIRO, Gilson. Ecossistemas comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. **Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2015. p. 43-60. Disponível em: <<http://bit.ly/1U6LE9H>> Acesso em: 30 de janeiro de 2016.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- OLIVEIRA, Márcio Regina de. Interações na Blogosfera. In: SHEPHERD, Tania. SALIÉS, Tania. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.
- OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. MOSSI, R. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, set/dez. 2014.
- PALACIOS, Marcos. Jornalismo on-line, informação e memória: apontamentos para debate. Workshop Jornalismo on-line, 2002. Apud RODRIGUES, Carla. Ainda em busca de definições para o jornalismo on-line. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulina, 2009.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PEREIRA, Mirna Feitoza; Ecossistemas Comunicacionais: uma proposição conceitual. In: MALCHER, M. A.; SEIXA, N. S.dos Anjos; LIMA, R. L. Alves de, FILHO, O. Amaral (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011.
- PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

- RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: efeitos da difusão de informações nos sites de rede social. In: VIZER, Eduardo (org.). **Lo que McLuhan no previó**. Buenos Aires, Argentina: La Crujía, 2012. 1v. p. 205-223. Disponível em: <<http://bit.ly/1s3zWGI>>. Acesso em: 21 de maio de 2016.
- __. “Deu no twitter, alguém confirma?” Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: **9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2011, Rio de Janeiro. Brasília: SBPJor, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/1sMxs05>>. Acesso em: 21 de maio de 2016.
- RECUERO, Raquel. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- RIZZOTTO, C. C. Constituição histórica do poder na mídia no Brasil: o surgimento do quarto poder. **Revista Estudo Comunicacional**, Curitiba, v. 13, n. 31, p. 111-120, maio/ago. 2012.
- RUBLESCKI, Anelise. Jornalismo líquido e a webnotícia profissional: metamorfoses produtivas, deslocamentos conceituais e o duplo estatuto das notícias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 18-33, jan/jun. 2012.
- RUDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SEIXAS, L. Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação, 2009. <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/seixas-classificacao-2009.pdf>> Apud PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan/jun. 2015.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. **Brazilian Journalism Research**. [s. l.], v. 6. n. 2, p. 7-16, 2010.
- __. **A Narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- __. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.
- __. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **MATRIZES**, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 11-27, jan/jun. 2012c.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 3. ed, Florianópolis: Insular, 2012.
- __. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013. 2v.
- VARÃO, Rafiza. Harold Lasswell (1902-1978). In: AGUIAR, Leonel. BARSOTTI, Adriana. **Clássicos da comunicação**: os teóricos: de Peirce a Canclini. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**: e as perspectivas do tempo real. São Paulo: Editora 34, 2014.
- VIZER, Eduardo Andrés. **A trama (in)visível da vida social**: comunicação, sentido e realidade. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- __. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- **REUTERS INSTITUTE DIGITAL NEWS REPORT**, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2g0056f>> Acesso em: 21 de janeiro de 2017.
- **EDELMAN TRUST BAROMETER**, 2016. Disponível em: < <http://bit.ly/20a4LFa>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.
- TEAM, Trefis. How Big Is The Fake News Problem For Facebook? **Forbes**, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2jL1zDJ>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.
- SÁ, Nelson de. Difusão de notícias falsas volta a crescer no Facebook. **Folha de São Paulo**, 2016. Disponível em: < <http://bit.ly/2fbCAnZ>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.
- **FOLHA DE SÃO PAULO**, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2fs05gC>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.
- TOSTÃO. O futebol está repleto de rituais, clichês, lendas e superstições. **Folha de São Paulo**. 19 de março de 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2payWDw>>. Acesso 19 de março de 2017.

- **PPGCCOM**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <<http://bit.ly/2q4KqJz>>. Acesso em 20 de maio de 2017.
- **ALEXA**, Ranking Top Sites in Brazil, 2017. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em 1º de junho de 2017.